

A Cultura Açoriana e a Educação para a Cidadania na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio

Sofia Amaral

Mestrado em

**Educação Pré-Escolar e Ensino do
1.º Ciclo do Ensino Básico**



Ponta Delgada
2018

A Cultura Açoriana e a Educação para a Cidadania na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio

Sofia Amaral

Orientadoras

Professora Doutora Josélia Mafalda Ribeiro da Fonseca

Professora Doutora Susana Goulart Costa

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico



Ensinar é um exercício de imortalidade.

*De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo
pela magia da nossa palavra.*

O professor, assim, não morre jamais.

Alves (1994, p. 4)

Agradecimentos

Chegando ao fim de mais uma etapa de árduo trabalho e dedicação, torna-se importante agradecer a todos aqueles que de algum modo contribuíram e acompanharam este meu percurso. Assim agradeço, de coração cheio:

Aos meus padrinhos, meus segundos pais, que sempre acreditaram em mim, que sempre me ensinaram a ser forte, que me ensinaram a importância da educação e da moral, que se sacrificaram para que eu realizasse o meu sonho e que me deram todo o seu apoio e amor incondicional.

À minha avó, e ao meu tio, que me viram crescer, que de certo modo me marcaram enquanto criança que, mesmo na sua simplicidade, sempre acreditaram em mim, e se orgulharam e compreenderam a importância de todo este meu trabalho.

Ao meu avô, que apesar de não estar presente, acredito que sempre foi e será o meu anjo da guarda e me deu força quando mais precisei.

Aos meus pais, pela vida e ao meu irmão Miguel, a quem vi crescer, a quem protegi e ensinei e que, anos depois me deu força, acreditou em mim e que sempre teve uma palavra de apoio.

Ao meu namorado, por ter aparecido na minha vida num dos momentos mais difíceis, por ter continuado sempre presente com toda a sua força, paciência e amor, por continuar a ser sempre o meu companheiro.

Às minhas duas colegas de casa, que mais do que isso, acabaram por se tornar amigas, minhas “irmãs” que durante estes quase seis anos conheceram e apoiaram, de perto, os meus desabafos e angústias.

Às minhas duas companheiras de quatro patas, que estiveram sempre presentes nas minhas noites de escrita árdua e de estudo interminável, aquecendo-me e fazendo-se presentes, com o mimo que lhes é característico.

Às minhas orientadoras, Professora Doutora Josélia Mafalda Ribeiro da Fonseca e Professora Doutora Susana Goulart Costa, pela sua dedicação, orientação e compreensão, fazendo-me crescer enquanto profissional e enquanto pessoa.

À minha colega de estágio Júlia Melo, pela sua amizade, pelo seu compreensivo apoio, por compreender as minhas preocupações, por conseguir manter sempre a calma e me transmitir essa sua quietude quando mais precisei.

À educadora cooperante e ao professor cooperante que me acompanharam ao longo dos estágios e que serão um exemplo a recordar enquanto futura profissional.

A todas as crianças e alunos que tive o privilégio de conhecer e de ensinar, com quem aprendi também e que levarei para sempre comigo na minha memória e aos seus pais e encarregados de educação que se disponibilizaram quando precisei.

A todos os professores e funcionários da Universidade dos Açores, que me acompanharam ao longo da Licenciatura e ao longo do Mestrado e que estiveram sempre disponíveis e presentes quando necessitei.

A todos e todas os meus e minhas colegas que tive a oportunidade de conhecer ao longo deste percurso.

A Deus, presença constante na minha vida, que me fez ser capaz de ultrapassar todas as dificuldades quando eu mesma não tinha mais forças de continuar.

A todos, que viveram este meu percurso de perto, que me viram crescer e que, de certo modo, influenciaram quem sou hoje,

O meu eterno e sincero muito obrigada!

Resumo

O presente Relatório intitulado *A Cultura Açoriana e a Educação para a Cidadania na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico* surge da reflexão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas nas unidades curriculares de Estágio Pedagógico I e Estágio Pedagógico II. Estas são unidades curriculares que fazem parte do plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, desenvolvido pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na Universidade dos Açores.

Este documento tem como objetivos: transmitir as perceções e a importância que os pais/encarregados de educação atribuem à cultura açoriana no seu dia-dia; analisar de que forma a cultura açoriana está presente no contexto escolar e nos Currículos Nacional e Regional; promover, no contexto de sala de aula, o desenvolvimento de atividades que transmitam a importância da cultura açoriana e que contribuam para o desenvolvimento de comportamentos adequados de Cidadania; divulgar a cultura açoriana no contexto escolar; compreender como é que a cultura açoriana e a cidadania estão relacionadas e que valores de cidadania podem ser transmitidos através da cultura açoriana.

O Relatório é composto por duas partes principais que se inter-relacionam e se complementam. A primeira parte refere-se ao enquadramento teórico do tema, onde é feita uma aprofundada revisão de literatura e onde se analisam perspetivas evolutivas dos conceitos de cultura e de cidadania ao longo dos tempos, onde se contextualiza a cultura açoriana e a açorianidade do povo açoriano, onde se analisa o que é ser cidadão açoriano e onde se analisa a presença da cultura e da cidadania no currículo e a forma como se pode educar para a cidadania pela cultura. A segunda parte deste Relatório apresenta a dimensão prática e reflexiva, onde se apresenta o estudo realizado sobre as perceções de pais e encarregados de educação de crianças e alunos do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico; onde se faz uma descrição dos contextos de estágio e uma reflexão e análise crítica sobre toda a prática pedagógica desenvolvida e sobre esse estudo realizado. Por fim, é apresentado neste documento uma reflexão final sobre todo o trabalho desenvolvido e sobre a importância da cultura açoriana e da educação da cidadania para o desenvolvimento das crianças e dos alunos nestes níveis de ensino.

Palavras-chave: Cultura; Educação; Cidadania; Estágio Pedagógico; Pré-Escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Abstract

This Report entitled *The Azorean Culture and Education for Citizenship in Pre-School Education and the 1st Cycle of Basic Education* arises from the reflection on the pedagogical practices developed in the curricular units of Pedagogical Stage I and Pedagogical Stage II. These are curricular units that are part of the syllabus of the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, developed by the Faculty of Social and Human Science, at the University of the Azores.

This document has as objectives: transmit the perceptions and importance that the parents / guardians of education attribute to the Azorean culture in their daily life; analyze how the Azorean culture is present in the school context and in the National and Regional Curricula; promote, in the context of the classroom, the development of activities that convey the importance of the Azorean culture and that contribute to the development of appropriate Citizenship behaviors; disseminate the Azorean culture in the school context; to understand how the Azorean culture and citizenship are related and that values of citizenship can be transmitted through the Azorean culture.

The Report is composed of two main parts that interrelate and complement each other. The first part refers to the theoretical framework of the theme, where an in-depth review of the literature is carried out, analyzing evolutionary perspectives of the concepts of culture and citizenship throughout the ages, where the Azorean culture and the Azorean people's background are contextualized, where we analyze what it means to be an Azorean citizen and where we analyze the presence of culture and citizenship in the curriculum and how we can educate for citizenship through culture. The second part of this Report presents the practical and reflective dimension, which presents the study carried out on the perceptions of parents and guardians of children and students of Pre-School and the 1st Cycle of Basic Education; where a description of the stage contexts is made and where a reflection and critical analysis is made on all the pedagogical practice developed and on this study. Finally, this document presents a final reflection on all the work developed and on the importance of the Azorean culture and citizenship education for the development of children and students at these levels of education.

Keywords: Culture; Education; Citizenship; Pedagogical Internship; Preschool; 1st Cycle of Basic Education.

Índice Geral

Agradecimentos.....	i
Resmo.....	iii
Abstract.....	iv
Índice Geral.....	v
Índice de Figuras.....	viii
Índice de Tabelas.....	x
Índice de Anexos.....	xi
Índice de Siglas e Abreviaturas.....	xi
Introdução.....	1
Parte I – CULTURA E CIDADANIA.....	5
Capítulo I: Perspetivas evolutivas dos conceitos de Cultura e de Cidadania.....	5
1.1. A cultura ao longo dos tempos: um conceito heterogéneo.....	5
1.1.1. A cultura açoriana como parte de um povo – <i>Açorianidade</i>	9
1.2. A cidadania ao longo dos tempos.....	11
1.2.1. Ser/crescer cidadão (açoriano).....	14
Capítulo II: A cultura açoriana e a educação para a cidadania: que relação?.....	17
2.1. A presença da cultura no contexto educativo: implicação curricular.....	17
2.2. A cidadania como área transversal ao currículo: educar para a cidadania pela cultura – que atitudes e valores?.....	26
PARTE II – A INTERVENÇÃO EDUCATIVA NAS ESCOLAS DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO.....	30
Capítulo III: Objetivos e Metodologia do Relatório de Estágio.....	30

Capítulo IV: Percepções de pais/Encarregados de Educação sobre a presença da cultura açoriana no seu quotidiano e no quotidiano das crianças/alunos.....	34
Capítulo V: Os Estágios Pedagógicos.....	45
5.1. Contextualização do Contexto de Estágio no Pré-Escolar.....	46
5.1.1. Caracterização do Meio.....	47
5.1.2. Caracterização da Escola.....	47
5.1.3. Caracterização da Sala e das suas Rotinas.....	50
5.1.4. Caracterização do Grupo de Crianças.....	52
5.1.5. Atividades relativas à cultura açoriana e à educação para a cidadania desenvolvidas no contexto do estágio no Pré-Escolar.....	55
5.1.5.1. Descrição Reflexiva sobre a Atividade I – Dia Mundial da Alimentação: descobrindo a alimentação de antigamente.....	58
5.1.5.2. Descrição Reflexiva sobre a Atividade II – Descobrimo o ciclo do leite e seus derivados: atualmente e antigamente.....	63
5.1.5.3. Descrição Reflexiva sobre a Atividade III – Os brinquedos e as brincadeiras de antigamente: reciclando materiais.....	72
5.2. Contextualização do Contexto de Estágio no 1.º CEB.....	78
5.2.1. Caracterização do Meio.....	79
5.2.2. Caracterização da Escola.....	79
5.2.3. Caracterização da Sala e das suas Rotinas.....	82
5.2.4. Caracterização do Grupo de Alunos.....	83
5.2.5. Atividades relativas à cultura açoriana e à educação para a cidadania desenvolvidas no contexto do estágio no 1.º CEB.....	90
5.2.5.1. Descrição Reflexiva sobre a Atividade I – Redescobrimo e divulgando a autonomia e a fé açoriana.....	93

5.2.5.2. Descrição Reflexiva sobre a Atividade II – À Descoberta do Património Natural de São Miguel.....	104
Considerações Finais.....	109
Referências Bibliográficas.....	113
Anexos.....	121

Índice de Figuras

Figura 1: Esquema representativo das competências e dos temas norteadores do CREB	25
Figura 2: Esquema da planta da sala de aula onde foi realizado o Estágio Pedagógico I no Pré-Escolar.....	52
Figura 3: Exemplos de cartões com imagens reais de alimentos atuais e de antigamente (note-se que esta figura não representa o tamanho real em que estes cartões foram impressos).....	60
Figura 4: Foto da visita da sénior para partilhar os seus conhecimentos sobre a alimentação de antigamente.	61
Figura 5: Fotos da confeção do "bolo ferreiro" ou "bolo do forno".....	62
Figura 6: Exemplos dos cartões, com imagens reais de derivados de leite de produção açoriana, que foram utilizados na atividade do jogo da memória (note-se que esta figura não representa o tamanho real em que estes cartões foram impressos).	66
Figura 7: Fotos da visita de estudo à fábrica de leite Unileite.	69
Figura 8: Fotos da exposição organizada pelas crianças no hall de entrada da escola em que foi realizado o estágio no Pré-Escolar.	71
Figura 9: Lanche com produtos açorianos, organizado no hall de entrada e partilhado com uma turma de Pré-Escolar com a qual uma colega se encontrava a estagiar.	72
Figura 10: Encenação da visita da Doutora Brinquedos à sala para apresentar brinquedos tradicionais açorianos de antigamente.	75
Figura 11: Fotos dos momentos de explicação e de exploração dos brinquedos tradicionais açorianos de antigamente.	76
Figura 12: Fotos dos brinquedos (meios de transporte) construídos pelas crianças e expostos nos respetivos meios a que são associados.	78
Figura 13: Esquema da planta da sala de aula onde foi realizado o Estágio Pedagógico II no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	82
Figura 14: Fotos do momento de esquematização dos tópicos principais da cultura açoriana a serem trabalhados e de construção dos frisos geométricos.	96

Figura 15: Fotos do momento de montagem do puzzle do brasão, respetiva exploração e exploração do hino dos Açores.	97
Figura 16: Fotos do momento de descoberta e exploração dos Dons do Divino Espírito Santo.....	98
Figura 17: Fotos do momento de construção das flores para decoração do quarto em honra do Divino Espírito Santo.	99
Figura 18: Fotos do Momento de construção dos cartazes sobre as tradições açorianas exploradas.....	100
Figura 19: Cartazes finalizados e expostos no hall de entrada.....	100
Figura 20: Fotos da elaboração da exposição e do quarto em honra do Divino Espírito Santo.....	101
Figura 21: Fotos de materiais previamente construídos e arroz doce previamente confeccionado pela estagiária.....	102
Figura 22: Foto do quarto em honra do Divino Espírito Santo finalizado.	102
Figura 23: Fotos do momento de partilha do lanche (massa sovada e arroz doce) em honra do Divino Espírito Santo.	103
Figura 24: Momento de relembrar de conhecimentos sobre tipos de relevo partindo de imagens reais exemplificativas.	106
Figura 25: Imagens que foram exploradas pelos alunos como exemplos de Património Natural de São Miguel.	106
Figura 26: Exemplo de guião "À Descoberta do Património Natural de São Miguel".	107

Índice de Tabelas

Tabela 1: Género dos pais/EE inquiridos (resposta à questão n.º 1 do inquérito por questionário).....	34
Tabela 2: Faixa etária dos pais/EE inquiridos (resposta à questão n.º 2 do inquérito por questionário).....	35
Tabela 3: Situação profissional dos pais/EE inquiridos (resposta à questão n.º 3 do inquérito por questionário).....	35
Tabela 4: Naturalidade dos pais/EE inquiridos (resposta à questão n.º 4 do inquérito por questionário).....	36
Tabela 5: Local de nascimento dos pais/EE inquiridos (resposta às questões n.º 5 e n.º 6 do inquérito por questionário).....	36
Tabela 6: Local onde os pais/EE inquiridos passaram a sua infância (resposta às questão n.º 7 do inquérito por questionário).....	36
Tabela 7: Tempo de residência nos Açores dos pais/EE inquiridos (resposta à questão n.º 8 do inquérito por questionário).....	37
Tabela 8: Categorização das questões do inquérito por questionário.....	39
Tabela 9: Calendarização das atividades realizadas no Estágio Pedagógico I no Pré-Escolar.....	56
Tabela 10: Áreas/Domínios/Subdomínios, Objetivos e Estratégias da atividade I organizada no Pré-Escolar.....	59
Tabela 11: Áreas/Domínios/Subdomínios, Objetivos e Estratégias da atividade II organizada no Pré-Escolar.....	64
Tabela 12: Áreas/Domínios/Subdomínios, Objetivos e Estratégias da atividade III organizada no Pré-Escolar.....	73
Tabela 13: Calendarização das atividades realizadas no Estágio Pedagógico II no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	91
Tabela 14: Áreas/Competências, Objetivos e Estratégias da atividade I organizada no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	94
Tabela 15: Áreas/Competências, Objetivos e Estratégias da atividade II organizada no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	105

Índice de Anexos

Anexo 1: Formulário de Consentimento Informado e modelo dos Inquéritos por questionário implementados.....	120
Anexo 2: Respostas às questões abertas dos inquéritos por questionário.....	128
Anexo 3: Ficha com imagens do ciclo do leite para ordenar (atividade II – Pré-Escolar).....	142
Anexo 4: Hino dos Açores explorado pelos alunos (atividade I – 1.º Ciclo do Ensino Básico).....	143

Índice de Siglas e Abreviaturas

CATL – Centro de Atividades de Tempos Livres

CEB – CEB

CREB – Referencial Curricular para a Educação Básica nos Açores ou Currículo Regional da Educação Básica

DES – Divino Espírito Santo

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

EE – Encarregado de Educação

EP – Estágio(s) Pedagógico(s)

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PCE – Projeto Curricular de Escola

PEE – Projeto Educativo de Escola

UNECA – Unidade Especializada com Currículo Adaptado

Introdução

Este Relatório de Estágio surge como forma de obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e confere a possibilidade de exercer docência no Pré-Escolar e 1.º CEB. Este é um documento resultante da análise reflexiva sobre todo o trabalho que foi realizado ao longo dos Estágios Pedagógicos (EP) I e II nos níveis de ensino supramencionados, tendo-se em conta todas as particularidades que lhes dizem respeito. Procurou-se promover a formação das crianças e dos alunos atendendo à realidade mais próxima dos mesmos, procurando incentivar a valorização da cultura açoriana de que estas crianças e estes alunos fazem parte. Para além disso, procurou-se estimular nas crianças e nos alunos o desenvolvimento de comportamentos, conhecimentos e práticas de cidadania no contexto próximo aos mesmos, sem nunca perder de vista o facto de que estas crianças e estes alunos são, também, cidadãos globais. Na verdade, na sociedade atual, que se caracteriza por uma sociedade cada vez mais diversificada e exigente, torna-se extremamente pertinente formar crianças/alunos para serem cidadãos ativos, responsáveis e críticos, capazes de intervir conscientemente na realidade que os envolve.

Nesta lógica, foram várias as noções de cidadania presentes nos aspetos do currículo trabalhado aquando das intervenções, quer no Pré-Escolar, quer no 1.º CEB. Até porque, em ambos os níveis de ensino, a Cidadania surge subjacente às demais áreas e desempenha um papel fulcral no desenvolvimento da criança e do aluno. No primeiro nível de ensino mencionado, são trabalhadas noções de Cidadania em todas as áreas, mas principalmente no contexto da área de Formação Pessoal e Social. No segundo nível de ensino, particularmente na Região Autónoma dos Açores (RAA), a Cidadania desempenha o papel de área transversal. Por isso, e ciente da importância desta área, é fundamental procurar-se organizar diversas atividades e experiências que coadjuvem o desenvolvimento das crianças e dos alunos.

Ainda, é importante referir que na base deste Relatório se teve em atenção a consulta dos principais documentos norteadores do ensino a nível nacional e regional em Portugal, nomeadamente: *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016), *Programas e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico* (Buescu, Morais, Rocha & Magalhães, 2015), *Programa e Metas Curriculares de Matemática do Ensino Básico* (Damião, Festas, Bivar, Grosso, Oliveira

& Timóteo, 2013), *Organização Curricular e Programas – Estudo do Meio* (ME, 2012), *Referencial da área de Formação Pessoal e Social e da área Curricular Não Disciplinar de Cidadania para o Ensino Básico* (Borges, Vilela, Santos, Fonseca, Sousa & Valadão, 2010) e *Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores* (CREB) (Alonso, Sousa, Gonçalves, Medeiros & Carvalhinho, 2011).

Assim, para além de se procurar refletir sobre as práticas pedagógicas que foram desenvolvidas em consonância com a planificação da educadora e do professor cooperantes e em conformidade com os/as colegas de estágio, este Relatório aborda um complexo trabalho de revisão de literatura, pesquisa e reflexão que foi elaborada, quer durante as próprias práticas educativas, quer para além das mesmas, perto da comunidade educativa e dos pais/encarregados de educação (EE), bem como do meio envolvente às escolas onde tais estágios foram realizados. Todo este processo culminou numa posterior organização da informação recolhida, procurando-se estudar aspetos inerentes à cultura açoriana próximos das crianças e dos alunos em questão, bem como noções de cidadania subjacentes a esses mesmos aspetos, como forma de consubstanciar a temática do estudo – *A cultura Açoriana e a Educação para a Cidadania na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico* – às práticas letivas.

Neste sentido, surgiu a necessidade de se procurar entender de que forma diversos aspetos da cultura açoriana são valorizados no quotidiano de várias crianças e vários alunos nos dois níveis de ensino, de que forma a valorização desta cultura é contemplada nos programas de ensino e, ainda, como esta cultura pode servir no sentido de apelar a aspetos de cidadania intrínsecos à mesma (cultura). Para tal realizou-se um breve estudo através da aplicação de inquéritos por questionário que foram distribuídos aos pais/EE de várias crianças e vários alunos das escolas onde foram realizados os EP. Posteriormente, os mesmos foram devidamente analisados, transmitindo-nos perceções não generalizáveis, mas que permitiram avaliar, dentro do possível, as conceções que os inquiridos demonstraram ter relativamente aos aspetos mencionados.

Por fim, no que se refere à prática propriamente dita, é importante referir que ambos os EP demonstraram ser extremamente importantes para o desenvolvimento pessoal e profissional da estagiária, na medida em que possibilitaram a experimentação e o desenvolvimento de diversas competências fundamentais ao desempenho coerente e

rigoroso da profissão, como por exemplo competências de observação, reflexão, cooperação e decisão.

Atendendo ao conjunto destes pressupostos organizamos o nosso Relatório em 5 capítulos, que passaremos de seguida a explicitar.

No *Capítulo I, Perspetivas evolutivas dos conceitos de Cultura e de Cidadania*, é feito um enquadramento dos conceitos de cultura e de cidadania ao longo dos tempos, contextualizando-se a própria cultura açoriana como parte integrante do povo açoriano que a expressa e experiencia através de costumes e vivências.

No *Capítulo II, A cultura açoriana e a educação para a Cidadania: que relação?*, realiza-se uma análise sobre a forma como a cultura, mais precisamente, a cultura açoriana, se faz presente na educação Pré-Escolar e nos programas 1.º CEB e procura-se entender como se poderá partir da cultura e de aspetos da mesma como forma de educar para a Cidadania e de fomentar atitudes e valores próprios de um cidadão integrante de uma cultura.

Por sua vez, no *Capítulo III, Objetivos e Metodologia do Relatório*, são especificados quais os objetivos que foram tidos em conta na escrita do Relatório de Estágio, sendo que se subdividem em objetivos relativos ao estudo, ao desenvolvimento pessoal e profissional da estagiária e objetivos que se centram nas aprendizagens das crianças.

No que se refere ao *Capítulo IV, Perceções de pais/encarregados de educação sobre a presença da cultura açoriana no seu quotidiano e no quotidiano das crianças e dos alunos*, este é dedicado ao estudo empírico realizado e aqui procede-se à caracterização dos sujeitos que participaram no estudo, da problemática e dos objetivos do mesmo, dos procedimentos metodológicos utilizados e dos respetivos resultados.

No *Capítulo V, Os Estágios Pedagógicos*, faz-se uma breve explicitação dos contextos de EP nos dois níveis de ensino em questão e são descritas cinco das várias atividades que foram desenvolvidas em cada um dos níveis de ensino, com a respetiva exposição e avaliação reflexiva das mesmas.

Por último, serão apresentadas as *Considerações Finais*, nas quais constatamos a importância das práticas pedagógicas integradas, refletindo sobre todo o trabalho

desenvolvido e sobre as potencialidades educativas da educação para a cidadania pela cultura açoriana, enumerando as referências bibliográficas que basearam este trabalho.

PARTE I – CULTURA E CIDADANIA

Capítulo I: Perspetivas evolutivas dos conceitos de Cultura e de Cidadania

Introdução

O presente capítulo surge com o intuito de fazer uma breve contextualização dos conceitos que consubstanciam todo o trabalho no âmbito dos estágios, com particular ênfase para o tema *A Cultura Açoriana e a Educação para a Cidadania na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Ou seja, neste capítulo, procura-se definir o conceito de *Cultura* e a sua evolução ao longo dos tempos, como forma de clarificar as conceções subjacentes ao mesmo. Ainda, aborda-se um dos focos principais, quer do Relatório de Estágio, quer das práticas pedagógicas – a cultura açoriana. Optou-se por dar destaque a este conceito, porque a cultura açoriana desempenha, desde tenra idade, uma forte influência na vida do povo dos Açores. Intrínseco a esta cultura está associado o neologismo *Açorianidade* que vem definir uma população marcada pela sua insularidade, um povo intimamente definido pela condição de ilhéu (Nacaguma, 2009).

Um estruturador do nosso trabalho no estágio e no Relatório é a Cidadania que demarca fortemente as demais áreas do currículo nos vários níveis de ensino, não fosse esta uma área transversal a todas as outras áreas. Por isso mesmo, ainda neste capítulo, realça-se este aspeto, procurando-se desocultar o que se entende pelo próprio conceito de *Cidadania* e a sua evolução ao longo dos tempos, o que é ser cidadão, o que é crescer cidadão pertencente a uma comunidade com direitos, deveres e raízes culturais. Neste contexto, surgirá uma perspetiva corroborante e analítica da presença da Cidadania com caráter transversal a todas as áreas do currículo.

1.1. A cultura ao longo dos tempos: um conceito heterogéneo

O conceito de *Cultura* é um conceito verdadeiramente abrangente, ao qual têm sido atribuídas diferentes definições por parte de diversos teóricos. Este é um conceito

que, ao longo dos anos, tem sofrido claras mudanças na sua conceptualização, tal como William (1969, p. 18) o procura explicitar ao mencionar que a Cultura

[A]nteriormente significara, primordialmente, tendência de crescimento natural e, depois, por analogia, um processo de treinamento humano. Mas este último emprego, que implicava, habitualmente, cultura de alguma coisa, alterou-se, no século dezanove, no sentido de cultura como tal, bastante por si mesma. Veio significar, de começo, um estado geral ou disposição de espírito, em relação estreita com a ideia de perfeição humana. Depois, passou a corresponder a estado geral de desenvolvimento intelectual no conjunto da sociedade. Mais tarde, correspondeu a corpo geral das artes. Mais tarde ainda, no final do século, veio a indicar todo um sistema de vida, no seu aspeto material, intelectual e espiritual. Veio a ser também, como sabemos, palavra que frequentes vezes provoca hostilidade ou embaraço.

De tal forma, é importante tentar clarificar um pouco mais o que se entende por este conceito tão amplo, apresentando outras perspetivas relativamente ao mesmo. Em 1987, o antropólogo Edward Tylor (citado por Tosta, 2011) veio definir cultura como um “todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membros da sociedade” (p. 241). Nesta linha de conceção de cultura como parte intrínseca ao Homem enquanto membro de uma sociedade, Tosta (2011), apresenta uma perspetiva mais vasta deste vocábulo, atribuindo-lhe como significado “a maneira total de viver de um grupo, sociedade, país ou pessoa” (p. 224). Consequentemente, pode-se afirmar que a cultura é vista como os víveres de uma sociedade, acabando por englobar a organização política, económica e religiosa dessa mesma sociedade. Sahlins, Harris, Carneiro, Rappaport e Vayda (citados por Laraia, 2001, p. 59) são alguns dos autores que defendem esta ideia ao afirmarem que

[C]ulturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização económica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante.

Para além disso, outros autores, como é o caso de Bosi (citado por Santos, 2001), não limitam a cultura como sendo apenas a maneira de viver de uma sociedade, incluindo neste termo “todo conhecimento que uma sociedade tem de si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre sua própria existência” (p. 44). Nesta lógica de cultura com sentido de entendimento e saberes de um indivíduo, Fernandes (1997, citado por Reis, 2011) define-a como um leque de possibilidades de entender o

mundo de uma forma mais enriquecedora. Com base nestes pressupostos compreende-se que a cultura está presente no crescimento e desenvolvimento do ser humano e na vida em sociedade, desempenhando uma forte importância no processo de socialização entre os indivíduos de uma determinada comunidade. Tal é reforçado por Mata (1987, p. 48) quando corrobora que uma sociedade se distingue de outra através da sua cultura ou tradição, pois

[S]em uma tradição, uma coletividade pode viver ordenadamente, mas não tem consciência do seu estilo de vida. E ter consciência é poder ser socializado, isto é, é situar-se diante de uma lógica de inclusões necessárias e exclusões fundamentais, num exaustivo e muitas vezes dramático diálogo entre o que somos (ou queremos ser) e aquilo que os outros são e, logicamente, nós não devemos ser.

Fortificando a perspectiva de Mata, em que a cultura é vista como a identidade que distingue os povos, Reimão (1996) menciona que esta é uma referência crucial para preservar a identidade e a tradição de qualquer povo ou sociedade e é vista como um suporte e uma referência fundamentais ao entendimento social. Segundo Reimão (1996), esta cultura provém do passado e transmite-se de geração em geração para o futuro e, caso algum aspeto fique por ser transmitido, acaba por deixar de ser parte constituinte da cultura de determinada sociedade.

Perante esta grande diversidade de definições propostas para este conceito, em 1982 a United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO) tornou claro a importância de se criar uma definição que abrangesse todas as perspectivas e definições para a noção de cultura. Consequentemente, esta veio a ser definida como

[C]onjunto de características distintas, espirituais e materiais, intelectuais e afetivas, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social (...) engloba, além das artes e letras, os modos de viver, os direitos fundamentais dos seres humanos, os sistemas de valor, as tradições e as crenças. (UNESCO, 2000)

Por fim, mas não menos importante, interessa salvaguardar que não se pode falar de cultura sem fazer alusão à noção de *Património Cultural*, visto que este é parte intrínseca e intimamente associada à cultura propriamente dita. Tal como Torres (1998, p. 22) reforça, a cultura de uma sociedade abarca todo um património assente em valores humanos e sociais, sendo marcada por “ritos profanos e religiosos que vão desde a vida à morte das pessoas, determinando e definindo essas sociedades” (p. 22). Equiparado ao conceito de cultura, também Património Cultural tem sido sujeito a várias definições por

parte de alguns teóricos. Um desses, mais precisamente Merillas (2003, p. 42), sugere uma definição bastante complexa relativamente ao conceito, caracterizando património cultural como

[C]onjunto de bens, tangíveis ou intangíveis, e de valores que se herdam por transmissão humana da cultura de um povo e/ou grupo social, é uma forma de manter o contato de uma geração para as seguintes. Inclui não só os bens artísticos tangíveis, como obras de arte de escultura, pintura e arquitetura, mas também os bens artísticos intangíveis. Estes últimos são manifestações culturais, nomeadamente as tradições orais, a música, as festividades e as línguas, ou ainda, os costumes e o comportamento emocional. São esses bens artísticos intangíveis que constituem os elementos chave da nossa memória e da nossa capacidade de construção de cultura.

Nesta linha de pensamento, pode-se afirmar que Património Cultural pode ser entendido como um conjunto de bens e valores próprios de uma sociedade e da sua cultura, que não se limitam apenas ao presente ou ao passado, pois são transmitidos pelos indivíduos e podem estar sujeitos a mudanças ao longo dos anos.

Outros autores chegam, inclusive, a estabelecer uma diferenciação dentro da própria conceção de Património Cultural. Um deles, particularmente Fulgencio (2007, citado por Moniz, 2013), chega a distinguir este património como *património cultural edificado* e *património cultural não edificado*. Segundo Fulgencio (2007, citado por Moniz, 2013) tudo o que é construído pelo ser humano trata-se de património cultural edificado, enquanto que todos os utensílios e todas as ferramentas características de uma região são designadas como património cultural não edificado. Seguindo a mesma lógica, Mendes (2009, citado por Moniz, 2013) destaca *património material* de *património imaterial*. Segundo Mendes (2009, citado por Moniz, 2013), ao primeiro são atribuídos todos os objetos que são criados pelo meio ambiente e pelo homem e, ao segundo, pertencem as festividades, os costumes e todas as tradições culturais.

Enfim, importa salvaguardar que, segundo Martins (2001), torna-se de extrema pertinência colocar o Homem e os seus valores no centro da noção de património cultural, isto porque todos os indivíduos têm o direito de participar na valorização deste património, procurando promover a sua participação de forma livre na cultura e a sua participação na gestão e preservação deste património cultural.

1.1.1. A cultura açoriana como parte de um povo – Açorianidade

Cada povo, cada sociedade, cada grupo ou cada indivíduo têm as suas características próprias que os distinguem dos demais povos, sociedades, grupos ou indivíduos. Também o povo açoriano e os Açores possui a sua identidade própria assinalada por características e tradições distintas. De tal forma, Aristides da Motta (citado por Leal 1997) define os Açores como “uma comunidade de interesses, tradições, costumes, aspirações próprias e peculiares (...)” (p. 197). Albergaria (2014) vem reforçar esta ideia de que é a cultura açoriana que distingue o povo açoriano dos demais, quando explicita esta cultura como tudo o que identifica e distancia o povo açoriano perante o espaço cultural português, europeu e ocidental. Também Condessa *et al.* (2009, p. 287) procuraram definir a cultura açoriana através da descrição da identidade cultural deste povo, explicitando que

[A] identidade cultural dos açorianos distingue-se pelas variadas características de vida em cada uma das nove ilhas do Arquipélago. Falamos de um povo que tradicionalmente trabalha nos setores muito ligados ao ramo primário (agricultura, pecuária e atividade piscatória) e à transformação de alguns desses produtos e objetos ligados à natureza, a partir dos quais produzem materiais artesanais. Neste artesanato integra-se a produção de brinquedos (pequenas louças produzidas a partir do barro, bonecas construídas com folhas de milho, carrilhos realizados com milho,...) e de outros artefactos recriados (pequenos cacos de loiça, tecidos, pedras, folhas,...) utilizados na infância para distrair e brincar.

Corroborando esta ideia, Fialho e Condessa (2013) caracterizam esta cultura como uma cultura *sui generis*, ou seja, trata-se de uma cultura única no seu género próprio, onde a maior parte da população integra o setor primário de atividades, onde existem costumes religiosos e profanos; uma cultura caracterizada pelo folclore, pelas danças, pela música, e pela culinária, onde se consegue uma perfeita e harmoniosa ligação entre o passado e o presente. Estes mesmos autores (Fialho & Condessa, 2013) realçam que esta cultura é demarcada pela diáspora açoriana (que constitui um forte meio de divulgação da cultura dos Açores) e pela religião (uma das características fortemente demarcadas que é um perfeito exemplo da imortalização de vivências e saberes que são passados de geração em geração, comprovando a existência real de uma ligação entre o passado e o presente). Esta ligação é reforçada, também, por Titiev (2002), o qual defende que as Festas Populares do Divino Espírito Santo (DES), que são organizadas por todas as ilhas, são importantes momentos de marcante troca de experiências entre gerações, partilha esta associada aos

instantes proporcionados pelas filarmónicas, pelos grupos de danças e cantares populares locais, que, pelo divertimento que ocasionam se revestem de um carácter universal.

Assim sendo, podemos concluir que cada cultura possui os seus próprios elementos que a diferencia das demais e que, ao mesmo tempo, a unifica e estimula o sentimento comunitário de um povo como um todo. A cultura açoriana e, mais precisamente, o povo açoriano também são caracterizados por esta identidade comunitária, com espírito de união à qual se atribui uma denominação específica: *Açorianidade*.

Este neologismo surgiu no início do século XX, aquando das comemorações do quinto centenário do descobrimento dos Açores, com Vitorino Nemésio, que, inspirado no conceito de “hispanidad” criado por Unamuno, denominou como Açorianidade todas aquelas características unificadoras do povo açoriano como forma de exprimir a personalidade da existência do homem açoriano intimamente marcado pela condição de ilhéu (Nacaguma, 2009). Sendo assim, este termo refere-se a todas as características que não só, são comuns ao povo açoriano, mas também que o difere dos restantes povos e mesmo dos restantes membros da comunidade portuguesa. Reforçando esta ideia de Açorianidade como elo de ligação entre os açorianos, Amaral (1998, pp. 73 e 74) esclarece que esta

[R]eporta-se, pois, ao conjunto dos caracteres que a comunidade eleva à dignidade de constituírem os elementos nucleares da bandeira que a identifica. De ordem física, geográfica, ambiental, social, cultural, linguístico-literária, histórica, etc., estes caracteres constituem então traves mestras, os elos identificacionais que, capazes de ultrapassar barreiras temporais e espaciais, perduram e conduzem à união de um agregado humano que partilha pelo menos alguns elementos de uma matriz civilizacional.

No entanto, com o passar do tempo, esta Açorianidade de Nemésio acaba por assumir outros contornos, tornando-se um conceito que caracteriza a expressão pessoal de cada indivíduo açoriano. Tal é visível em Pires (2009, p. 40) ao afirmar que

[A] Açorianidade começa por ser, pois um conceito de experiência pessoal, lírica e poética. O termo ganhou utentes e analistas (...), alargou-se a uma utilização demopsicológica ou mesmo antropológica e, principalmente depois de 1976 (experiência autonómica) ganhou uma carga reivindicativa política.

Assim, tal como Amaral (2009) defende, pode se referir que a Açorianidade é demarcada pelas características próprias da região insular, desde o contexto social, até ao político e passando pelo cultural através de manifestações artísticas (como pintura, literatura ou escultura), da culinária e de todas as atividades do quotidiano que permitem diferenciar os açorianos e os seus viveres daqueles que são identificados no continente português. Por fim, como forma de esclarecer ainda mais esta noção, Almeida (2009, p. 47) refere que

Açorianidade é a Açorianidade de quem a diz: a sua visão sobre o seu modo de estar-se no mundo açoriano e do que se lhe deverá seguir, ou, para os de fora, a sua visão da mundividência, do ser e do dever ser dos Açores. Açorianidade é aquilo que são e querem ser os açorianos. E esse conceito alargar-se-á sempre que o mundo de qualquer açoriano se alargar mais. É a Açorianidade que se alarga também. Mesmo quando de lá se sai. As características comportamentais poderão ser um modo de ser especial que viaja com cada açoriano, por força de mecanismos materiais. Dentro ou fora das ilhas.

Em suma, a Açorianidade tornou-se um conceito abrangente que se tem repercutido ao longo dos tempos, assumindo diversos sentidos, expandindo-se por todo o globo e espelhando, essencialmente, a identidade própria do povo açoriano possuidor de uma cultura e identidade exclusivas.

1.2. A cidadania ao longo dos tempos

A *Cidadania*, em termos conceptuais ou mesmo vivenciais, surgiu na Antiga Grécia interligada ao conceito de Democracia e baseava-se na participação ativa dos indivíduos adultos e livres de nacionalidade grega, na vida da cidade como forma de contribuírem para o bem-estar comum da cidade-estado. Neste sentido, a Cidadania assumia, no contexto grego, um carácter de exclusividade, pois às mulheres, crianças, escravos e estrangeiros era negado o estatuto de cidadão. No entanto, o conceito de Cidadania não se limita apenas ao indivíduo que faz parte de uma comunidade e que participa na vida política da mesma; esta conceção engloba a formação e aprimoramento deste mesmo indivíduo.

Corroborando esta ideia, Platão reforçava que a Cidadania visava, para além do conhecimento e do bem do meio a que o cidadão pertencia, também o conhecimento e o bem próprio. Isto é, subjacente à noção de Cidadania não está só a sociedade, mas também

o autodomínio do próprio indivíduo na descoberta da justiça interior, tal como Fonseca (2011, p. 103) afirma

[A] acção do homem na polis não se circunscreve ao conhecimento da lei para agir em conformidade com a justiça exterior do Estado, mas na descoberta da justiça como lei interior, intrínseca ao desenvolvimento do homem na sua individualidade, como elemento essencial à sua formação e à realização do ideal do homem grego.

De igual modo, Aristóteles concebe a Cidadania como uma forma do ser humano se aperfeiçoar, isto porque o Homem, enquanto animal racional e político, tem a necessidade de procurar melhorias a nível de justiça, decisão e autodomínio. Através da Cidadania o Homem molda-se em termos morais e constrói os seus valores e princípios como forma se tornar capaz de decidir a favor do bem comum de toda a sociedade.

No Império Romano, a Cidadania Romana era entendida como um dos meios de manter a organização de uma sociedade. Tal é comprovado por Nogueira e Silva (2001) quando afirmam que, a principal novidade que a noção romana de Cidadania ocasionou, foi o facto de “poder ser considerada como o primeiro exemplo da utilização da cidadania como estratégia de normatividade para garantir o controlo social” (p. 18).

Na Idade Média, o sentido greco-romano de Cidadania baseado numa comunidade política cede lugar a uma perspetiva religiosa influenciada pelo clero e pela monarquia. Ou seja, nesta época, Deus passa a ser o centro do universo em detrimento do cidadão que passa a ter apenas em atenção as suas atitudes no mundo para alcançar uma Cidadania dita divina.

Em plena época de Revolução Francesa, a Cidadania assentava sobretudo na conceção de uma sociedade politicamente organizada onde os indivíduos viviam de acordo com os seus direitos e deveres e de forma solidária e coletiva. Estes direitos não se tratavam apenas de direitos políticos, mas também, de direitos humanos, de tal forma que, em 1789, procuraram-se recuperar os principais valores da Revolução Francesa, explicitando-os na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

Como importa conceber a Cidadania em termos mais atuais, é fundamental referir que atualmente não seria correto assentir que existe uma única e completa teoria para este conceito pois trata-se de um termo com inúmeros sentidos. Deste modo, apesar de alguns autores defenderem que este conceito não é fácil de definir, seguem algumas perspetivas

mais recentes que procuram clarificar esta noção que tem revelado mudanças evolutivas ao longo dos tempos.

Praia (1999) afirma que a Cidadania é entendida como “pertença a um Estado [...]” (p. 9), o que leva a concluir que “dar uma definição de cidadania e atribuir-lhe sentido implica simultaneamente a atribuição de um significado ao Estado” (p. 9). Neste seguimento, Henriques *et al.* (1999) afirmam que a Cidadania “consiste na pertença juridicamente reconhecida a uma comunidade política” (p. 45). De igual forma, Medeiros (2006, citado por Maçaroco, 2014) concorda com esta perspetiva e reforça-a ainda mais, ao afirmar que a Cidadania trata-se, pois, de uma terminologia própria do vocabulário político, porque esta “implica que o cidadão possui intrinsecamente direitos e obrigações no seio do Estado a que pertence” (p. 63). Continuando nesta lógica, outros autores, como é o caso de Figueiredo (1999), dão-nos uma perspetiva da noção de Cidadania um pouco direcionada para a vertente política. Figueiredo (1999) caracteriza-a como “a qualidade do cidadão, ou seja, do indivíduo pertencente a um estado livre, no gozo dos seus direitos civis e políticos e sujeito a todas as obrigações inerentes a essa condição” (p. 34).

Note-se, que até então têm sido apresentadas perspetivas sobre a definição de Cidadania numa ótica mais direcionada para a política, para as questões de nacionalidade, bem como, para os direitos e deveres dos cidadãos. No entanto, a Cidadania não se resume apenas a uma dimensão política, pelo contrário, transcende essa dimensão e toma outros contornos. À Cidadania está também associada uma dimensão antropológica e ética que se configura na defesa do desenvolvimento do Homem como um ser livre, autónomo e com identidade própria, crescendo enquanto cidadão e indivíduo através de atitudes, valores, signos e símbolos culturais partilhados com os seus semelhantes.

Atualmente, a noção de Cidadania está intimamente ligada à pertença a um estado e comunidade, aos direitos e deveres dos cidadãos perante a lei e ao seu comportamento em sociedade tendo por base valores como igualdade, democracia e justiça. Na verdade, a Cidadania pode ser entendida como um espaço que permite o desenvolvimento como pessoa na sua dimensão singular. É esta conceção de Cidadania que espelha a Cidadania atual e que reflete a dimensão ética e antropológica que reemerge da Segunda Guerra Mundial, das atrocidades que foram cometidas contra o Homem e a sua dignidade.

1.2.1. Ser/crescer cidadão (açoriano)

Atendendo a que o sujeito principal do espaço da Cidadania é o Cidadão, importa explicitar o que se entende por Cidadão, antes de se abordar especificamente a conceção de cidadão açoriano. À semelhança do que acontece com o conceito de Cidadania, a noção de Cidadão tem sofrido várias alterações na sua definição.

Etimologicamente, o conceito de *Cidadão* surge como “civis” na sociedade romana para referenciar o homem na sua plenitude, o cidadão com direitos e deveres membro da sociedade romana. Consequentemente, Aristóteles (384 a.C.), definia o Cidadão como aquele que participava nas decisões públicas e nos julgamentos através dos quais demonstrava a sua liberdade e se desenvolvia a nível pessoal enquanto indivíduo. Mais tarde, nos finais do século XVIII, aquando da Revolução Francesa, ser Cidadão passou a significar o benefício de direitos concedidos pelo estado.

Mas, o que nos interessa esclarecer é a conceção de Cidadão atual. Então, mais recentemente chegou-se à conclusão de que ser Cidadão é mais do que apenas beneficiar de direitos. Reforçando essa perspetiva, Afonso (2005) contextualiza o Cidadão como pertencente a uma sociedade, referindo que ser Cidadão consiste em “pertencer e participar em espaços organizados, onde há regras, onde existem serviços, instituições e associações, que nos ajudam a viver uns com os outros, onde todos temos direitos e deveres a cumprir” (p. 35). Completando esta ideia, Fonseca (2011) concebe o Cidadão como um indivíduo igual aos seus semelhantes, com liberdade e responsabilidades na sociedade que integra. Esta autora reforça, também, que este indivíduo, circunstanciado por uma cidadania democrática, torna-se um cidadão igual aos outros, portador de liberdades e responsabilidades compartilhadas.

Uma vez explicitado o conceito de cidadão, cabe agora dar uma breve perspetiva do cidadão açoriano, das suas particularidades e especificidades. Em primeiro lugar é importante compreender que este é um conceito que tem sido alvo de caracterização por parte de alguns estudiosos e historiadores que caracterizam o Homem açoriano, na maioria das vezes, tendo por base as particularidades da região a que este pertence – a RAA. Exemplo disso são autores como Frutuoso, João Soares de Albergaria e Sousa, Luís Ribeiro, Onésimo Teotónio Almeida (autor de *A Profile of the Azorean*, 1980 e de *Vitorino Nemésio e a tipologia do açoriano*, 1989, por exemplo), António Manuel B. Machado Pires (que escreveu *O homem açoriano e a açorianidade*, 1995, por exemplo),

e J. G. Reis Leite, que se dedicaram a escrever algumas obras, textos ou artigos sobre os Açores, a cultura açoriana e as características que fazem parte da vida do cidadão açoriano e que o definem. Vejamos algumas das noções que foram sendo propostas para descrever o Homem e, conseqüentemente, cidadão açoriano. Segundo Luís Ribeiro (1921, citado por Cordeiro, 1998, p. 311), o “espírito açoriano”, o “sentimento açoriano”, a “alma açoriana” e a “consciência açoriana” é aquilo que identifica o “bom homem açoriano”. Luís Ribeiro (1983) chega, inclusive, a estabelecer uma ligação entre a “monotonia do marulho da vaga”, a “nebulosidade e a tristeza da paisagem” ao perfil “sombrio” do açoriano e mais acrescenta que “o açoriano é assim por todos os motivos verdadeira e essencialmente português, o português puro que nas épocas gloriosas da nossa história se isolou no meio do Atlântico” (Ribeiro 1983, p. 6). Santos (2001) define os açorianos como um povo influenciado pela condição de ilhéu, conhecido pelo seu “conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar” característicos de “dada formação social” (p. 44). O cidadão açoriano também foi representado em várias obras literárias como é o caso de *Gente Feliz com Lágrimas* (1988) de João de Melo onde, segundo Adelaide Batista (1993), ao açoriano são associados sentimentos de perda, saudade e despojamento e a consciência de que algo se inicia na distância e de que o mundo não se não acaba onde a terra termina. Ao cidadão açoriano é também associado o carácter de Homem calmo, confirmado e determinado que é espelhado na obra *Mau Tempo no Canal* (1944) de Vitorino Nemésio.

Nemésio, que já foi aqui mencionado, foi sem dúvida um dos escritores que mais se dedicou a definir o povo açoriano e a respetiva açorianidade de forma mais complexa. Tendo em atenção a influência cultural exercida sobre este povo, Vitorino Nemésio generaliza o Homem açoriano influenciado pela açorianidade, capaz de se adaptar às circunstâncias históricas e geográficas da região e que se desenvolveu e cresceu instigado pelas mesmas, diferenciando-se assim do português continental. Este escritor idealiza, de forma geral, um açoriano único e uniforme, recetível à emigração, hospitaleiro, capaz de se adaptar e encantado pela terra e pelo mar. E chega inclusive, a completar a sua caracterização do homem açoriano diferenciando três tipos próprios a referir: o micaelense, o natural das ilhas de baixo e o picaroto. Nas palavras de Nemésio (1989, citado por Ribeiro 1983, p. 516) o homem açoriano é definido por

[M]icaelense o mais trabalhador do arquipélago e também o mais diferenciado do continental, rude, industrioso, rijo e tenaz; o das ‘ilhas de baixo’ afável, com certa manha, festeiro, indolente; e o picaroto, tomando a vida a sério, ora no mar, ora em terra, vigoroso, sadio, às vezes heróico.

Importa realçar que, apesar de cada açoriano em cada ilha ter as suas características próprias, não deixam, mesmo assim, de apresentar vivências comuns, desde a religião, à língua e às tradições semelhantes, o que acaba por, de certo modo, fazer com que compartilhem marcas identitárias que os unem. Ribeiro (1983, p. 517) comprova esta ideia ao definir a semelhança existente entre o cidadão açoriano de cada uma das ilhas dos Açores, afirmando que

[N]ão constituem eles, todavia grupos absolutamente diferenciados e, a meu ver, a diversidade que entre uns e outros se nota é mais quantitativa do que qualitativa. Assim, o micaelense sofre o mal da indolência como os outros ilhéus e apenas consegue reagir melhor e trabalhar mais, mas sempre com penoso esforço, como direi. Certas qualidades e certos defeitos salientam-se mais nuns açorianos do que noutros, mas todos os possuem em diferente grau.

A par de Vitorino Nemésio, também Martins Garcia e João de Melo circunscrevem o cidadão açoriano como um Homem influenciado pela vida do arquipélago dos Açores, resignado, subjugado que reprime a sua revolta através da fé no divino e da emigração como fuga.

Concluindo, o cidadão açoriano, tal como Batista (2012) corrobora, é caracterizado pela “história, em razão da descendência do português de quatrocentos e herdeiro das suas qualidades, que aperfeiçoou no viveiro insular” (p. 19); definido pela “consciência do isolamento, da solidão e por um apego à terra, que lhe cunham o espírito” (p. 19); é influenciado pela geografia “através da ação do mar, do clima, dos sismos e dos vulcões” (p. 19). E são as características próprias de cada ilha que, em conjunto, definem a verdadeira identidade do cidadão açoriano no mundo cada vez mais globalizado.

Capítulo II: A cultura açoriana e a educação para a cidadania: que relação?

Introdução

Após devidamente esclarecidas as noções de cultura, património cultural, cidadania, cidadão, cidadão açoriano e açorianidade, importantes pilares deste Relatório de Estágio, este capítulo vem deslindar a relação existente entre estes diversos conceitos e aspetos. Este é um capítulo constituído por dois tópicos principais. No primeiro tópico, *2.1 A presença da cultura no contexto educativo: implicação curricular*, é lembrado o conceito de cultura e é feita uma contextualização do que se entende por Educação tendo por base vários teóricos que se ocupam de a definir. Seguidamente, é definido o conceito de Currículo, pois não se pode falar de Educação sem se abordar os currículos que norteiam a aprendizagem no Pré-Escolar e no 1.º CEB. Após a contextualização destes conceitos, é feita uma breve análise da forma como a cultura e, mais precisamente a cultura açoriana, se faz presente nos documentos curriculares no Pré-Escolar e no 1.º CEB.

Já no segundo tópico que compões este capítulo, *2.2. A cidadania com área transversal ao currículo: educar para a cidadania pela cultura – que atitudes e valores?*, é lembrada uma breve definição do conceito de Cidadania e, seguidamente, aborda-se a forma como a esta surge como área transversal ao currículo, procurando-se estabelecer a relação existente entre Cidadania e cultura. Ou seja, aqui procura-se compreender de que forma a Cidadania é espelhada através da cultura, que valores subjacentes à Cidadania a cultura pode transmitir, de que forma a cultura está presente na área de Cidadania e como estas duas se influenciam mutuamente.

2.1. A presença da cultura no contexto educativo: implicação curricular

Desde cedo a Educação se faz presente na vida do ser humano e, consequentemente, da criança. Já em 1754, Rousseau afirmava que “A educação do homem começa no momento do seu nascimento; antes de falar, antes de entender, já se

instrui”. Deste modo, importa procurar definir este conceito de extrema importância para o desenvolvimento da criança.

A noção de Educação vem sendo definida e é valorizada desde os primórdios dos tempos, destacando-se o povo grego, a partir do qual surgiram as primeiras teorias educacionais. Este conceito é caracterizado como um processo ininterrupto de aquisição de conhecimentos e aprendizagens que permitem o desenvolvimento do indivíduo, quer a nível pessoal, quer em termos de inter-relação com a sociedade a que pertence. Ou seja, tendo por base que a Educação visa, primordialmente, a formação do ser humano, então esta pode ser entendida como o conjunto de regras que orientam o seu desenvolvimento individual e social. Corroborando esta ideia Puig (1998, citado por Goergen, 2005, p. 1006), afirma que

[A] educação busca formar um ser humano capaz de lidar com o meio e com os outros seres humanos. (...) é uma adaptação ao meio, mas não busca uma adaptação fixa, e sim uma adaptação sempre inacabada: uma adaptação otimizante, crítica e evolutiva.

Nesta linha de pensamento, a Educação consiste, simultaneamente, num processo e num resultado, tal como Reboul (1971) afirma, Educação é “a acção consciente que permite a um ser humano desenvolver as suas aptidões físicas e intelectuais bem como os seus sentimentos sociais, estéticos e morais, com o objectivo de cumprir, tanto quanto possível, a sua missão como homem” (p. 2). Este mesmo autor defende que, para além de um processo, a Educação visa um resultado, pois a partir desta evidencia-se o crescimento do ser humano e observa-se o resultado desse crescimento. A Educação trata-se, portanto, de um processo inconcluso e em constante construção, uma vez que são constantes as alterações manifestadas na vida em sociedade que, por sua vez, implicam o aperfeiçoamento da Educação conforme o decorrer dessas mudanças.

De tal forma, educar tem por base o desenvolvimento dos conhecimentos e das aprendizagens que as crianças possuem quando começam a frequentar a escola. Tal como Fonseca (2011) refere a palavra educar expressa um sentido biológico, pois transmite a necessidade do ser vivo se alimentar para crescer e ganhar forças (físicas ou intelectuais), como forma de viver e superar as contrariedades estabelecidas pela vida e pelo mundo que o rodeia. Esta mesma autora (Fonseca, 2011) procura definir etimologicamente o termo educar, referindo que este “tem a sua raiz etimológica no vocábulo latino ducere,

que significa “alimentar”, “nutrir para deixar crescer”, e no termo e-ducere, que designa conduzir para fora de fazer sair” (Fonseca 2011, p. 13).

Em suma, a Educação visa transmitir ao ser humano todas as possibilidades existentes, dando-lhe poder de decidir por si mesmo o rumo que considera mais adequado para si. Tal ideia é defendida por Freire (citado por Ahmad, 2006), que afirma que “educar é influenciar o aluno de tal maneira que este não se deixe influenciar” (p. 29). Nos dias de hoje, a Educação tem por base o desenvolvimento social e intelectual do indivíduo para ser capaz de interagir em sociedade e apresenta dois grandes objetivos, que são explicitados por Marchand (2001, p. 1), “(1) desenvolver a inteligência e os conhecimentos, e (2) desenvolver a moral dos alunos”. Também Goergen (2005) procura definir a Educação atual, mencionando que “hoje, privilegiamos um conceito de educação voltado para o aspecto intelectual, em especial para a aquisição de conhecimentos e informações para a interpretação do mundo e o preparo profissional” (p. 1006).

Uma vez explicitado este complexo conceito, importa relembrar que a noção de cultura, como vimos anteriormente, reporta-se à maneira de viver de uma sociedade, bem como, ao conjunto de conhecimentos que um indivíduo tem acerca da sociedade a que pertence e das demais sociedades. Com base neste pressuposto de cultura como conjunto de conhecimentos, Patrício (2006) refere, que a “educação é, na sua essência, um processo cultural” (p. 144). Isto porque, o indivíduo cresce e desenvolve-se incluído numa determinada cultura, que o influencia no seu desenvolvimento pessoal e este mesmo indivíduo é responsável pela produção da cultura e das mudanças no meio de que faz parte. Assim, entre Cultura e Educação existe uma relação co-originária e intrínseca, pelo que importa compreender como é que a noção de Cultura está presente nos documentos e currículos que motivam o processo educativo no contexto escolar. Mas, antes de analisar essa relação, é fundamental procurar clarificar um pouco a noção de currículo.

O conceito Currículo pode ser utilizado em múltiplos sentidos: quer seja para designar o percurso profissional (*curriculum vitae*), quer seja para designar um conjunto de noções de educação, ensino, aprendizagem e didática. A terminologia *curriculum* era utilizada pelo povo romano para identificar os percursos que eram realizados pelas quadrigas nas arenas romanas. Também Medeiros (2006) apela para este sentido de currículo enquanto percurso, ao mencionar que este, originalmente assumia o significado de “pista de corrida” (p. 70), ou seja, significava um percurso realizado ao longo da vida.

Nesta perspetiva de Currículo como um percurso, este passou a assumir o sentido de direção, que é mais conhecido atualmente e que espelha o que se pretende que os alunos aprendam nas escolas. De igual forma, Ribeiro (1998) expressa o Currículo como um conjunto de “objectivos ou resultados de aprendizagem a alcançar; matérias ou conteúdos a ensinar e experiências ou processos de aprendizagem” (p. 17).

No que diz respeito à Educação, por vezes, o Currículo é visto como um plano de estudos onde constam os conteúdos que são lecionados ao longo do ano. Reforçando esta ideia, Ribeiro (1998) afirma que este é entendido como a “sequência de matérias ou disciplinas propostas para todo o sistema escolar, um ciclo de estudos, um nível de escolaridade, ou um curso, visando a graduação dos alunos nesse sistema, ciclo, nível ou curso” (p. 11). É esta perspetiva de Currículo que está subjacente no contexto de ensino aquando das planificações e estratégias seleccionadas para planear uma sequência didática e que se espelha, uma vez mais, no seu sentido de percurso, tanto na evolução que é refletida no planeamento de estratégias, bem como na evolução das próprias aprendizagens. Ainda, corroborando esta ideia, Roldão (1999) afirma que ao se abordar o conceito de Currículo alude-se a este como o “conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo e contexto, cabe à escola garantir e organizar” (p. 24). É esta a noção de Currículo que é maioritariamente considerada e que constitui a base do sistema educativo, o qual, importa referir, trata-se de um Currículo adaptativo, conforme as mudanças que vão ocorrendo na sociedade. Em suma, este deve ser um Currículo que pode ser revisto e reajustado, sempre que assim o exija, tal como Roldão (1999, p. 24) afirma

[O] que se considera desejável varia, as necessidades sociais e económicas variam, os valores variam, as ideologias sociais e educativas variam e/ou conflituam num mesmo tempo – e o currículo escolar corporiza, ao longo dos tempos e em cada contexto, essa variação e essa conflitualidade.

Uma vez definida a noção de Currículo, procura-se aqui analisar os currículos que fazem parte do Pré-Escolar e do 1.º CEB, com o intuito de procurar entender em que proporções e de que forma a cultura e, mais precisamente, a cultura açoriana nestes se espelha e que importância é atribuída a esta cultura por estes documentos. Quando se fala de educação Pré-Escolar, importa destacar as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (OCEPE) (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016). Este é o documento curricular que delimita as aprendizagens expectáveis neste nível de ensino e

que engloba três áreas fundamentais para o desenvolvimento das crianças nesta faixa etária: a área de *Formação Pessoal e Social*, a área de *Expressão e Comunicação* e a área de *Conhecimento do Mundo*. A primeira área mencionada é transversal com objetivos próprios, que se faz presente ao longo de todo o Pré-Escolar e, nesta área, apela-se para importância do desenvolvimento de atitudes e valores fundamentais para a contínua e eficaz aprendizagem das crianças como futuros cidadãos independentes, cientes e solidários. A segunda área mencionada é uma área principal que está subdividida em quatro domínios importantes para a criança compreender o seu meio e relacionar-se com os outros: domínio da *Educação Física*, domínio da *Educação Artística*, domínio da *Linguagem Oral e Abordagem à Escrita* e domínio da *Matemática*. A última área diz respeito ao conhecimento do mundo por parte da criança e apela à importância de diversas ciências, bem como do questionamento e pesquisa como relevantes processos para a compreensão do mundo a que a criança pertence.

Após explicitada a organização deste documento, importa analisar de que forma a cultura é mencionada no mesmo. Nas OCEPE não se encontra nenhuma dimensão específica da cultura, notando-se que as referências que são feitas sobre esta são muito subjetivas. Isto porque, neste documento encontra-se apenas uma referência à importância da dinamização, no Pré-Escolar, de aspetos da cultura portuguesa como trava-línguas, rimas, lengalengas e adivinhas. Neste documento curricular, através das metas curriculares estipuladas, são notórias três formas principais de referência à cultura: educação para a multiculturalidade, respeito pela diversidade cultural e valorização dos conhecimentos prévios e do meio em que a criança vive. Ou seja, nas OCEPE são enumeradas as seguintes aprendizagens a promover: “Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros”; “reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural” (ME/DGE, 2016, p. 34), ou até “conhecer e valorizar manifestações do património natural e cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação”; “respeito e valorização pelo ambiente natural e social” (ME/DGE, 2016, p. 40) e “valorizar a música como fator de identidade social e cultural” (ME/DGE, 2016, p. 48). Concluindo, a cultura é expressa na Educação Pré-Escolar apenas através de objetivos ou aprendizagens que devem ser desenvolvidos, o que comprova que as referências que são feitas sobre este aspeto são pouco concretas e não concebem nem mencionam especificamente a cultura regional açoriana.

Quando se aborda o 1.º CEB, é importante ter em conta os seguintes documentos: *Programa e Metas Curriculares de Matemática do Ensino Básico* (Damião, Festas, Bivar, Grosso, Oliveira & Timóteo, 2013), *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico* (Buescu, Morais, Rocha & Magalhães, 2015), *Organização Curricular e Programas – Estudo do Meio* (ME, 2012) e *Currículo para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores* (CREB) (Alonso, Sousa, Gonçalves, Medeiros & Carvalhinho, 2011).

O primeiro documento mencionado, *Programa e Metas Curriculares de Matemática do Ensino Básico*, encontra-se organizado por 1.º CEB, 2.º CEB e 3.º CEB, apresentando os respetivos objetivos e metodologias. Este, como documento orientador do ensino da Matemática está dividido em três domínios principais no 1.º CEB: *Números e Operações*, *Geometria e Medida* e *Organização e Tratamento de Dados* e não menciona quaisquer aspetos da cultura portuguesa ou açoriana. Mas optámos por o referir como forma de lembrar que, tal como em qualquer outra área, mesmo que este documento não apele à cultura açoriana, podemos sempre associar conteúdos desta área a especificidades do meio próximo aos alunos. Por exemplo, quando trabalhado o conteúdo de *localização e orientação no espaço*, pode-se falar de orientação espacial no meio físico e local que o aluno conhece; ou ainda, por exemplo, quando trabalhadas as mediadas de massa ou grandeza, pode-se procurar trabalhar o passado do seu meio local, procurando fazer menções às formas e utensílios que eram utilizados para efetuar estas medições em outros tempos.

O documento curricular *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico* encontra-se dividido em objetivos e em metas curriculares para o 1.º CEB, 2.º CEB e 3.º CEB, mas o que nos interessa é analisar o que se refere ao 1.º CEB. Neste documento, relativamente ao 1.º CEB, os conteúdos encontram-se agrupados por quatro domínios principais: *Oralidade, Leitura e Escrita, Educação Literária – Iniciação à Educação Literária* (no 1.º e 2.º ano) e *Gramática*. Nos objetivos deste documento encontramos explicitado “Interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade” e “Reconhecer a inscrição da matriz cultural na aprendizagem do Português” (Buescu *et al.*, 2015, p. 5). Este são objetivos que fazem referência à valorização do património cultural português. Ainda, no mesmo documento, no domínio de *Educação Literária – Iniciação à Educação Literária* encontra-se expresso o seguinte conteúdo “Obras de literatura para a infância,

textos da tradição popular (Lista em Anexo)”” (Buescu *et al.*, 2015, p. 10) que faz menção a um conjunto de obras pertencentes à tradição popular portuguesa propostas para os quatro anos deste nível de ensino (sem qualquer sugestão a obras literárias açorianas). São apenas estas as referências que se encontram neste documento apelando à importância da cultura portuguesa, não se constatando qualquer especificação relativamente à cultura açoriana.

O documento *Organização Curricular e Programas – Estudo do Meio* apresenta inicialmente os princípios orientadores e os princípios gerais desta área de ensino e encontra-se dividido em seis blocos: *Bloco 1 – À descoberta de si mesmo*, *Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições*, *Bloco 3 – À descoberta do ambiente natural*, *Bloco 4 – À descoberta das inter-relações entre espaços*, *Bloco 5 – À descoberta dos materiais e objetos* e *Bloco 6 – À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade*. Cada um destes blocos possui uma breve contextualização e apresenta os conteúdos referentes aos quatro anos do 1.º CEB. Nos princípios orientadores deste documento (ME, 2012, p. 102) encontramos a seguinte citação

É ainda no confronto com os problemas concretos da sua comunidade e com a pluralidade das opiniões nela existentes que os alunos vão adquirindo a noção da responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura em que se inserem, compreendendo, gradualmente, o seu papel de agentes dinâmicos nas transformações da realidade que os cerca.

Neste princípio orientador é possível perceber que se apela ao conhecimento por parte dos alunos relativamente à sua comunidade como forma de se tornarem responsáveis pela cultura em que se inserem. Note-se que, de facto, se refere aqui a cultura de que os alunos fazem parte, mas não se vê nenhuma especificação relativamente à cultura açoriana. Para além disso, neste documento encontramos especificado o seguinte objetivo, no Bloco 6, referente ao 3.º ano “1. A AGRICULTURA DO MEIO LOCAL: Fazer o levantamento dos principais produtos agrícolas da região” (ME, 2012, p. 127) o que, uma vez mais, demonstra que se faz referência à região ou meio a que o aluno pertence, não especificando concretamente a RAA.

Ainda neste documento orientador da área de Estudo do Meio, nos objetivos gerais, lê-se “Reconhecer e valorizar o seu património histórico e cultural e desenvolver respeito por outros povos e culturas, rejeitando qualquer tipo de discriminação” (ME, 2012, p. 104) e, nos objetivos para o 3.º ano, no Bloco 2, encontramos “4. CONHECER COSTUMES E TRADIÇÕES DE OUTROS POVOS”, “7. OUTRAS CULTURAS DA

SUA COMUNIDADE: Conhecer aspectos da cultura das minorias que eventualmente habitem na localidade ou bairro (costumes, língua, gastronomia, música...)” (ME 2012, p. 113). Estes são objetivos que demonstram o apelo deste documento para o conhecimento, valorização e respeito pela multiculturalidade, sendo uma das facetas pela qual a cultura é espelhada no mesmo documento. Para além disso, é importante referir que neste documento curricular nos deparámos, no Bloco 2, com o seguinte objetivo referente ao 3.º ano “6. CONHECER SÍMBOLOS REGIONAIS (BANDEIRAS E HINOS REGIONAIS): Dos Açores. Da Madeira” (ME, 2012, p. 113). Este é o único objetivo em que realmente vemos referenciada a região dos Açores.

De um modo geral, estes documentos curriculares orientadores de aprendizagens no 1.º CEB apresentam escassas referências à cultura no sentido de valorização do património literário português, do conhecimento e respeito pela diversidade cultural e do conhecimento pelo passado local. Tal como Meneses (2001) corrobora “a análise dos programas evidencia a insuficiência dos estudos de história de Portugal e a omissão das referências regionais e locais” (p. 719).

Consciente da fraca referência às especificidades da RAA feita nos documentos curriculares nacionais foi publicada a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) (lei n.º 46/1986, alterada pela lei n.º 115/1997 e pela lei n.º 49/2005) que consistiu num ponto de partida para uma abertura do currículo nacional a estas particularidades regionais e locais. No ponto n.º 4 do artigo 50.º desta lei é defendido que os conteúdos curriculares no 1.º CEB deveriam ser definidos a nível nacional, sendo fundamental incrementar uma abertura a conteúdos que explorem elementos regionais. Esta lei veio possibilitar a oportunidade das escolas regionais orientarem as suas práticas pedagógicas com o intuito de valorizar o património regional e, assim, em 2011 surgiu na RAA o *Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores* (CREB).

O CREB, segundo o Decreto Legislativo Regional n.º 15/2001/A, reforça a perspetiva de currículo regional como apropriação orgânica do currículo nacional e inclui

[O] conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver pelos alunos que se fundamentam nas características geográficas, económicas, sociais, culturais e político-administrativas dos Açores. Esta definição significa o reconhecimento de que o grau de especificidade de determinadas características desta Região insular é suficientemente acentuado para que as mesmas sejam tidas em conta nas decisões sobre as aprendizagens a promover nas escolas açorianas. (Alonso *et al.*, 2011, p. 4)

Segundo o próprio CREB (Alonso *et al.*, 2011, p. 8), este é um documento

[A]berto e flexível que contempla o que se considera essencial em termos de competências, temas transversais e orientações metodológicas e para a avaliação, e incentiva a autonomia curricular das escolas na responsabilidade de o adequar e reconstruir conforme as características das mesmas.

Em termos estruturais o CREB encontra-se organizado em oito competências-chave que contribuem para “a formação integral e integrada dos alunos num contexto de Açorianidade e de cidadania global” (Alonso *et al.*, 2011, p. 8). Estas competências são apresentadas na **Figura 1** e são as seguintes: *Competência em Línguas*, *Competência em Matemática*, *Competência Científica e Tecnológica*, *Competência Cultural e Artística*, *Competência Digital*, *Competência Físico-Motora*, *Competência de Autonomia e Gestão da Aprendizagem* e *Competência Social e de Cidadania*.

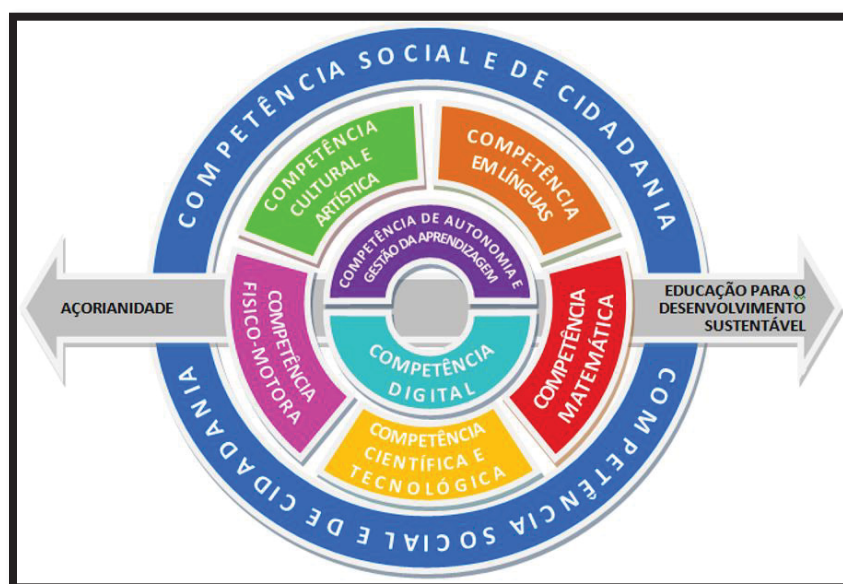


Figura 1: Esquema representativo das competências e dos temas norteadores do CREB.

Em torno destas competências procura-se realizar um trabalho coerente e em articulação com a vertente principal de *Educação para o Desenvolvimento Sustentável*, que desempenha uma extrema importância na promoção de uma cidadania democrática, no contexto da *Açorianidade* que é a outra vertente principal do CREB.

Devidamente esclarecida a estrutura deste documento curricular, importa focar sobre a presença da cultura açoriana neste documento. Assim, na área de Português, o CREB reforça a importância do desenvolvimento da “identidade linguística e literária açorianas”, valorizando-se as “especificidades linguísticas decorrentes da

descontinuidade territorial regional, das dinâmicas de povoamento e fenómenos migratórios dos Açores” e o “património literário oral e escrito de origem e raízes açorianas” (Alonso *et al.*, 2011, p. 48), sempre em conformidade com o Plano Regional de Leitura.

Também na área de Matemática se nota a importância de se considerar a cultura açoriana, pois o CREB esclarece que o desenvolvimento de três capacidades transversais intrínsecas a esta área (resolução de problemas, raciocínio matemático e comunicação matemática) permitem a perceção e intervenção na realidade açoriana por parte dos alunos. Ou seja, através do desenvolvimento das capacidades propostas na área de Matemática, os alunos açorianos tornam-se críticos e capazes de opinar e intervir de forma responsável na realidade da região, tal é corroborado no CREB (Alonso *et al.*, 2011, p. 63):

A dimensão estética e cultural desta ciência mostra-nos que a matemática, como ciência dos padrões, poderá identificar diferentes aspetos em culturas bem diversas, conectando-as e concorrendo para a construção de uma nova consciência holística, integradora da realidade e construtora de uma identidade arquipelágica.

Concluindo, como já ficou claro, o CREB é um documento que tem por base as características próprias dos alunos que residem nos Açores e a sua Açorianidade. Este visa a valorização da *Açorianidade* no sistema educativo dos Açores, com o objetivo de proporcionar a formação completa do aluno, através do desenvolvimento das competências-chave. Tal desenvolvimento é conseguido pela exploração de conteúdos referentes a fenómenos exclusivos dos Açores, aproveitando-se os recursos locais e tendo por base uma Educação para o Desenvolvimento Sustentável.

2.2. A cidadania como área transversal ao currículo: educar para a cidadania pela cultura – que atitudes e valores?

Como vimos anteriormente, ao conceito Cidadania não se associa apenas o significado de pertença de um indivíduo a uma sociedade; pelo contrário, este é um conceito muito mais abrangente que visa a formação e o aperfeiçoamento desse indivíduo. Deste modo, pode-se considerar que existe uma relação intrínseca entre Cidadania e Educação, uma vez que esta última tem por objetivo a formação do indivíduo enquanto cidadão e é na Educação e pela Educação que a Cidadania se (re)constrói.

É nesta perspetiva que, desde cedo, se procurou educar para a Cidadania e que se começou a falar de Educação para a Cidadania. Como já vimos anteriormente (aquando da contextualização destes conceitos), desde a antiga Grécia, passando pela Idade Média, pela Revolução Francesa e chegando até à atualidade, sempre se procurou caracterizar e valorizar a noção de Cidadania. No entanto, em Portugal, a verdadeira formalização de Educação para a Cidadania só surgiu, realmente, após a Revolução de 25 de abril de 1974, aquando da implementação da Democracia Portuguesa. Só nesta época é que se passou a associar a Cidadania à área de *Formação Pessoal e Social* e o sentido democrático de Cidadania só veio a ser aceite com a Lei de Bases do Sistema Educativo Português (LBSE), publicada em 1986. Esta LBSE apresentava duas perspetivas democráticas para a Cidadania: “a) a democratização do ensino – em 1986 instaura-se a obrigatoriedade da escolarização para todos os portugueses; b) a filosofia e princípios axiológicos que consubstanciam as finalidades educativas da Lei de Bases (Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro)” (Fonseca, 2011, p. 161).

Atualmente, a Educação para a Cidadania visa a consciencialização do indivíduo como pertencente a uma sociedade, procurando que este mesmo desenvolva aptidões críticas e reflexivas sobre a realidade envolvente. Esta educação para a Cidadania faz-se presente no Pré-Escolar através da área de *Formação Pessoal e Social*, que é considerada uma área transversal, pelo facto de estar presente em todo o trabalho educativo que é desenvolvido neste nível de ensino. Tal é corroborado por Silva, Marques, Mata e Rosa (2016, p. 37), ao afirmarem que as crianças

[S]e relacionam consigo próprias, com os outros e com o mundo, num processo de desenvolvimento de atitudes, valores e disposições que constituem as bases de uma aprendizagem bem sucedida, ao longo da vida, e de uma cidadania autónoma, consciente e solidária.

Também na implementação dos documentos curriculares do 1.º CEB se verifica uma valorização da Educação para a Cidadania de forma integrada. Neste nível de ensino, encontra-se uma articulação mútua entre os Programas e Metas Curriculares das diversas áreas e o *Referencial da área de Formação Pessoal e Social e da área Curricular Não Disciplinar de Cidadania para o Ensino Básico*. Tal articulação é valorizada, pois tem-se por base a importância que a Educação para a Cidadania desempenha no desenvolvimento dos alunos, contribuindo para a “formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e

no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, tendo como referência os valores dos direitos humanos” (DGE, 2013, p. 5).

Importa, neste seguimento, fazer um breve enquadramento sobre o *Referencial da área de Formação Pessoal e Social e da área Curricular Não Disciplinar de Cidadania para o Ensino Básico*. Este é um documento que, para além da articulação estabelecida com os Programa e Metas Curriculares de Português, de Matemática e de Estudo do Meio do Ensino Básico, também mantém articulação com o CREB. Neste último documento, e conforme se pode observar na **Figura 1** (apresentada acima), a área de Cidadania é preconizada como apoio à implementação do desenvolvimento curricular previsto no Decreto Legislativo Regional n.º 21/2010/A, de 24 de junho de 2010. Para além disso, em articulação com o CREB, o *Referencial da área de Formação Pessoal e Social e da área Curricular Não Disciplinar de Cidadania para o Ensino Básico* visa proporcionar aos alunos que frequentam o ensino na RAA a possibilidade de se desenvolverem pessoal e socialmente, como cidadãos responsáveis, críticos, autónomos e conscientes. Além do mais, este Referencial apresenta outras seis finalidades que visam o desenvolvimento coerente do aluno enquanto pessoa, como por exemplo: “favorecer o desenvolvimento pessoal dos alunos, nomeadamente a capacidade de lidar adaptativamente com o seu mundo interior” ou “motivar os alunos para formas de acção solidárias, a partir do entendimento dos direitos e das necessidades dos outros” (Borges, Vilela, Santos, Fonseca, Sousa & Valadão, 2010, p. 5). Na sequência destas finalidades, neste documento, é elencado um conjunto de 19 competências essenciais a serem desenvolvidas pelos alunos, como por exemplo “conhecer e aceitar a sua individualidade como pessoa”; “envolver-se na preservação do património histórico-cultural”; “gerir as suas emoções”; “adoptar formas de comunicação assertiva”; “respeitar as regras de convivência na Escola e na Sociedade” (Borges *et al.*, pp. 5 e 6). Note-se que tanto as finalidades, como as competências não são totalmente rígidas, podendo ser adaptadas conforme a faixa etária dos alunos, o nível de ensino em questão e o próprio Referencial que é abordado. Por fim, é importante referir que, relativamente à estrutura, o *Referencial da área de Formação Pessoal e Social e da área Curricular Não Disciplinar de Cidadania para o Ensino Básico* apresenta dez dimensões essenciais, devidamente contextualizadas e que devem ser trabalhadas. Estas são as seguintes: *A Pessoa como Agente Ético-Moral, Educação para os Direitos Humanos, Educação para a Saúde, Educação Ambiental, Educação para a Segurança, Educação para o Consumo, Educação para a Sociedade de*

Informação, Educação para a Preservação do Património Histórico-Cultural, Educação para o Empreendedorismo e Questões Éticas da Actualidade.

Após clarificada a estrutura do Referencial, é importante fazer-se uma breve abordagem aos valores subjacentes à Educação para a Cidadania que podem ser transmitidos através da cultura açoriana. Torna-se importante falar de valores porque a Educação para a Cidadania visa também a transmissão de valores, tal como é referido neste Referencial (Borges *et al.*, 2010), “em termos de gestão curricular geral, é de considerar que a Área de Formação Pessoal e Social e a Área Curricular Não Disciplinar de Cidadania” (p. 3) estão “profundamente enraizadas na Educação para Valores” (p. 3). Mas, antes de se abordar valores em concreto, importa compreender que valores são caracterizados como “estruturas cognitivas que permitem ao sujeito a impressão pessoal de agrado ou desagrado” (Rocha, 1996, p. 12).

Assim sendo, a cultura açoriana, tal como as demais culturas, desempenha um importante papel na transmissão de diversos valores, por exemplo através da tradição oral. Isto porque, através do conto de histórias próprias de determinada cultura, é possível transmitir de geração em geração vários valores que fazem parte dessa mesma cultura. Certificando esta perspetiva, Marchand (2001, p. 8) afirma que “desde sempre, e nas mais diversas culturas, se contam histórias com o objectivo de entreter as crianças e, também, de transmitir valores de gerações mais velhas para as mais novas”. Este é apenas um exemplo de como a cultura pode contribuir para a transmissão de valores, constituindo uma forma benéfica de legado, na medida em que as crianças e alunos na faixa etária do Pré-Escolar e do 1.º CEB demonstram especial interesse por contos que despertem a sua imaginação e que possam ser associados a situações do seu dia-a-dia.

Nesta lógica, no CREB está expressa a importância da cultura açoriana para o desenvolvimento de valores por parte dos alunos, na medida em que, neste documento, se afirma que

[A]s circunstâncias próprias da Açorianidade, suscitam desafios específicos ao exercício da cidadania. Com efeito, as particularidades da insularidade, o vulcanismo e outros fenómenos geofísicos, moldam a espiritualidade, condicionam as relações sociais e favorecem a emergência de determinadas formas de ação solidária em situações de catástrofe natural e outras. (Alonso *et al.*, 2011, p. 32)

Ou seja, as situações de catástrofe e as condições de insularidade descritas na citação anterior são importantes exemplos capazes de despertar e inculcar nos intervenientes valores e conseqüentes atitudes de cooperação e solidariedade. Para além disso, o culto ao DES e toda a dinâmica que se desenvolve em torno deste permite o fomento de valores como partilha e solidariedade. Já no que se refere à autonomia e à justiça, não existe melhor forma de transmissão destes valores do que a própria história dos Açores que espelha todos os esforços de cooperação que foram empreendidos pelos açorianos para procurar alcançar a autonomia da Região a que tinham direito. Por fim, valores como responsabilidade e respeito, podem ser transmitidos pela cultura açoriana através da consciencialização das crianças e alunos açorianos para o seu dever enquanto cidadãos açorianos. Trata-se, pois, de um dever dos açorianos demonstrarem ser responsáveis pela preservação e divulgação do seu património cultural e pelo respeito ao mesmo. E, foram estas noções e estes valores que se tentaram transmitir durante os EP I e II e que são alvo de descrição e reflexão no *Capítulo V* deste Relatório.

PARTE II – A INTERVENÇÃO EDUCATIVA NAS ESCOLAS DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO

Capítulo III: Objetivos e Metodologia do Relatório de Estágio

Atendendo à natureza do Relatório de Estágio e à específica temática do mesmo, elencamos um conjunto de objetivos específicos do estudo, objetivos centrados no desenvolvimento pessoal e social da estagiária e objetivos centrados nas aprendizagens das crianças e dos alunos que nos propusemos alcançar ao longo dos EP I e II e que passamos a apresentar.

Objetivos específicos do estudo

- Conhecer as conceções e perceções dos pais/EE de crianças do Pré-Escolar e de alunos do 1.º CEB relativamente à cultura açoriana;
- Compreender que importância os pais/EE de crianças do Pré-Escolar e de alunos do 1.º CEB atribuem à cultura açoriana no seu dia-a-dia;

- Compreender que aspetos da cultura açoriana são valorizados pelos pais/EE de crianças do Pré-Escolar e de alunos do 1.º CEB.

Objetivos enquanto estagiária

- Analisar e refletir sobre as práticas educativas e o papel docente aquando dos EP I e II;
- Conceber e planificar intervenções educativas que vão ao encontro dos interesses e das necessidades das crianças e dos alunos, com ênfase na cultura açoriana e na Educação para a Cidadania;
- Entender quais os costumes e as tradições que estão presentes no ambiente familiar das crianças e dos alunos;
- Procurar desenvolver e/ou transmitir conhecimentos sobre tradições, costumes e características da cultura açoriana;
- Compreender como é possível promover a cultura açoriana na educação para a cidadania e que relação existe entre as duas vertentes;
- Promover o desenvolvimento das crianças e dos alunos como cidadãos ativos e responsáveis, partindo de costumes e tradições da cultura açoriana.

Objetivos centrados nas aprendizagens das crianças e dos alunos

- Conhecer e valorizar o património cultural açoriano;
- Compreender as diferenças culturais entre o passado e o presente;
- Ser cidadão ativo e responsável na preservação do património cultural açoriano;
- Conhecer a cultura açoriana, desenvolvendo atitudes de tolerância e respeito pelas demais culturas;
- Compreender qual o seu papel no meio a que pertence e na sua cultura.

Metodologia do Relatório de Estágio

Segundo Almeida (1994), por Metodologia compreende-se o conjunto de sistemas, procedimentos e instrumentos que são utilizados por um investigador com o propósito de realizar uma investigação. Assim, uma vez explicitados os objetivos

inerentes a este Relatório de Estágio, importa debruçarmo-nos sobre a metodologia utilizada aquando da realização do mesmo. Durante todo o trabalho desenvolvido fez-se uso de metodologias como investigação-ação, observação participante, observação não participante e inquéritos por questionário e cabe agora clarificar em que consiste cada uma dessas metodologias e instrumentos, esclarecendo o contexto da sua utilização.

Toda a investigação foi realizada no período de observação que antecedeu as intervenções e durante as próprias intervenções. Esta foi uma investigação com traços característicos de uma **investigação-ação**, apesar de não se poder considerar que se tenha utilizado uma metodologia de investigação-ação na sua totalidade, pois os entraves temporais não possibilitaram o desenvolvimento deste tipo de investigação de forma mais íntegra e completa. Para Esteves (2008, p. 164) “a investigação-acção contribui para a reflexão sistemática sobre a prática social e educativa com vista à melhoria e à mudança tanto pessoal como social”. Assim, pode-se afirmar que a investigação-ação foi a metodologia utilizada, pois procurou-se avaliar os contextos por forma de procurar delinear um plano de ação que melhor favorecesse o desenvolvimento por parte das crianças e dos alunos, de momentos ricos de aquisição de noções de cidadania através da cultura açoriana, procurando despertar o interesse para a importância desta cultura.

Para além disso, recorreu-se à **observação** dos contextos de sala de aula onde decorreram os EP e das próprias crianças e alunos. A observação é uma técnica de recolha de dados que, segundo Pereira e Miranda (2003, citado por Bettencourt, 2013, p. 14), “corresponde a um procedimento segundo o qual pretendemos captar o significado de uma conduta ou de uma acção, realizada num contexto natural, isto é, sem manipular a situação em que essa acção decorre”. Para além disso, a observação pode assumir duas modalidades diferentes: **observação participante** e **observação não participante**. Loffland e Loffland (1995 citados por Moreira, 2007, p. 187) equacionam a observação participante como “uma estratégia metodológica composta por uma série de técnicas de obtenção e análise de dados”, que permite que “o investigador selecion[e] os objetos de observação, decid[a] o que perguntar e confirm[e] os seus interesses no decurso da própria investigação” (p. 187). Bogdan & Taylor (1975, citados por Correia, 2009) definem a observação participante como “como uma investigação caracterizada por interacções sociais intensas, entre investigador e sujeitos, no meio destes, sendo um procedimento durante o qual os dados são recolhidos de forma sistematizada” (p. 31). Já na observação não participante, como próprio nome sugere, o investigador não participa na ação, apenas observa. Esta, segundo Quivy & Campenhoudt (1992) “tanto pode ser longa como de

curta duração, feita à revelia ou com o acordo das pessoas em questão, ou ainda realizada com ou sem a ajuda de grelhas de observação pormenorizadas” (p. 191). No caso deste estudo, existiram momentos de observação participante (durante as intervenções pedagógicas da própria estagiária) e momentos de observação não participante (durante os instantes de observação da intervenção do par pedagógico ou da educadora e do professor cooperantes). Estes foram momentos de grande importância para a realização do Relatório de Estágio e para as próprias intervenções pedagógicas, pois permitiram a recolha de dados que possibilitaram obter conclusões sobre as temáticas abordadas no contexto de sala de aula, sobre as diversas áreas curriculares e, principalmente, sobre a dinâmica existente em sala de aula e as vivências e experiências das crianças e dos alunos.

Tem por base que “toda a ação de pesquisa se traduz no ato de perguntar” (Ferreira, 2003, citado por Félix, 2015, p. 81), um outro método utilizado para recolha de dados consistiu na realização de **inquéritos por questionários**, que, segundo Gil (1999, p. 128) são “uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas, por escrito, às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.” Ghiglione e Matalon (2001) afirmam que este instrumento de recolha de dados apresenta quatro objetivos diferentes: aferir determinadas grandezas “absolutas”, aferir certas grandezas “relativas”, representar uma população ou uma subpopulação e averiguar pressupostos sob a forma de relações entre duas ou mais variáveis. Relativamente ao estudo realizado, foram distribuídos um total de 94 questionário pelos pais e/ou encarregados de Educação das crianças e dos alunos do Pré-Escolar e do 1.º CEB das escolas onde foram realizados os estágios pedagógicos. Estes inquéritos por questionário estão associados ao objetivo de representar uma população ou subpopulação, mencionado por Ghiglione e Matalon (2001). Estes inquéritos por questionários são constituídos por um total de 17 questões, subdivididos em dois tipos de questões – onze questões de escolha múltipla (em algumas, era disponibilizada a opção do inquirido escrever outra opção que não as apresentadas) e seis questões de resposta aberta. De todos estes inquéritos por questionário, apenas se obtiveram 34 respondidos, o que acaba por limitar, de certo modo, o estudo em questão, não se podendo falar de amostra, dada a pequena quantidade de inquiridos. De tal forma, as repostas obtidas tratam-se de perceções representativas dos inquiridos. Estas foram, posteriormente, agrupadas através de uma categorização previamente esboçada e são apresentadas e analisadas no capítulo que se segue.

Capítulo IV: Perceções de pais/Encarregados de Educação sobre a presença da cultura açoriana no seu quotidiano e no quotidiano das crianças/alunos

Como foi referido no capítulo anterior, *Capítulo III: Objetivos e Metodologia do Relatório de Estágio*, inicialmente foram entregues 94 inquéritos por questionário a pais/Encarregados de Educação (EE) de crianças do Pré-Escolar e de alunos do 1.º CEB das escolas onde se realizaram os EP I e II. Destes, apenas se obtiveram 34 inquéritos por questionário respondidos.

Na linha do que vimos anteriormente, Ghiglione e Matalon (2001) atribuem quatro objetivos principais a este instrumento de recolha de dados: determinar certas grandezas “absolutas”, determinar certas grandezas “relativas”, apresentar uma população ou uma subpopulação e apurar pressupostos sob a forma de relações entre duas ou mais variáveis. No caso deste estudo, teve-se por base o objetivo que consiste em apresentar uma população ou subpopulação. Dado o reduzido número de inquéritos que se obtiveram respondidos, não se pode caracterizar os inquiridos como amostra, pois este termo refere-se a um número mais elevado de inquiridos.

Quando se construíram os inquéritos por questionário (Cf. **Anexo 1**), em primeiro lugar organizaram-se um conjunto de questões (da questão n.º 1 até à questão n.º 8) que tiveram com objetivo elucidar algumas características dos inquiridos: desde género, idade, situação profissional, naturalidade, local onde passaram a sua infância e tempo de residência nos Açores. É esta caracterização dos inquiridos que é apresentada de seguida.

Assim, relativamente ao género dos inquiridos, como se pode perceber na **Tabela 1**, na sua maioria, estes são do género feminino, observando-se que os pais/EE dos alunos do 1.º CEB que responderam a este inquérito são todos do género feminino.

Género	Pais/EE do Pré-Escolar	Pais/EE do 1.º CEB	Total de Inquiridos
F	12	17	29
M	5	0	5
Total	17	17	34

Tabela 1: Género dos pais/EE inquiridos (resposta à questão n.º 1 do inquérito por questionário).

Relativamente à faixa etária dos inquiridos, com base na **Tabela 2**, é possível perceber que a maioria dos inquiridos apresenta idades compreendidas entre os 35 e os 44 anos (um total de 17) e entre os 25 e os 34 anos (um total de 11). Sendo que a média de idades é de 37 anos.

Faixa Etária	Pais/EE do Pré-Escolar	Pais/EE do 1.º CEB	Total de Inquiridos
Inferior a 25 anos	1	0	1
Entre 25 a 34 anos	5	6	11
Entre 35 a 44 anos	11	6	17
Entre 45 a 54 anos	0	5	5
Total	17	17	34
Média das Idades dos pais/EE inquiridos: (51+50+50+48+47+43+43+27+27+35+34+29+29+30+42+42+42+26+21+27+28+30+33+35+37+38+39+39+39+40+40+40+41+41):34=37			

Tabela 2: Faixa etária dos pais/EE inquiridos (resposta à questão n.º 2 do inquérito por questionário).

Através dos dados organizados na **Tabela 3**, é possível entender a situação profissional dos inquiridos, notando-se que a maioria destes trabalha no setor privado (um total de 14 inquiridos) ou encontra-se desempregada (um total de 12).

Situação Profissional	Pais/EE do Pré-Escolar	Pais/EE do 1.º CEB	Total de Inquiridos
Funcionário da Função Pública	1	0	1
Trabalhador do Setor Privado	8	6	14
Doméstica	3	2	5
Trabalhador por conta própria/Recibo Verde	1	1	2
Desempregado	4	8	12
Total	17	17	34

Tabela 3: Situação profissional dos pais/EE inquiridos (resposta à questão n.º 3 do inquérito por questionário).

Já no que se refere à naturalidade dos inquiridos, como é possível observar na **Tabela 4**, a maioria demonstrou ser natural dos Açores (um total de 32). Apenas um total de 2 inquiridos é que respondeu indicando outra naturalidade.

Naturalidade	Pais/EE do Pré-Escolar	Pais/EE do 1.º CEB	Total de Inquiridos
É natural dos Açores	16	16	32
Não é natural dos Açores	1	1	2
Total	17	17	34

Tabela 4: Naturalidade dos pais/EE inquiridos (resposta à questão n.º 4 do inquérito por questionário).

Ao observar-se a **Tabela 5**, percebe-se que, no se refere ao local de nascimento dos inquiridos, a maioria nasceu na ilha de São Miguel (um total de 30). Houve ainda 1 inquirido que referiu ter nascido na ilha Terceira, 1 inquirido que disse ter nascido na Bermuda e 1 inquirido que não respondeu esta questão.

Local de nascimento	Pais/EE do Pré-Escolar	Pais/EE do 1.º CEB	Total de Inquiridos
Nasceu em São Miguel	15	15	30
Nasceu na Terceira	0	1	1
Nasceu na Graciosa	1	0	1
Nasceu na Bermuda	1	0	1
Não responderam	0	1	1
Total	17	17	34

Tabela 5: Local de nascimento dos pais/EE inquiridos (resposta às questões n.º 5 e n.º 6 do inquérito por questionário).

Através da análise da **Tabela 6**, foi possível perceber que a maioria dos pais/EE inquiridos passaram a sua infância na ilha de São Miguel (30). Para além destes, 2 inquiridos disseram ter passado a sua infância na ilha Terceira e 1 inquirido respondeu que passou a sua infância na ilha do Faial.

Local onde passou a infância	Pais/EE do Pré-Escolar	Pais/EE do 1.º CEB	Total de Inquiridos
São Miguel	15	15	30
Terceira	1	1	2
Faial	0	1	1
Não responderam	1	0	1
Total	17	17	34

Tabela 6: Local onde os pais/EE inquiridos passaram a sua infância (resposta à questão n.º 7 do inquérito por questionário).

Por fim, relativamente ao tempo de residência dos pais/EE, é importante explicar que no inquérito por questionário as opções de resposta a esta questão eram as seguintes:

“a) há menos de 1 ano”; “b) há 1 ano”; “c) há 2 anos”; “d) há 3 anos”; “e) há 4 anos”; “f) há 5 anos”; “g) há mais de 5 anos”; “Quantos anos?”. No entanto, para facilitar a organização das respostas obtidas, estas foram agrupadas por uma escala de anos, com base nas próprias respostas, conforme é apresentado na **Tabela 7**. Através da análise desta tabela, é possível concluir que um elevado número de inquiridos não respondeu a esta questão (um total de 23) e que 3 responderam residir nos Açores num espaço de tempo compreendido entre 36 a 40 anos; outros 3 disseram residir nos Açores num período de tempo compreendido entre 46 a 50 anos; 2 responderam residir nos Açores num intervalo de tempo compreendido entre 25 a 30 anos; 2 demonstraram residir nos Açores num espaço de tempo compreendido entre 41 a 45 anos; e apenas 1 inquirido disse residir nos Açores num período de tempo superior a 50 anos. Com base na análise das respostas a esta questão é possível afirmar que o tempo de residência nos Açores está associado ao facto dos respondentes terem (ou não) nascido nos Açores e terem (ou não) passado a sua infância no Arquipélago. Por exemplo, um inquirido que tenha afirmado ter 21 anos, ter nascido numa das ilhas dos Açores e ter passado aqui a sua infância, pode levar a deduzir que este reside há 21 anos nos Açores. Ainda como exemplo, note-se um caso concreto de um inquirido que neste inquérito afirmou ter 39 anos, ter nascido nas Bermudas, ter passado a sua infância na ilha de São Miguel e reside há 38 anos nos Açores. Tal pode levar a concluir que este inquirido começou a residir nos Açores com apenas 1 ano de idade. Talvez por este motivo se tenha notado um tão elevado número de abstenção de resposta a esta questão, pois os inquiridos podem ter pré-concebido que os dados das questões anteriores eram suficientes para se concluir o tempo de residência dos mesmos nos Açores.

Tempo de residência nos Açores	Pais/EE do Pré-Escolar	Pais/EE do 1.º CEB	Total de Inquiridos
Entre 25 a 30 anos	1	1	2
Entre 31 a 35 anos	0	0	0
Entre 36 a 40 anos	3	0	3
Entre 41 a 45 anos	0	2	2
Entre 46 a 50	0	3	3
Há mais de 50 anos	0	1	1
Não responderam	13	10	23
Total	17	17	34

Tabela 7: Tempo de residência nos Açores dos pais/EE inquiridos (resposta à questão n.º 8 do inquérito por questionário).

Uma vez explicitadas as características essenciais dos inquiridos, importa focar as restantes questões do inquérito por questionário que foram contruídas tendo por base cinco objetivos principais: 1) perceber a conceção de cultura que os inquiridos apresentam; 2) compreender a importância que é atribuída à cultura pelos inquiridos; 3) entender que aspetos culturais da cultura açoriana são valorizados pelos inquiridos; 4) perceber de que forma os inquiridos consideram ter uma participação ativa na cultura açoriana; e 5) compreender qual a perceção que os inquiridos têm sobre os valores associados à cultura açoriana. Como já foi mencionando, também no capítulo anterior, a estas respostas foi feita uma análise de conteúdo qualitativa. Segundo Berelson e Lazarsfel (1948, citados por Bardin, 1977, p. 19) “[a] análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Também Janis (1949, p. 53) procura definir a análise de conteúdo como aquilo que

[F]ornece meios precisos para descrever o conteúdo de qualquer tipo de comunicação: jornais, programas de rádio, filmes, conversações quotidianas, associações livres, verbalizadas, etc. As operações da análise de conteúdo consistem em classificar os sinais que ocorrem em uma comunicação segundo um conjunto de categorias apropriadas.

Tendo por base este pressuposto e cientes de que, tal como Bardin (1977, p. 117) refere, “[a] maioria dos procedimentos de análise organiza-se em redor de um processo de categorização”, foi realizada uma análise de conteúdo às respostas obtidas, organizando-as por um sistema muito simples de categorias, tendo por base o que se objetivou apurar aquando da realização destes inquéritos por questionário. Note-se que, segundo Bardin (1977, p. 117), por categorização ou sistemas de categorias compreende-se a “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia, com os critérios previamente definidos)”.

Deste modo, tendo por base os cinco objetivos referidos acima, segue a **Tabela 8** na qual se encontram organizadas as respetivas categorias que foram criadas antes da construção do inquérito por questionário e as respetivas questões que se enquadram nessas mesmas categorias.

CATEGORIAS	QUESTÕES
Categoria 1: Conceito de cultura	9. O que entende por cultura?
Categoria 2: Importância da cultura açoriana	13. Considera importante a presença da cultura açoriana na sua vida e na vida dos seus filho(s)/educando(s)? Porquê?
	14. Considera importante a presença da cultura açoriana nos programas de ensino nas escolas? Porquê?
Categoria 3: Aspetos culturais açorianos valorizados	10. Que tradições/festividades tipicamente açorianas valoriza ou costuma participar/frequentar?
	12. Que gastronomia açoriana faz parte da sua alimentação (produtos ou pratos que confeciona ou costuma comer)?
	15. Que aspetos culturais considera que devem ser trabalhados nas escolas?
Categoria 4: Participação ativa na cultura açoriana	11. O seu filho ou algum dos membros do agregado familiar pertence a algum grupo tradicional?
	16. De que forma considera que pode ter uma participação ativa na cultura açoriana?
Categoria 5: Valores associados à cultura açoriana	17. Que valores considera estarem associados à cultura açoriana, ou que esta possa desenvolver?

Tabela 8: Categorização das questões do inquérito por questionário.

As questões foram associadas às respetivas categorias, pelo facto de estas questões responderem ao tópico que é explicitado em cada categoria. As respostas por completo podem ser encontradas no **Anexo 2**, pois para as apresentar na sequência do texto tornar-se-ia demasiado exaustivo. Para uma melhor consulta, referência e análise destes inquéritos por questionário, procedeu-se à enumeração dos mesmos, com a denominação “Inquirido” seguida do respetivo número que o identifica e da sigla PE (para os questionários respondidos pelos pais/EE de crianças do Pré-Escolar) ou da sigla 1.ºCEB (para os questionários respondidos pelos pais/EE dos alunos do 1.º CEB). Seguidamente, é feita uma análise às perceções obtidas por parte das respostas dos pais/EE inquiridos, procurando-se, sempre que necessário, referenciar alguma resposta em concreto.

Assim, com o intuito de responder à **Categoria 1: Conceito de cultura**, foi construída a questão aberta *9. O que entende por cultura?*. Esta é uma questão com uma construção frásica muito clara, que foi respondida por 24 inquiridos, notando-se contudo que os restantes 10 inquiridos não responderam. Analisando o conteúdo das respostas dadas pelos pais/EE inquiridos, notou-se uma certa homogeneidade nas mesmas.

Obviamente que, em termos de construção frásica e de coesão de ideias, algumas das respostas dadas destacam-se das restantes, pelo facto de transmitirem uma definição de cultura mais abrangente. Mas na generalidade a maioria dos inquiridos referiu cultura como sendo a moral, a arte, as crenças, os costumes, os hábitos e as tradições “de cada cidade, de cada aldeia e de cada país” (Inquirido 4-PE); “de uma determinada região e que a caracterizam por isso” (Inquirido 10-PE). Para além desta conceção de cultura como algo universal associado ao povo de cada região, ainda houve 2 inquiridos que incluíram na definição de cultura os valores de cada povo e as suas vivências (como o Inquirido 8-PE, por exemplo: “A cultura é tudo aquilo que caracteriza determinado povo, os seus valores, costumes, tradições, etc.”); 1 inquirido que associou a definição de cultura ao indivíduo ao referir que cultura “Somos nós” (Inquirido 3-PE) e 1 inquirido que definiu a cultura como sendo aquilo que deve ser passado de geração em geração (“Tudo o que faz parte dos “costumes” de uma sociedade e que deve ser passado de geração em geração” – Inquirido 11-PE). Esta questão, tal como se pode observar através das respostas dadas, surtiu os efeitos desejados, na medida em que foi possível perceber que estes pais/EE inquiridos entendiam por cultura. E, de certo modo, ficou claro que as definições de cultura dadas por estes inquiridos foram ao encontro da conceptualização de cultura que foi elencada na fundamentação teórica deste Relatório. Tudo isto foi posteriormente tido em conta aquando das intervenções pedagógicas.

Correspondendo à **Categoria 2: Importância da cultura açoriana**, foram construídas as questões 13. *Considera importante a presença da cultura açoriana na sua vida e na vida dos seus filho(s)/educando(s) Porquê?* e 14. *Considera importante a presença da cultura açoriana nos programas de ensino nas escolas? Porquê?*. A questão n.º 13 foi uma questão aberta à qual a maioria dos inquiridos respondeu (do total de 33 inquiridos, 31 responderam). Todas as respostas a esta questão foram afirmativas e a maioria das justificações dadas assemelharam-se. Ou seja, os pais/EE inquiridos justificaram a importância da presença da cultura açoriana na sua vida e na vida dos seus filho(s)/educando(s) com as seguintes razões: permite que os seus filho(s)/educando(s) fiquem a conhecer o passado, as suas raízes, a sua origem e as suas tradições; permite que estes aprendam a respeitar e a divulgar. Ou seja, a maioria das respostas dadas remetemos para a importância da presença da cultura como forma de conhecer o passado açoriano, de respeitar e de transmitir esta cultura. Importa destacar que um dos pais/EE inquiridos respondeu a esta questão da seguinte forma: “Porque através da cultura

açoriana, transmitimos valores e tradições importantes para o desenvolvimento das crianças.” (Inquirido 16-PE). Tal percepção destacou-se pelo facto de ser a única que corrobora claramente a ideia de que a cultura é verdadeiramente fundamental para o desenvolvimento das crianças.

Relativamente à questão aberta n.º 14, responderam 29 inquiridos, abstendo-se 4. As respostas que foram dadas nesta questão assemelharam-se às respostas da questão anterior, talvez pelo facto de a natureza dessas duas questões ser idêntica. Assim, nesta questão obtiveram-se respostas como “Porque é uma maneira de passar de pais para filhos os nossos hábitos, festividades. Viver a nossa cultura” (Inquirido 7-PE), ou “Porque é na escola que se transmite muitos dos valores, crenças, etc. de um povo ou região” (Inquirido 12-PE). Estas são exemplos de questões que espelham a importância da presença da cultura na escola como forma de transmissão de costumes e tradições e de valores e crenças. Para além desta resposta, ainda houve um inquirido que deu uma resposta que se destaca pelo seu forte carácter opinativo:

Sinceramente considero que este tema foi durante muito tempo “esquecido”, tendo verificado que recentemente tem vindo a ter mais importância no ensino. É necessário desenvolvê-lo de modo a que os açorianos saibam mais da sua história do que os turistas, que é o que acontece muito atualmente. (Inquirido 6-PE)

Nesta resposta é notória a ideia de que realmente por algum tempo este tema da cultura tem sido deixado de parte e não tem tido a devida atenção aquando da planificação da ação pedagógica no contexto escolar. Partilhando de tal percepção, teve-se em atenção, durante os EP I e II contrariar tal tendência, procurando apontar, sempre que possível para temáticas subjacentes à cultura açoriana.

Como forma de obter percepções que correspondessem à **Categoria 3: Aspetos culturais açorianos valorizados**, construíram-se as questões 10. *Que tradições/festividades tipicamente açorianas valoriza ou costuma participar/frequentar?*; 12. *Que gastronomia açoriana faz parte da sua alimentação (produtos ou pratos que confeciona ou costuma comer)?* e 15. *Que aspetos culturais considera que devem ser trabalhados nas escolas?*. Estas três questões tiveram por objetivo compreender que pontos da cultura açoriana eram valorizados pelos pais/EE inquiridos, procurando-se abranger o máximo de festividades, tradições e gastronomia típica da cultura açoriana. As questões n.º 10 e n.º 12 foram de escolha múltipla e a

questão n.º 15 foi de resposta aberta. Estas demonstraram ter um efeito bastante significativo, pois conseguiu-se apurar uma elevada lista de conteúdos da cultura açoriana valorizados pelos inquiridos. Ainda, foi possível perceber que quando se trata de questões de escolha múltipla nota-se uma menor abstenção por parte dos inquiridos, pois não houve nenhum inquérito em que estas questões de escolha múltipla ficassem por responder.

Focando-nos agora sobre as respostas que foram dadas pelos inquiridos na questão 10. *Que tradições/festividades tipicamente açorianas valoriza ou costuma participar/frequentar?*, foi notório que a maioria dos inquiridos demonstrou participar/frequentar em festividades como: as Sopas do Divino Espírito Santo (23 inquiridos), os Impérios do Divino Espírito Santo (26 inquiridos) e as Festividades do Senhor Santo Cristo (27 inquiridos). Seguidamente a estas festividades, ainda se destacaram: as Festas dos Santos Populares (17 inquiridos), o Carnaval (15 inquiridos) e o Pão-por-Deus (12 inquiridos). Com estas respostas, pode-se perceber que aqui está presente a forte fé dos açorianos para com o Divino Espírito Santo e para com o Senhor Santo Cristo, fé esta que todos os anos reúne multidões para participarem nas festividades que são organizadas em honra destas divindades. As respostas obtidas permitiram também perceber a forte importância que existe na passagem de tradições açorianas de geração em geração. Isto porque, as Festas dos Santos Populares, o Carnaval e o Pão-por-Deus são tradições que perduram fortemente enraizadas nos Açores e que, com o passar dos anos, têm mantido o seu forte carácter de convivência.

Relativamente à questão 12. *Que gastronomia açoriana faz parte da sua alimentação (produtos ou pratos que confeciona ou costuma comer)?*, notou-se que a maioria dos pais/EE inquiridos selecionou uma grande variedade de opções referentes a pratos ou alimentos próprios da gastronomia açoriana. Das opções, destacam-se algumas que obtiveram um maior número de preferências, tais como: bolo lêvedo (33 inquiridos), malassadas, massa sovada (cada opção selecionada por 30 inquiridos), sopas do Espírito Santo, cozido das Furnas, ananás dos Açores (cada opção selecionada por 28 inquiridos), inhame cozido, maçaroca de milho cozido (cada opção selecionada por 25 inquiridos), chicharros assados com molho verde (24 inquiridos), torresmos de molho de fígado (23 inquiridos), lacticínios Nova Açores (22 inquiridos) e araçá dos Açores (20 inquiridos). Tais respostas permitiram perceber que a maioria dos inquiridos tem conhecimento sobre grande parte dos pratos e alimentos açorianos. Este conhecimento pode dever-se ao facto

de alguma desta gastronomia estar associados a festividades religiosas (como é o caso das sopas do Espírito Santo); ou pelo facto estarem relacionados com locais turísticos dos Açores (como por exemplo o bolo lêvedo que é muito conhecido na freguesia das Furnas, concelho da Povoação, ilha de São Miguel); ou até por serem produtos que se encontram à venda em todas as superfícies comerciais. O certo é que, pelas respostas obtidas a percepção que se obtém é que a maioria dos pais/EE têm um conhecimento diversificado sobre este aspeto da cultura açoriana.

À questão 15. *Que aspetos culturais considera que devem ser trabalhados nas escolas?*, responderam 26 inquiridos e abstiveram-se 8. Nesta, a maioria dos inquiridos deixou claro que todos os aspetos que fazem parte da cultura açoriana são importantes, desde origem das festas, as vivências dos avós e bisavós, a religião, as festas do Divino Espírito Santo e do Senhor Santo Cristo, a gastronomia, as bandeiras, as tradições, as brincadeiras, as lengalengas, o folclore, o artesanato, as músicas tradicionais, as lendas e a história dos Açores. Para além destes aspetos que foram enunciados, existiram outras respostas que, pelo seu carácter mais específico, importa destacar. Assim, o Inquirido 17-PE, na sua resposta referiu que “(...) Mas é importante dar a conhecer a importância do que vem do mar e da terra e da influência que isto tem na nossa economia. Terra vulcânica, fazer cozido usando este benefício. Grupo de cantares/folclores. Etc”, demonstrando que é importante abordar-se as potencialidades das características naturais da região e as suas atividades económicas. Uma outra resposta em que é referida a importância de se abordarem as atividades económicas é a resposta do Inquirido 8-PE, que mencionou outros aspetos culturais referentes ao passado,

[O] tipo de brincadeira de outrora (sem tecnologias), a maneira como se conservava os alimentos (salga), as matanças dos porcos (sustento das famílias), as técnicas utilizadas na agricultura, o ensino antes do 25 de abril e o que mudou atualmente, o respeito pelos idosos, pelos professores etc. (Inquirido 8-PE)

Por fim, uma outra resposta que importa referenciar pela sua especificidade e por ser uma resposta que elucida uma grande variedade de aspetos que importam ser abordados nas escolas, é a resposta do Inquirido 6-PE,

[J]ovens, crianças, adultos devem ter noção de como as nossas ilhas foram povoadas, que dificuldades foram sentidas, que cultivo era feito, que indumentária era vestida e porquê, etc. Fico chocada quando vejo jovens e adultos que não sabem sequer qual é a música mais típica de São Miguel, por exemplo. Também era curioso ser integrado na área escolar atividades

relacionadas com artesanato e gastronomia, infelizmente já existem poucas pessoas a saber bordar, fazer boneca de milho, fazer chapéu de palha, fazer cesto de vimes (...). Tenho a certeza que as crianças iam ter muita facilidade em aprender, se são capazes de fazer pulseiras de elásticos, jogar em Ipad outras coisas menos importantes. (Inquirido 6-PE)

Em suma, as questões que foram elaboradas para responderem a esta categoria foram sem dúvida enriquecedoras pois permitiram abordar um variado leque de aspetos culturais, sobre os quais foi possível obter percepções sobre a importância atribuída pelos pais/EE inquiridos. Estas questões foram, decerto, uma base a ter em conta aquando da planificação das intervenções nos EP.

Como forma de responder à **Categoria 4: Participação ativa na cultura açoriana**, foram formuladas duas questões: *11. O seu filho ou algum dos membros do agregado familiar pertence a algum grupo tradicional?* e *16. De que forma considera que pode ter uma participação ativa na cultura açoriana?*. Relativamente à questão n.º 11, apenas 1 inquirido respondeu afirmativamente, ficando aqui registrada a percepção de que quase a totalidade dos inquiridos não apresenta uma participação ativa na cultura açoriana enquanto membros de algum grupo tradicional. No que se refere à questão n.º 16, esta foi respondida por um total de 22 inquiridos. Apesar de nesta questão se ter notado a abstenção de resposta por parte de 12 inquiridos, foi possível compreender que a maioria dos inquiridos que responderam considera que a melhor forma de ter uma participação ativa na cultura é mesmo participando nela, observando-a e transmitindo-a às outras pessoas.

Assim, de entre as respostas dadas, alguns inquiridos referiram que para se ter uma participação ativa na cultura açoriana deve-se colaborar em atividades culturais, desde eventos ricos em gastronomia açoriana, festividades, danças e cantares populares. Também, alguns inquiridos consideram que se pode desempenhar um papel ativo na cultura açoriana através da inserção em grupos ou associações culturais, através da participação em eventos que se realizam a nível da freguesia ou, até mesmo, através da divulgação de produtos tipicamente açorianos ou da partilha de fotografias de locais dos Açores, através das redes sociais. Finalmente, houve um inquirido que deu o seu exemplo pessoal demonstrar que desempenha um papel ativo na cultura açoriana: “(...)atualmente pertenço a um grupo folclórico que à partida já é uma grande contribuição, uma vez que na ilha já existem poucos, também contribuo através do ensino de danças típicas a crianças num grupo infantil que existe na freguesia” (Inquirido 6-PE). Através das respostas às questões formuladas nesta categoria, ficou claro que a maioria dos pais/EE inquiridos demonstraram perceber o que consiste ter um papel ativo na

cultura açoriana, mas aparentemente, pouco se dedicam a este papel, por assim dizer. Por isso mesmo, um dos objetivos primordiais dos EP I e II teve por base o despertar e o incentivar as crianças e os alunos para serem cidadão ativos na comunidade e na cultura açoriana.

Finalizando a análise das questões dos inquiridos por questionário, importa abordar a última categoria formulada – **Categoria 5: Valores associados à cultura açoriana**. Tendo por base esta categoria formulou-se uma questão de resposta aberta – *17. Que valores considera estarem associados à cultura açoriana, ou que esta possa desenvolver?*, à qual responderam 20 inquiridos e abstiveram-se 14. Nesta questão o que foi notório nas respostas dadas foi que grande parte dos inquiridos referiu aspetos da cultura açoriana como gastronomia, artesanato, folclore ou história e não valores propriamente ditos. No entanto, de todos os inquiridos que responderam a esta questão, ainda houve 8 inquiridos que remeteram as suas respostas para valores como o respeito, a humildade; valores religiosos, valores transmitidos, por exemplo, nas festas do Divino Espírito Santo, como a caridade, a partilha, a união, a fé e a solidariedade. Apenas estes 8 inquiridos focaram-se no que era esperado: a riqueza de valores subjacente à cultura açoriana. Existiu inclusive um inquirido que chegou a apontar própria identidade do povo açoriano como um valor que deve ser transmitido, defendendo que todos estes valores são muito importantes na formação e educação das crianças, pois, em alguns casos, o respeito entre si mesmas está a ser perdido. Tendo tal opiniões por base, procurou-se elucidar um pouco mais as crianças e os alunos, nos EP, para a multiplicidade de valores que podem ser transmitidos a partir da cultura açoriana.

Capítulo V: Os Estágios Pedagógicos

Introdução

Neste capítulo são explicitadas as várias características que demarcaram os contextos de estágio que decorreram aquando das unidades curriculares de Estágio Pedagógico I e Estágio Pedagógico II.

Sendo assim, aqui irá ser feita uma descrição sintetizada sobre as escolas, as salas de aula, os grupos de crianças/alunos e suas rotinas, os meios envolventes a cada uma das escolas e o próprio envolvimento destas escolas onde foram realizados os EP.

É importante referir que no decorrer das intervenções pedagógicas durante os dois estágios, teve-se especial atenção em procurar, sempre que possível, organizar algumas atividades que remetessem para a cultura açoriana próxima ou não das crianças e dos alunos. Na verdade, procuramos sensibilizar as crianças e os alunos para a importância de valorizar as suas raízes, procurando promover a educação para a cidadania e para os valores nela implicados. Durante as intervenções, procurou-se, também, não esquecer de manter uma coerente gestão do currículo, como forma de se prover uma organizada interdisciplinaridade entre as diversas áreas que o compõe, até porque, a própria Cidadania é uma área que acaba por estar subjacente às demais áreas.

Deste modo, neste capítulo, será feita descrição, análise e reflexão sobre três do total de 39 atividades desenvolvidas aquando das intervenções no Pré-Escolar e sobre duas do total de 42 atividades desenvolvidas nas intervenções do 1.º CEB. Com o intuito de sintetizar a informação inerente à organização destas atividades, apresentamos uma tabela sobre cada atividade, na qual se encontram explicitados os objetivos da respetiva atividade. Complementando cada tabela seguir-se-á a descrição de cada atividade, bem como, uma reflexão sobre todas as conclusões relativas ao decorrer da atividade, ao envolvimento e desempenho dos alunos e ao próprio desempenho da estagiária.

5.1. Contextualização do Contexto de Estágio no Pré-Escolar

O estágio em Educação Pré-Escolar decorreu no contexto da unidade curricular Estágio Pedagógico I que faz parte do 1.º semestre do 2.º ano do plano de estudos do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, curso proporcionado pela Universidade dos Açores. Deste modo, este EP decorreu entre 2 de outubro de 2017 a 13 de dezembro de 2017 com um grupo de crianças do Pré-Escolar numa Escola Básica Integrada do Concelho de Ponta Delgada. Note-se, ainda, que, por motivos de confidencialidade, não será supracitado o nome desta instituição, ou qualquer dado que comprometa os intervenientes.

5.1.1. Caracterização do Meio

Em termos de serviços, nos arredores da escola onde foi realizado o EP em questão, encontrámos a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, o centro comercial Parque Atlântico, um serviço de correios também perto do Parque Atlântico, e ainda, o Mercado da Graça e o Conservatório de Ponta Delgada. Nos arredores da mesma, encontrámos, ainda os Serviços Agrários de São Gonçalo e a Quinta do Priolo, a respetiva Junta de Freguesia e um centro de cópias.

Por fim, em termos de património cultural construído, perto desta escola encontram-se o Palácio de Santana e o seu jardim, a Ermida de Santana, o Jardim José do Canto e um Centro Intergeracional de idosos. É de se notar que durante a prática pedagógica procurou-se ter sempre em atenção todos estes espaços e contextos, procurando sempre que possível recorrer aos mesmos como forma de contextualizar a realidade em que a maioria das crianças se inseria, bem como tentando valorizar a cultura e as raízes culturais açorianas.

5.1.2. Caracterização da Escola

A escola em que foi realizado o estágio no Pré-Escolar era frequentada por 231 alunos, constituindo três turmas do Pré-Escolar e dez turmas do 1.º CEB, sendo que estas crianças pertenciam a diversos meios socioeconómicos e culturais e eram de diferentes localidades. Em termos de pessoal docente, existiam três educadoras, sete professoras de 1.º CEB e três docentes de apoio a crianças com NEE. No que se refere a assistentes operacionais, estes eram poucos relativamente à quantidade que seria necessária para dar o devido apoio e atenção às crianças do Pré-Escolar, que dadas as suas idades ainda necessitavam de apoio em determinadas tarefas, como usar a casa de banho, comer na hora do almoço, ou até nos cuidados a ter nos momentos de recreio.

Já em termos de estrutura, esta era uma escola com dois pisos, onde existiam, no piso inferior, refetório, biblioteca e pavilhão desportivo, bem como campo de jogos exterior, que eram partilhados entre as turmas do Pré-Escolar e do 1.º CEB. Existiam, ainda, casas de banho nos dois pisos devidamente adaptadas às crianças do Pré-Escolar, casas de banho para os adultos no piso inferior e casas de banho destinadas às turmas do 1.º Ciclo no piso superior. No espaço do pavilhão desportivo encontrava-se uma

arrecadação para arrumo dos materiais e existiam, na escola, duas salas, uma destinada ao convívio dos docentes e outra destinada ao convívio do pessoal não docente, onde estes podiam almoçar e uma sala da UNECA (Unidade Especializada com Currículo Adaptado). A escola dispunha também de um hall de entrada, onde as crianças eram recebidas de manhã e onde aguardavam ao fim do dia pelos pais ou pelos responsáveis dos centros de CATL (Centro de Atividades de Tempos Livres) que frequentavam. Neste caso, também na própria escola funcionava um destes centros de CATL. E, próximo à escola, existia um parque de estacionamento, no qual estavam reservados apenas dois lugares para os professores, não correspondendo à quantidade de pessoal docente e não docente que necessitava de lugar para estacionar o carro. Em termos de segurança, a escola estava devidamente equipada, pois a porta da escola estava sempre fechada e esta dispunha de uma campainha que devia ser tocada caso pretendêssemos entrar. A escola possuía também extintores de incêndio, planta de emergência afixada nas salas, alarmes de incêndio e mala de primeiros socorros. No entanto, a principal situação que destaquei como sendo mais problemática, referia-se ao acesso das crianças à escola que era feito pela frente da escola de pé ou de transporte. Isto é de realçar, uma vez que as crianças que se deslocavam de pé acabavam por ter de interetar os carros/carrinhas que vinham trazer ou levar as crianças à entrada ou saída da escola e existia, assim, o risco de acontecer algum acidente. Por fim, no que se refere ao acesso a pessoas com dificuldades de locomoção, a escola dispunha de rampas de acesso no piso inferior que facilitavam o deslocamento e a mobilidade.

Quanto ao recreio, este era espaçoso e tinha capacidade suficiente para suportar a quantidade de crianças que o frequentavam. O recreio dividia-se em dois espaços: um destinado às crianças do Pré-Escolar com um equipamento de recreio que servia para as crianças trabalharem o equilíbrio; outro destinado às crianças do 1.º CEB onde existiam vários equipamentos de recreio como escorregas e baloiços. As crianças do 1.º CEB podiam ainda, nos momentos de recreio, frequentar o campo de jogos localizado na parte de trás da escola. No recreio, as crianças encontravam-se em espaços separados para permitir um maior cuidado das mesmas e eram os assistentes operacionais e algumas educadoras que olhavam pelas crianças nestes momentos.

Em termos de projetos implementados, nesta escola, encontravam-se alguns projetos que eram praticados por toda a comunidade letiva e que demonstravam ser relevantes na aquisição de aprendizagens muito significativas por parte das crianças e dos

alunos. Assim, no Pré-Escolar foram organizados três projetos: o projeto “A Hora do Conto”, o projeto “Saúde à Mesa” e o projeto “Prevenir para Não Remediar”. O primeiro projeto foi iniciado por uma educadora no ano letivo 2015/2016 na sua sala e era implementado todos os dias na receção da tarde, após o almoço. Este tinha como objetivos criar momentos ricos de aprendizagem e partilha, fazendo uso dos contos como recursos educacionais, que permitem às crianças desenvolver a sua linguagem oral, a sua atenção auditiva, estimulando a criatividade e ampliando a sua visão do mundo. Era um dos projetos que mais se destacava e que se mantinha sempre presente nas rotinas dessa sala. O segundo projeto “Saúde à Mesa” era, também, um projeto de extrema importância, uma vez que consistia em ir almoçar mais cedo com as crianças, de modo a trabalhar com estas atitudes e hábitos alimentares, começando pelos cuidados que se devem ter antes da refeição, acompanhando a própria refeição em si e assegurando que esta é feita até ao fim, tendo em atenção as boas maneiras à mesa e destacando sempre a importância de uma alimentação diversificada e saudável. Já o projeto “Prevenir para Não Remediar” era um projeto do Departamento Pré-Escolar da Escola Básica e Integrada a que pertencia a escola que foi realizado o estágio. Este projeto tinha como objetivo promover competências, de forma lúdica, nos domínios da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Matemática, bem como estimular o desenvolvimento da psicomotricidade e promover a construção de relações positivas, de modo desenvolver aprendizagens significativas por parte das crianças.

Por fim, é importante realçar o Projeto Educativo de Escola (PEE) da Escola Básica Integrada a que pertence a escola onde se realizou o estágio e o Projeto Curricular de Escola (PCE) que são documentos delineadores do desenvolvimento da ação educativa. No primeiro projeto, o PEE tinha-se como objetivo principal a criação de um ambiente promotor de vivências que visam o sucesso educativo das crianças e jovens, de modo a que estes apresentem um crescimento intelectual, afetivo e social saudável, tendo igualdade de oportunidades de sucesso escolar e adquirindo o gosto por desenvolver aprendizagens ao longo de toda a sua vida. Este PEE destacava, também, a importância do desenvolvimento de valores como o respeito, a tolerância, a justiça, a responsabilidade, a solidariedade e, ainda, competências como *aprender a conhecer*, *aprender a fazer*, *aprender a ser* e *aprender a viver junto*. Já o segundo projeto, o PCE, tinha como áreas foco de intervenção o sucesso dos alunos, as atividades os e projetos de enriquecimento

curricular, a formação do pessoal docente e não docente, e a organização e gestão curricular e a relação escola/comunidade.

5.1.3. Caracterização da Sala e das suas Rotinas

A sala de aula onde foi realizado o EP no Pré-Escolar era uma sala que ficava localizada no piso inferior, com cerca de 36 metros quadrados. Esta era uma sala bem iluminada e arejada, uma vez que possuía janelas em duas das suas paredes. Tinha, ainda, numa dessas paredes, uma porta que fazia ligação para o recreio que ficava atrás da escola, onde se encontrava o campo de jogos. Nesta sala existiam três mesas circulares e duas em madeira que serviam para as duas crianças que se deslocavam em cadeiras de rodas; existiam, também, cadeiras, um quadro de giz, um pequeno quadro magnético, alguns quadros de cortiça cinzentos, um lavatório, uma bancada com arrumos, que preenchia uma parede inteira, e armários de parede por cima dessa bancada.

Esta sala estava dividida por áreas, a saber: a área dos jogos (onde existiam diversos jogos, como por exemplo jogos de mesa, jogos de cartas, puzzles, jogos de memória ou jogos de construções, que trabalhavam diversos domínios e diversas áreas, desde a Matemática, Conhecimento do Mundo ou Linguagem Oral e Abordagem à Escrita); a área da biblioteca (que tinha uma estante com uma grande quantidade e variedade de livros); a área da casinha (apetrechada com uma cama, um guarda-fato, um fogão e um lava-loiça de brincar, loiças de plástico, algumas bonecas e roupas de bonecas e alguns adereços como malas, lenços ou bijuteria para as crianças brincarem); a área da garagem (com um tapete com estradas representadas, vários carros e transportes diversificados); a área do escritório (que acabava por estar organizada na área da mercearia, por falta de espaço e possuía um portátil de brincar e um bloco de folhas); a área da mercearia (onde existia uma caixa registadora, sacos plásticos de compras e algumas embalagens vazias para simularem os produtos que se compram); área do tapete (onde existia um tapete com cerca de 6 metros quadrados com as almofadas). Em todas estas áreas estava definida uma quantidade limite de crianças que as podiam frequentar, no entanto, este limite não estava afixando nas áreas, pois não existia esta necessidade, porque as crianças já sabiam quantas podiam estar em cada área.

A sala estava bem organizada e a educadora apresentava diversas áreas na sala, que estavam apetrechadas com diversos materiais, chegando, até, a inovar com a existência da área da mercearia e a área do escritório, que não é muito usual encontrar em outras salas do Pré-Escolar. No entanto, pelo facto de a sala estar bem preenchida e por serem cinco adultos (educadora, duas estagiárias e duas bolseiras que acompanhavam as crianças em cadeiras de rodas), 13 crianças, das quais duas se deslocavam em cadeiras de rodas na sala, verificou-se que o espaço acabava por ser pequeno para esta quantidade de pessoas na sala, verificando-se, até, dificuldades de deslocação com as cadeiras de rodas no entrar e sair da sala.

No que se referia às rotinas da sala de aula, estas estavam bem organizadas e definidas que, até o grupo de crianças, de um modo geral, já tinha conhecimento de grande parte da rotina. Assim, todos os dias iniciavam-se com o acolhimento, onde se cantava o “Bom Dia”, se via no quadro de presenças, por ordem alfabética, quem era o chefe do dia, o qual marcava as presenças, identificava o número do dia do mês, o dia da semana, e as condições do estado do tempo. Note-se que na segunda-feira, após o acolhimento, as crianças faziam, individualmente, o registo do seu fim-de-semana no caderno diário, sobre o qual se dialogava no tapete. Pelas 10h15 e no máximo até às 10h30, era a hora do leite que era seguida pelo intervalo da manhã até às 11h00; das 11h00 às 11h45 eram realizadas atividades na sala propostas pela educadora ou pelas estagiárias. Pelas 11h45, as crianças iam à casa de banho e lavavam as mãos para irmos para o almoço, retomando as atividades na sala pelas 13h30. A esta hora era feito o relaxamento para as crianças acalmarem do recreio e era lido o conto, na “Hora do Conto”. Depois, até às 14h45, as crianças realizavam atividades que eram propostas pela educadora ou pelas estagiárias e/ou realizavam trabalho autónomo nas áreas, começando a arrumar os espaços pelas 14h45, a tempo de pegarem nas malas e fazerem o comboio para saírem da sala. Ainda há que referir que, excecionalmente, à terça-feira e à sexta-feira ocorriam as aulas de Educação Física das 14h15 às 15h00 que eram desenvolvidas pela educadora ou pelas estagiárias. Por fim, é importante não esquecer de referir que todos os meses, na primeira quarta-feira de cada mês, ocorria o atendimento aos EE.

Segue abaixo, um esquema da planta da sala de aula (**Figura 2**).

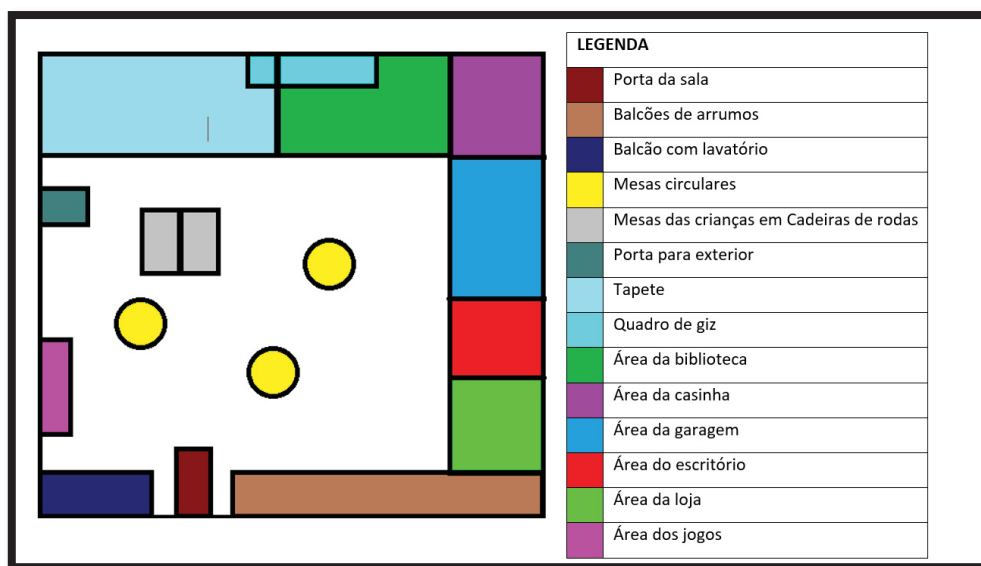


Figura 2: Esquema da planta da sala de aula onde foi realizado o Estágio Pedagógico I no Pré-Escolar.

5.1.4. Caracterização do Grupo de Crianças

O grupo de crianças em questão era um grupo do Pré-Escolar com 13 crianças, das quais 10 crianças tinham 5 anos de idade 3 crianças tinham 6 anos de idade até dezembro do ano em que foi realizado este estágio. Este grupo era formado por 8 crianças do sexo feminino e 5 crianças do sexo masculino. Ainda, há que referir que duas destas crianças tinham Necessidades Educativas Especiais (NEE), sendo que uma tinha paralisia cerebral e a outra tinha deficiências múltiplas. Para além destas duas crianças com NEE, neste grupo encontrávamos, ainda, duas crianças que tinham sessões de apoio ao longo da semana.

De um modo geral, todas estas crianças já tinham as rotinas da sala de aula e do dia-a-dia do Pré-Escolar bastante assimiladas, uma vez que a maioria já frequentava esta turma desde o primeiro ano (à exceção da criança A, em que este era o primeiro ano que frequenta este grupo). Assim, este era um grupo que, em termos de comportamento, apresentava atitudes tranquilas e reconhecia os seus limites e os limites dentro da sala de aula (por exemplo a quantidade de crianças que podiam estar em cada área da sala). Em termos de relacionamentos, também, este grupo apresentava comportamentos de tolerância, respeito e compreensão por parte dos seus colegas, sem existirem grandes

conflitos. Também, no que se refere à assiduidade, este era um grupo muito assíduo, pois caso faltassem justificavam as suas faltas ou informavam antecipadamente. Por fim, no que se refere à dinâmica e participação do grupo, este era um grupo que, de um modo geral, demonstrava grande interesse em participar nas atividades, demonstrando gosto pela realização de tarefas práticas e em grupo.

De seguida, com base nas observações realizadas, quer durante as duas semanas iniciais de observação, quer durante as semanas de intervenções, segue-se uma breve caracterização de algumas características gerais que foram obtidas acerca de cada criança.

A criança A era uma criança com paralisia cerebral, que se deslocava numa cadeira de rodas e era sempre acompanhada de uma bolseira. Esta, em termos de relacionamento, apresentava já alguma evolução pelo que referiu a bolseira, pois realmente observávamos que já reagia melhor ao contacto físico. Dada a sua situação, existiam determinadas aprendizagens que não eram observadas, pois esta era uma criança que não falava, expressando-se apenas por sons e através do olhar. Por isso mesmo, era necessário um grande período de convivência para se entender minimamente determinadas respostas que esta criança pudesse dar. Assim, de um modo geral, no que se refere à *Área de Formação Pessoal e Social*, esta criança demonstrava as suas preferências e gostos através do olhar, ao fixar o olhar, por exemplo, em imagens que representavam esses seus gostos. Também, através do olhar, esta criança identificava por exemplo imagens que representavam sons que a criança ouvia, ou associava imagens a determinadas cores, chegando até a ser capaz de identificar, da mesma forma, imagens da sua rotina diária.

As crianças B, E, F I e L eram crianças que demonstravam, de um modo geral, reconhecer e aceitar as suas características, tinham alguma autonomia na realização das tarefas, expressavam as suas emoções e justificavam as suas opções. Estas eram crianças que respondiam facilmente às questões que lhes eram colocadas, conseguiam escrever facilmente o seu nome (primeiro e último), representavam já alguns grafismos e resolviam facilmente algumas adições próprias para o nível de ensino em questão, representando, também os numerais. Por fim, há que referir que estas crianças demonstravam interesse em participar e aprender, estando atentas; pronunciavam facilmente a maioria das palavras e pequenas estruturas frásicas, identificavam, na maioria das vezes, o dia da semana, o dia do mês e as características meteorológicas do dia.

As crianças C, D, G e J eram crianças que demonstravam, também, reconhecer e aceitar as suas características, apresentavam alguma autonomia, na maioria das vezes, na realização dos exercícios, sendo que, apenas, necessitavam de auxílio para lhes chamar à atenção por se distraírem com alguma facilidade, especialmente a criança C, que mesmo nas dinâmicas de diálogo no tapete, se distraía com grande facilidade. Estas eram crianças que conseguiam escrever, também os seus nomes, fazer contagens e adições, apresentando apenas algumas dificuldades, ainda, na escrita de alguns numerais, como por exemplo o número 5, que tinham tendência em escrever em espelho. Ainda há que referir que estas eram crianças que apresentavam gosto por aprender, mas, algumas vezes, tinham de ser questionadas para exprimirem os seus gostos ou darem a sua opinião.

A criança H era uma criança que usufruía de apoio complementar alguns dias por semana, pois apresentava dificuldades em pronunciar a maioria das palavras, expressando sons anasalados. Esta criança emitia facilmente sons de animais e outros sons, no entanto ainda não conseguia escrever os grafismos, desenhava ainda com dificuldades, desenhos à base de riscos e linhas fechadas. Também na escrita do seu nome, de grafismos ou numerais, só os conseguia fazer ao passar com o lápis por cima de tracejados. Demonstra gosto pela aprendizagem, mas distraía-se com grande facilidade e tinha alguns problemas de conseguir estar concentrado na realização da maioria das tarefas, sendo que, até na hora do conto, por exemplo, sentia a necessidade de sair do seu lugar para mexer no livro ou nos objetos que estivessem a ser utilizados. Ainda, há que referir, que esta era uma criança que apresentava algumas dificuldades em aceitar a negação e aceitar comportamentos de repreensão por parte dos adultos ou mesmo dos colegas. No entanto, não deixava de ser, em termos de personalidade, uma criança que demonstrava uma personalidade muito meiga e uma grande necessidade de demonstrações afetivas.

A criança K, à semelhança da criança anterior, mas em menores dimensões, apresentava algumas dificuldades de verbalizar a maioria das palavras, apresentava gosto por participar nas atividades, apesar de apresentar comportamentos contraditórios quando lhe reprendiam, chegando até a simular que não queria realizar determinadas tarefas. Esta era uma criança que também apresentava dificuldades em distinguir ainda algumas cores. Não demonstrava grandes dificuldades de contagem, mas apresentava dificuldades na escrita dos grafismos e dos numerais, sendo que até o próprio nome e os numerais não escrevia autonomamente, mas sim, passando com o lápis por cima dos tracejados. Por fim, em termos comportamentais, esta era uma criança que demonstrava ser bastante

afetiva com os adultos e os colegas, apesar de, às vezes, contrariado reagir de forma um pouco alterada, tentando atirar objetos. Tanto a criança H como a criança K, segundo o que observei e segundo o que foi informado pela educadora que com estas convivia há cerca de três anos, estavam apresentando grandes melhorias e evoluções de comportamentos e aquisição de aprendizagens.

Por fim a criança M, era uma criança com deficiências múltiplas que se deslocava em cadeira de rodas. Esta, à semelhança da criança A, também acabava por ser mais difícil perceber determinadas das suas características. Quem convivia e passava mais tempo com esta criança, é que se apercebia mais facilmente os sinais que transmitia, uma vez que a criança não falava. Pelo que a educadora e a bolsista que a acompanhavam referiram e pelo que pode ser observado, esta criança apresentava um razoável desenvolvimento em expressar afetos mais do que se observava anteriormente. M, também, identificava sons, associando-os às imagens que os representavam, através do olhar e, por vezes apontando com a mão, identificava objetos ou imagens que despertavam o seu interesse.

Em suma, apesar dos pequenos conflitos próprios da idade, este era um grupo que não apresentava problemas relacionais nem dificuldades de adaptação ao Pré-Escolar e às suas rotinas, pois já tinham passado por esta fase com a educadora nos primeiros anos. Era um grupo bastante heterogéneo em termos de ritmo de aprendizagens, no qual era notório o respeito mútuo entre si e a vontade de entreajuda com os colegas que necessitavam.

5.1.5. Atividades relativas à cultura açoriana e à educação para a cidadania desenvolvidas no contexto do estágio no Pré-Escolar

No decorrer do Estágio Pedagógico no Pré-Escolar, foi implementado um conjunto de 39 atividades. Estas ocorreram durante as cinco intervenções pedagógicas que decorriam de quinze em quinze dias. Estas intervenções pedagógicas eram organizadas durante três dias seguidos, excetuando as duas semanas intensivas de intervenção que tiveram, cada uma, duração de oito dias. Como forma de melhor compreender o trabalho desenvolvido, abaixo é apresentada a **Tabela**, onde se encontra explicitado a calendarização destas intervenções e respetivas atividades e as áreas, domínios e subdomínios que foram desenvolvidas a partir destas atividades.

CALENDARIZAÇÃO		ÁREAS/DOMÍNIOS/SUBDOMÍNIOS								
Intervenção	Atividade	Formação Pessoal e Social	Linguagem Oral e	Matemática	Conhecimento do Mundo	Educação Física	Educação Artística (Artes Visuais)	Educação Artística (Jogo Dramático/ Teatro)	Educação Artística (Música)	Educação Artística (Dança)
2 a 4 de outubro de 2017	1. ^a ★									
	2. ^a ★									
	3. ^a ★									
	4. ^a									
	5. ^a ★									
	6. ^a									
	7. ^a									
16 a 18 de outubro de 2017	8. ^a									
	9. ^a									
	10. ^a ★									
	11. ^a									
	12. ^a ★									
	13. ^a ★									
	14. ^a									
	15. ^a									
	16. ^a ★									
17. ^a										
6 a 10 de novembro de 2017 e 13 a 14 de novembro de 2017	18. ^a									
	19. ^a									
	20. ^a ★									
	21. ^a ★									
	22. ^a ★									
	23. ^a ★									
	24. ^a									
	25. ^a ★									
	26. ^a									
	27. ^a									
	28. ^a									
29. ^a										
27 a 30 de novembro de 2017	30. ^a									
	31. ^a ★									
	32. ^a ★									
	33. ^a ★									
	34. ^a ★									
4 a 6 de dezembro de 2017	35. ^a									
	36. ^a									
	37. ^a									
11 a 13 de dezembro de 2017	38. ^a ★									
	39. ^a									

Tabela 9: Calendarização das atividades realizadas no Estágio Pedagógico I no Pré-Escolar.

Destas 39 atividades implementadas ao longo do Estágio Pedagógico no Pré-Escolar, salientam-se 18 (assinaladas com o símbolo ★) que foram realizadas como forma de remeter para a temática do Relatório de Estágio. Todavia, dada a contingência do número de páginas deste documento, são apresentadas apenas três atividades exemplificativas do trabalho que foi desenvolvido. Importa reforçar que, para a organização destas atividades, a estagiária teve a preocupação de considerar seis pressupostos: 1) as características das crianças; 2) as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (OCEPE); 3) o tema do Relatório de Estágio; 4) as percepções dos pais/EE inquiridos; 5) importância dos recursos e das estratégias utilizadas, com base na revisão de literatura realizada; 6) a coerente articulação das atividades com as circunstâncias em que estas foram desenvolvidas (conteúdos, datas comemorativas, ligação coerente entre atividades). Para além disso é importante reforçar que todos os recursos utilizados foram sempre adaptados às crianças com NEE, utilizando-se, em vez de fichas, cartões com imagens ou atividades que lhes permitissem fazer associações entre elementos, traçando essas associações com o dedo molhado em tinta, por exemplo.

Assim, uma das três atividades que seguidamente é descrita, teve por base a questão do Dia Mundial da Alimentação que foi comemorado no dia 16 de outubro de 2017, aquando de uma semana de três dias de intervenção individual. Esta atividade foi implementada no dia seguinte a esta data comemorativa, a 17 de outubro de 2017 e acabou por se estender ao dia 18 de outubro de 2017, por motivos de gestão da rotina do grupo de crianças.

Já a segunda atividade descrita surgiu como forma de ligação à temática anterior do Dia da Alimentação e foi organizada aquando da semana intensiva, nomeadamente nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 2017. Esta atividade teve por base o ciclo do leite e os seus derivados, tendo em atenção a importância que esta atividade económica desempenha com predominância ao longo dos anos no Arquipélago dos Açores.

Por último, a terceira atividade teve por base a aproximação da época festiva do Natal, decorrendo a 28 de novembro de 2017 e fez alusão aos brinquedos e brincadeiras atuais, estabelecendo-se relação com o a realidade de antigamente. Note-se que algumas destas atividades, pela faixa etária em se desenvolveram e pelas rotinas diárias, acabaram por ser organizadas, por vezes, durante mais do que em um dia de intervenção, como forma de permitir que as crianças pudessem ir construindo um trabalho e conhecimento

contínuo e, ao mesmo tempo terem a possibilidade de ir realizando as outras tarefas que constituíam as suas rotinas.

5.1.5.1. Descrição Reflexiva sobre a Atividade I – Dia Mundial da Alimentação: descobrindo a alimentação de antigamente

Esta foi uma atividade sem dúvida enriquecedora em termos de interdisciplinaridade, interrelacionando várias áreas, domínios e subdomínios e procurando apelar à temática do Relatório de Estágio, incidindo especialmente na área de *Formação Pessoal e Social* e na área de *Conhecimento do Mundo*. De tal forma, em primeiro lugar e antes de explicar as opções e estratégias tomadas aquando da organização desta atividade, abaixo é apresentada a **Tabela 10** que esquematiza as áreas principais, os objetivos e as estratégias que fizeram parte desta atividade.

Tema: Dia Mundial da Alimentação: descobrindo a alimentação de antigamente	
Áreas/Domínios/ Subdomínios	<ul style="list-style-type: none"> • Área de Formação Pessoal e Social; • Área de Conhecimento do Mundo; • Área de Expressão e Comunicação; <ul style="list-style-type: none"> – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; – Domínio da Educação Artística; <ul style="list-style-type: none"> – Subdomínio do Jogo Dramático – Domínio da Matemática.
Objetivos	<p>A criança:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Participa autonomamente e na sua vez, na dinâmica de cartas; 2. Procura formular, pelo menos uma hipótese, sobre o que vê na imagem do cartão; 3. Demonstra curiosidade sobre os alimentos que não conhece; 4. Aguarda pela sua vez para levantar questões; 5. Elabora frases simples, sendo capaz de expressar a sua ideia; 6. Demonstra respeito pela convidada sénior; 7. É capaz de medir (utilizando um objeto) e contar (na realização da receita); 8. Compreende a importância da partilha; 9. No final, é capaz de diferenciar os alimentos de antigamente dos alimentos de atualmente.

Estratégias (Momentos da Atividade e Recursos)	<ul style="list-style-type: none"> • Momento introdutório à temática (no tapete, dinâmica de descoberta e diálogo, com formulação de hipóteses por parte das crianças sobre cartões com imagens de alimentos – alguns conhecidos das crianças, outros não, por serem de antigamente); • Posterior explicação da temática, explicação dos alimentos representados em cada cartão e explicação da visita de uma sénior da comunidade para falar sobre a alimentação de antigamente); • Momento de visita e diálogo entre o grupo de crianças, os adultos e a sénior convidada; • Explicação e apresentação da receita de um dos alimentos de antigamente do qual a sénior falou; • Confeção, em grupo, da receita e posterior prova.
--	---

Tabela 10: Áreas/Domínios/Subdomínios, Objetivos e Estratégias da atividade I organizada no Pré-Escolar.

Assim, tendo por base que nas OCEPE (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016, p. 12) está expressa a importância do professor estimular “a curiosidade da criança criando condições para que “aprenda a aprender”” e cientes da importância dos recursos pedagógicos como forma de tornar o processo de ensino/aprendizagem mais rápido e eficaz” facilitando a “apreensão de conhecimentos” (Correia 1995, p. 9), esta atividade iniciou-se com um momento de exploração de cartões (**Figura 3**), com o intuito de se introduzir a temática a ser abordada. Ou seja, com o grupo de crianças sentadas em círculo no tapete, a estagiária dispôs os cartões virados com as imagens para baixo e explicou-lhes que cada criança, na sua vez teria de retirar um cartão, sobre o qual iria ter de falar algo. Assim, após observação deste cartão cada criança mostrava-o ao restante grupo e formulava hipóteses sobre o que observava. Esta estratégia teve, também, por base o facto de que foi possível perceber, durante as observações, que algumas crianças deste grupo ainda apresentavam dificuldades na oralidade, demonstrando sentirem-se mais à vontade para se expressarem quando tinham por base algum suporte. Pretendeu-se ainda que o tema que iria ser abordado fosse, dentro dos possíveis, descoberto pelas crianças. Algumas destas, quando questionadas sobre o que viam e sobre iria ser trabalhado, aproximaram-se de forma satisfatória, registando-se alguns comentários das crianças como: “É pizza”, “Esta imagem tem um cachorro quente”, “Isto é sopa? Não é sopa?”, “Tem aqui peixe” ou até “Isso é comida... Vamos falar de comidas?” (quando abordavam o que viam nos cartões). Seguindo este momento de descoberta, a estagiária procedeu à explicação destes alimentos através de diálogo, perguntando às crianças quais destes costumavam comer mais vezes e explicando que alguns destes alimentos eram aqueles que a maioria dos nossos avós comia quando tinham a nossa idade. Tal momento de

diálogo foi bastante enriquecedor, pois, a maioria das crianças, começou a demonstrar interesse em se separarem os cartões por alimentos “de agora” e “alimentos que os nossos avós comiam quando eram pequenos” (expressões utilizadas pelas crianças). Assim, ainda no tapete organizaram-se estes cartões e esclareceram-se as dúvidas que as crianças iam apresentando. Por fim, neste momento, a estagiária introduziu a visita que iriam receber de uma sénior para nos contar sobre a sua alimentação quando criança e para partilhar os seus saberes e histórias.



Figura 3: Exemplos de cartões com imagens reais de alimentos atuais e de antigamente (note-se que esta figura não representa o tamanho real em que estes cartões foram impressos).

A este momento de visita da sénior à sala (**Figura 4**) está subjacente a noção de que não há quem relate melhor vivências e experiências do que aqueles que as vivenciaram. Tal facto chega a ser concebido em algumas respostas obtidas nos inquéritos do estudo realizado, havendo pais/EE inquiridos que consideram importante estabelecer relações com membros da comunidade, como é exemplo a resposta do Inquirido 8 (PE): “A escola deverá proporcionar atividades que envolvam os idosos da freguesia, estes partilharão os seus saberes/valores/sentimentos, demonstrando como se vivia noutros tempos e as dificuldades enfrentadas diariamente.”

Para além disso, as OCEPE (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016, p. 12) defendem “[a] colaboração dos pais/famílias, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com

as crianças é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem. Também no estudo que foi realizado, foi notória a importância que é atribuída pelos pais/EE inquiridos relativamente a este aspeto da alimentação açoriana. Este aspeto foi visível em respostas como: “A gastronomia, as bandeiras, as nossas tradições.” (Inquirido 4 (PE)), como “Alguns tipos de alimentação” (Inquirido 14 (PE)) ou ainda como “Também era curioso ser integrado na área escolar atividades relacionadas com artesanato e gastronomia” (Inquirido 6 (PE)). Todos estes aspetos foram aqueles que estiveram na base da organização deste momento, o qual, por si só, demonstrou ser muito enriquecedor, notando-se o entusiasmo das crianças antes, durante e depois da visita. Algumas destas chegaram a colocar questões, à senhora, de forma autónoma como por exemplo “A senhora nunca comeu hamburger?”, “Porque é não comia pizza quando era como a gente?” (entenda-se que a criança ao dizer “como a gente” refere-se à idade). Estas questões serviram de ponte para que a sénior relembresse e explicasse mais e mais das suas vivências.



Figura 4: Foto da visita da sénior para partilhar os seus conhecimentos sobre a alimentação de antigamente.

Após a visita, já na sala do lanche a estagiária colocou algumas questões às crianças sobre aquilo que fora falado na visita da sénior e deu-se o ponto de partida para o último momento – a confeção de uma receita de um alimento de antigamente que tinha sido mencionado pela sénior. Assim, tendo por base a importância que as OCEPE (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016, p. 86) atribuem à experimentação por parte das crianças nesta faixa etária (“É essencial que se vá construindo uma atitude de pesquisa, centrada na capacidade de observar, no desejo de experimentar, na curiosidade

de descobrir numa perspetiva crítica e de partilha do saber”), em grupo foi organizada esta atividade de confeção da receita do *bolo do forno* ou *bolo ferreiro* (**Figura 5**). Este é um tradicional bolo açoriano que foi mencionado pela sénior, a qual referiu mesmo que este era um alimento que comiam muito, pois era feito com ingredientes simples que eram extraídos da natureza ou de animais – farinha de milho, água, sal e banha de porco. Inicialmente, foram apresentados os ingredientes e cada criança na sua vez teve oportunidade de os misturar e de amassar a massa e tender o bolo, que depois foi a cozer num forno elétrico. Este foi um momento em que foi notório o entusiasmo e a atenção por parte das crianças, onde todas sem exceção quiseram participar. Ainda é importante referir que as crianças por si mesmas iam levantando as suas próprias questões em jeito de constatação de factos, pois algumas chegaram a fazer observações com “Não leva açúcar?” “E os ovos?” “É diferente dos bolos que minha mãe faz” “Não é um bolo doce”. Estes foram comentários que demonstraram a consciencialização por parte das crianças das diferenças entre este alimento (de antigamente) e os que atualmente se consomem.



Figura 5: Fotos da confeção do "bolo ferreiro" ou "bolo do forno".

Por fim, é importante lembrar que o conjunto de estratégias utilizadas (desde o recurso a materiais pedagógicos como cartas com imagens reais e apelativas e da experimentação, da realização de atividades que permitam o sentir), teve por base as especificidades da turma e a importância que é dada, pelas OCEPE, à inclusão de todas as crianças na educação. Ou seja na escolha das estratégias para esta atividade teve-se em atenção a existência de crianças com NEE neste grupo, procurando-se criar práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas às características de todas as crianças e procurando-se estimular a cooperação e o espírito de equipa e de ajuda. Pois, estes são aspetos fundamentais para o desenvolvimento de todas as crianças, tal como é reforçado nas OCEPE (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016, p. 86)

A inclusão de todas as crianças implica a adoção de práticas pedagógicas diferenciadas, que respondam às características individuais de cada uma e atendam às suas diferenças, apoiando as suas aprendizagens e progressos. A interação e a cooperação entre crianças permitem que estas aprendam, não só com o/a educador/a, mas também umas com as outras. Esta perspetiva supõe que o planeamento realizado seja adaptado e diferenciado, em função do grupo e de acordo com características individuais, de modo a proporcionar a todas e a cada uma das crianças condições estimulantes para o seu desenvolvimento e aprendizagem, promovendo em todas um sentido de segurança e autoestima.

Em suma, comprovou-se que: 1) a utilização de recursos pedagógicos permitiu que todas as crianças, inclusive as com NEE, pudessem participar nas dinâmicas; 2) a utilização de imagens reais nestes recursos permitiu a associação, por parte das crianças, a aspetos característicos do dia-a-dia das mesmas; 3) a atividade prática em grupo revelou-se de extrema importância para a integração de todas as crianças nas aprendizagens, para desenvolvimento da cooperação e para a compreensão, por parte das crianças, do direito de participação de todas, sem exclusão, na realização das atividades. Assim, com esta atividade, viram-se reforçadas competências subjacentes à área de Formação Pessoal e Social, competências de Cidadania e noções características da cultura açoriana.

5.1.5.2. Descrição Reflexiva sobre a Atividade II – Descobrimo o ciclo do leite e seus derivados: atualmente e antigamente

Uma vez mais teve-se por base a importância da interdisciplinaridade defendida por Paulo Freire (1996, citado por Fortunato & Confortin, 2013) quando refere que “(...) as características de um projeto interdisciplinar evidenciam-se por partirem da

possibilidade de rever o velho e torna-lo novo, pois em todo novo existe algo de velho” (p. 81). Ou seja, teve-se por base que a interdisciplinaridade é uma forma de facultar várias aprendizagens às crianças, relacionando estas aprendizagens com o conhecimento de diversas áreas e permitindo que estas crianças criem um novo e articulado saber. Assim, esta foi uma atividade que, de certo modo, esteve relacionada com a atividade anterior da alimentação e que permitiu trabalhar diversas áreas, domínios e subdomínios em simultâneo. Como forma de organizar as características principais da organização desta atividade, é seguidamente apresentada a **Tabela 11**.

Tema: Descobrimo o ciclo do leite e seus derivados: atualmente e antigamente	
Áreas/Domínios/ Subdomínios	<ul style="list-style-type: none"> • Área de Formação Pessoal e Social; • Área de Conhecimento do Mundo; • Área de Expressão e Comunicação; <ul style="list-style-type: none"> – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; – Domínio da Educação Artística; <ul style="list-style-type: none"> – Subdomínio do Jogo Dramático. – Domínio da Matemática.
Objetivos	<p>A criança:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Respeita a sua vez para jogar; 2. Realiza autonomamente a divisão silábica das palavras; 3. Formula hipóteses sobre as imagens que observa; 4. Organiza autonomamente o ciclo do leite; 5. Levanta questões, na sua vez, sobre as dúvidas que apresenta; 6. Através da construção dos cartazes demonstra ter compreendido os aspetos trabalhados (derivados do leite, diferentes formas de ordenhar e de produzir os derivados); 7. Demonstra rigor e empenho no recorte, colagem e elaboração dos cartazes; 8. Tenta identificar, pelas imagens os benefícios do leite (que são organizados no cartaz): 9. Respeita e coopera com os colegas; 10. É capaz de contar autonomamente até 20 (na organização do lanche); 11. Compreende a importância da partilha.
Estratégias (Momentos da Atividade e Recursos)	<ul style="list-style-type: none"> • No tapete, dinâmica de jogo da memória, como forma introdutória à temática a ser trabalhada (inclui divisão silábica); • Questionamento das crianças sobre as imagens nos cartões e posterior explicação; • Leitura de conto sobre o ciclo do leite; • Momento de reconto com organização sequencial de imagens sobre o ciclo do leite; • Realização da visita de estudo à fábrica da Unileite (note-se que as crianças já sabiam que iam realizar uma visita de estudo, só não sabiam detalhes e as respetivas autorizações já se encontravam assinadas aquando da realização da visita); • Elaboração de cartazes para exposição, no hall de entrada da escola, sobre o ciclo do leite, os seus derivados e a visita de estudo; • Organização da exposição e de lanche com derivados do leite para partilhar com outra turma do Pré-Escolar.

Tabela 11: Áreas/Domínios/Subdomínios, Objetivos e Estratégias da atividade II organizada no Pré-Escolar.

Em primeiro lugar é importante explicar que a escolha desta temática teve por base a intenção de se estabelecer uma ligação com a temática que havia sido abordada na atividade descrita anteriormente. Para além disso, teve-se em conta algumas das perceções dos pais/EE obtidas no estudo realizado. Neste estudo, pôde-se compreender que alguns dos inquiridos, quando questionados sobre que aspetos culturais consideravam importante serem trabalhados nas escolas, referiram por exemplo a importância de se abordarem “métodos e técnicas tradicionais” (Inquirido 14 – PE) e a importância de se estudarem as atividades económicas que predominam nos Açores, pelas características próprias desta região, tal como é mencionado, por exemplo, pelo Inquirido 17 – PE: “Mas é importante dar a conhecer a importância do que vem do mar e da terra e da influência que isto tem na nossa economia”. Ainda, teve-se em atenção o valor que é atribuído pelas OCEPE ao estudo do meio a que a criança pertence. Neste documento, é reforçado que “Os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interação com o mundo que os rodeia” (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016, p. 85), de tal forma que “[a] exploração do meio próximo da criança tem para esta um sentido afetivo e relacional, que facilita a sua compreensão e apreensão e também proporciona a elaboração de quadros explicativos para compreender outras situações mais distantes” (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016, p. 85).

Uma vez explicitadas as motivações para a temática abordada nesta atividade, importa elucidar que, segundo Kishimoto (1994, p. 22) “[q]ualquer jogo empregado pela escola aparece sempre como um recurso para a realização das finalidades educativas e, ao mesmo tempo, um elemento indispensável ao desenvolvimento infantil”. Não obstante, esta atividade iniciou-se com um jogo de memória (**Figura 6**), extremamente benéfico para o desenvolvimento da atenção e da memória das crianças, que no caso deste grupo apresentam algumas dificuldades de concentração em determinados momentos de partilha de informação sem recurso a qualquer suporte, situação que neste momento, foi trabalhada com a aplicação deste jogo. Este jogo era constituído por pares de cartas com imagens reais de alimentos derivados de leite de produção açoriana. Uma vez mais o uso de imagens reais foi objetivado como forma das crianças terem a possibilidade de identificarem e reconhecerem estes produtos no seu quotidiano. Já o uso de produtos de produção açoriana teve o objetivo de dar a conhecer parte das características dos Açores, na medida em que estes eram produtos produzidos na região e na fábrica à qual iria ser realizada a visita de estudo. Assim, a estagiária apresentou o jogo às crianças, as quais,

na sua vez, tiveram de procurar os pares de cartas entre todas aquelas que estavam dispostas no tapete (com a imagem para baixo).



Figura 6: Exemplos dos cartões, com imagens reais de derivados de leite de produção açoriana, que foram utilizados na atividade do jogo da memória (note-se que esta figura não representa o tamanho real em que estes cartões foram impressos).

No final do jogo, as crianças foram questionadas sobre o que viam em cada cartão. Este momento foi extremamente rico, uma vez que permitiu apurar as ideias que as crianças tinham, registando frases como: “É igual ao leite que bebemos na escola” (referindo-se à imagem do cartão); Eu sei o que isso é... Minha mãe compra no hipper”; “É iogurte e manteiga”. Para além destas perceções e durante o diálogo que se gerou (pois estas dinâmicas em que as crianças têm a atenção do grupo para partilhar as suas ideias, deixam a maioria, entusiasmada), ainda houve algumas crianças que se lembraram da temática da atividade descrita anteriormente e chegaram a perguntar: “Vamos falar de outra vez de alimentos?” Partindo daí, então foi se criando em conjunto uma linha de pensamento, perguntando se as crianças sabiam de onde vinha esses alimentos. A esta questão, a maioria respondeu, obviamente, que estes eram comprados no hipper, ou que a mãe comprava. Isto deve-se ao facto de ser a realidade com a qual as crianças estão habituadas. No entanto, quando perguntas sobre de onde vinha o leite, a maioria das crianças chegou ao cerne da questão: o leite vem da vaca ou de outro animal como a

cabra. Após este momento, foi ainda pedido às crianças que identificassem algumas das letras que constituíam a palavra presente no cartão, realizando a divisão silábica e contando o número de sílabas. Este momento foi uma forma de aproveitar as diversas potencialidades de um mesmo recurso, trabalhando-se, em simultâneo, a área de *Conhecimento do Mundo* e a área de *Linguagem Oral e Abordagem à Escrita*. Note-se que este desafio foi colocado às crianças, porque este era um conteúdo (divisão silábica) que já se encontrava a ser introduzido e a maioria das crianças, mostrava interesse pela exploração deste conteúdo, no entanto algumas ainda tinha dificuldades em realizar a divisão silábica e outras em identificar algumas das letras.

Num segundo momento, passou-se à exploração de um conto infantil intitulado *O Ciclo do leite* (de Cristina Quental e Mariana Magalhães), que explicaria como se obtinha todos estes produtos abordados no jogo da memória. Esta estratégia de recurso a uma história foi abordado tendo em atenção que este é um momento que constitui parte insubstituível da rotina do grupo de crianças e tendo em atenção a importância que a narração de histórias desempenha no desenvolvimento da criança a nível da abordagem à escrita, tal como as OCEPE (2016, Silva, Marques, Mata & Rosa, p. 66) concebem: “[o] contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro. É através dos livros que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética”. Para além disso, esta estratégia foi escolhida tendo em atenção que a leitura é benéfica na potencialização de “interações e partilha de ideias, conceções e vivências” (Mata 2008, p. 78) e no “desenvolver e enriquecer da personalidade do indivíduo, promovendo a autonomia, aquisição de conhecimentos, desenvolvimento do espírito crítico e a abertura às muitas perspetivas porque se pode representar e analisar o real” (Sequeira 2000, p. 70).

Após o conto da história desenvolveu-se um pequeno diálogo sobre a mesma e a estagiária apresentou uma ficha (**Anexo 3**) com um conjunto de imagens que as crianças tiveram de recortar e ordenar nos seus cadernos, por forma de compreender se tinham entendido o que fora abordado até então. Como forma de articular o reconto da história e a correção da atividade, então, em conjunto, a estagiária foi relembrando com as crianças as fases do ciclo do leite. No final, a estagiária explicou às crianças que tal como no conto que tinha sido explorado (no qual as crianças tinham feito uma visita de estudo a uma fábrica de transformação de leite), também o grupo ia ter oportunidade de realizar a sua visita e que iríamos convidar uma turma do Pré-Escolar (turma esta onde uma outra estagiária estava a realizar o seu estágio). Este foi um momento de grande entusiasmo por

parte das crianças, quer pelo facto de irem sair do ambiente escolar, quer pelo facto de irem conhecer pessoalmente uma fábrica de leite que fazia parte do meio destas crianças.

Esta visita de estudo (**Figura 7**) foi pensada como forma de possibilitar às crianças uma experiência diferente do seu dia-a-dia habitual. Teve ainda como motivação a importância do conhecimento do meio a que a criança pertence e a importância das crianças conhecerem uma das indústrias de transformação mais importantes nos Açores, dado o facto de a pecuária ser ainda uma atividade predominante na região. Por fim, esta visita foi organizada com a consciencialização de que “as visitas de estudo constituem instrumentos com grandes potencialidades pedagógicas. Integrados em projectos de pesquisa e intervenção, são insubstituíveis na construção de um conhecimento aberto ao meio: local, nacional e internacional” (Monteiro 1995, p. 173). Antecedendo a visita, foram esquematizadas as regras e os cuidados a ter aquando da mesma, em grupo, com as crianças. Durante a visita, as crianças puderam observar diferentes contextos, inclusive explorações pecuárias que se encontraram pelo caminho até à fábrica. Neste percurso, o seu entusiasmo foi tão notório através do facto de chamarem a atenção para tudo o que viam (terrenos, vacas, autocarros, edifícios de maiores dimensões e a fábrica). No início da visita as crianças e os adultos tiveram uma explicação das regras de higiene e segurança a ter na fábrica, tiveram de vestir batas, toucas e cobrir sapatos. Durante a visita foram explicados todos os processos pelos quais passa o leite, as crianças puderam levantar questões, observar de perto esses processos e, no final, receberam um pequeno lanche e uma lembrança. Este foi um momento extremamente rico na exploração de diversas áreas, com especial destaque para as áreas de Formação Pessoal e Social e de Conhecimento do Mundo e para aspetos de Cidadania e da própria cultura açoriana.



Figura 7: Fotos da visita de estudo à fábrica de leite Unileite.

Após a visita, como forma de consolidar e averiguar as aprendizagens realizadas pelas crianças até então, o grupo de 13 crianças foi dividido em três grupos (2 grupos compostos por 4 crianças cada e 1 grupo composto por 5 crianças). Esta estratégia surgiu do facto de estarmos perante um grupo de 13 crianças que não é totalmente homogéneo a nível de aprendizagens, uma vez que neste grupo existem duas crianças com NEE e outras duas crianças com algumas dificuldades a nível do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e do Domínio da Matemática. Ainda, teve-se por base a importância do trabalho cooperante que é fortemente explicitado nas OCEPE (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016, p. 25):

O trabalho entre pares e em pequenos grupos, em que as crianças têm oportunidade de confrontarem os seus pontos de vista e de colaborarem na resolução de problemas ou dificuldades colocadas por uma tarefa comum, alarga as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e para a aprendizagem das outras. Trabalhar em grupos constituídos por crianças com diversas idades ou em momentos diferentes de desenvolvimento permite que as ideias de uns influenciem as dos outros. Este processo contribui para a aprendizagem de todos, na medida em que constitui uma oportunidade de explicitarem as suas propostas e escolhas e como as conseguiram realizar. (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016, p. 25)

Nesta lógica, após os grupos formados, foi explicado às crianças que estas iriam elaborar três cartazes: um sobre a visita de estudo, um sobre os derivados do leite e um sobre a importância de beber leite. Para a organização destes cartazes, as crianças recorreram a

fotos da visita de estudo que foram impressas pela estagiária, a embalagens recicladas de produtos (alguns derivados de leite e outros) e a imagens, também impressas pela estagiária, elucidativas dos benefícios do leite. Deste modo, as crianças encarregues do cartaz sobre a visita de estudo tiveram de selecionar as imagens, recortar, organizá-las no cartaz, colar e com a ajuda da estagiária legendar as mesmas. As crianças encarregues do cartaz sobre os derivados do leite tiveram de selecionar entre as embalagens apenas aquelas que eram mesmo de derivados do leite e legendá-las. E as crianças encarregues do cartaz sobre os benefícios do leite, tiveram de recortar as imagens e associar as respetivas ilustrações aos benefícios que apresentavam. Após a organização dos cartazes, estes foram apresentados pelos grupos às restantes crianças da sala, sendo que a estagiária, sempre que necessário e como forma de consolidar ia fazendo algum comentário. Este foi um momento muito importante pois foi possível perceber que a maioria das crianças não apresentou grandes dificuldades em lembrar as aprendizagens que tinham feito. Algumas crianças até relembrou informações que tinham sido transmitidas durante a visita de estudo pela funcionária da fábrica, dizendo por exemplo “O leite é tirado das vacas com máquinas, mas antes não era assim... era tirado com as mãos”.

Posteriormente foi elaborada uma exposição (**Figura 8**) pelas crianças e pela estagiária no hall de entrada da escola, com os cartazes e com a construção de uma vaca num prado (recorrendo a um bock de Educação Física, um lençol, papel autocolante preto, luva de enfermagem com água e tinta branca, um rosto de uma vaca e um sino impressos e colados em cartão, uma carpete verde, uma lata de leite antiga e erva seca). Esta exposição surgiu tendo por base que, segundo as OCEPE (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016, p. 26) deve-se procurar rentabilizar todos os espaços que fazem parte da sala de aula, fazendo uso das paredes, isto porque “[o] que está exposto constitui uma forma de comunicação, que sendo representativa dos processos desenvolvidos, os torna visíveis tanto para crianças como para adultos”. Tal exposição permite às crianças compreender a importância que está a ser atribuída aos seus trabalhos, de tal forma que, ainda segundo as OCEPE (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016, p. 26), esta exposição de trabalhos “deve ser partilhada com as crianças e corresponder a preocupações estéticas”.



Figura 8: Fotos da exposição organizada pelas crianças no hall de entrada da escola em que foi realizado o estágio no Pré-Escolar.

Por fim, como forma de incentivar a importância da partilha, foi elaborado um lanche (**Figura 9**) no hall de entrada da escola com a turma que participou na visita de estudo. Este lanche foi constituído por derivados de leite exclusivamente açorianos como queijo de cabra produzido em São Miguel, queijo de vaca pasteurizado produzido na fábrica a onde foi realizada a visita, manteiga produzida nessa mesma fábrica, iogurtes produzidos na ilha de São Miguel. Para além destes, neste lanche estiveram presentes também chá verde da Gorreana e pão de milho e pão de trigo caseiros produzidos artesanalmente. Ainda, é importante explicar que para além da intenção de dar a conhecer ao grupo de crianças produtos que fazem parte da gastronomia açoriana (como forma de remeter para a temática do Relatório), na realização deste lanche teve-se em atenção uma especificidade que foi denotada perante grande parte das crianças aquando das observações. O que se observou foi que durante alguns momentos de trabalho autónomo das crianças pelas áreas e mesmo durante alguns momentos de partilha de materiais, várias vezes surgiam pequenos conflitos entre as crianças que discutiam porque não queriam emprestar o que estavam utilizando, ou não queriam deixar as outras crianças brincar. De tal modo, este conjunto de atividades permitiram as crianças apreenderem conhecimentos sobre produtos produzidos nos Açores e sobre uma atividade económica tão predominante. Permitiram interrelacionar diversas áreas como no caso da contagem aquando da organização do lanche (em que se contaram os guardanapos e os copos a ser

distribuídos, por exemplo). E permitiram, essencialmente, gerar importantes momentos de partilha, cooperação e respeito para com as outras crianças.



Figura 9: Lanche com produtos açorianos, organizado no hall de entrada e partilhado com uma turma de Pré-Escolar com a qual uma colega se encontrava a estagiar.

5.1.5.3. Descrição Reflexiva sobre a Atividade III – Os brinquedos e as brincadeiras de antigamente: reciclando materiais

Esta atividade surgiu na aproximação da época festiva do Natal, sobre a qual se começa a falar nas escolas nas últimas semanas de novembro. Tal como as atividades anteriormente descritas, esta atividade permitiu a interligação entre diversas áreas na medida em que se interrelacionaram diversas áreas, domínios e subdomínios, estando sempre subjacente a intenção de apelar para a temática do Relatório de Estágio. Abaixo é apresentada a **Tabela 12**, onde estão explicitadas as principais características da organização desta atividade.

Tema: Os brinquedos de antigamente: reciclagem de materiais	
Áreas/Domínios/ Subdomínios	<ul style="list-style-type: none"> • Área de Formação Pessoal e Social; • Área de Conhecimento do Mundo; • Área de Expressão e Comunicação; <ul style="list-style-type: none"> – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; – Domínio da Educação Artística; <ul style="list-style-type: none"> – Subdomínio do Jogo Dramático.
Objetivos	<p>A criança:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Levanta questões sobre as diferenças que vê entre os brinquedos tradicionais açorianos e os atuais; 2. Aguarda pela sua vez para levantar questões; 3. Respeita e coopera com os colegas no momento de exploração dos brinquedos; 4. Refere pelo menos uma característica do brinquedo que escolheu para apresentar; 5. Elabora frases simples, sendo capaz de expressar a sua ideia; 6. Reconhece a importância da reciclagem; 7. Demonstra imaginação no reaproveitamento de materiais; 8. Demonstra autonomia em tarefas de recorte, pintura, colagem; 9. Identifica os meios de transporte aéreos, marítimos e terrestres; 10. Quando questionada, identifica os brinquedos tradicionais açorianos.
Estratégias (Momentos da Atividade e Recursos)	<ul style="list-style-type: none"> • Encenação de visita, à sala, da Doutora Brinquedos (com boneca, fantocheiro e brinquedos antigos tradicionais açorianos); • Momento de exploração dos brinquedos tradicionais no tapete em conjunto com a estagiária (materiais, características) e posterior exploração autónoma por parte das crianças; • Momento de apresentação individual, no tapete de um brinquedo escolhido pelas crianças; • Momento de lembrar a reciclagem (exploração de materiais e suas utilidades); • Momento de oficina de construção de brinquedos com materiais reciclados.

Tabela 12: Áreas/Domínios/Subdomínios, Objetivos e Estratégias da atividade III organizada no Pré-Escolar.

Para além do que se encontra esquematizado no quadro, é importante esclarecer que esta atividade foi pensada tendo-se em atenção um conjunto de fatores. Assim, para além da conveniência temporal da aproximação da época do Natal, a esta atividade encontra-se subjacente as perceções que foram obtidas através dos inquiridos, onde se vê referido que é importante abordar nas escolas “O tipo de brincadeira de outrora (sem tecnologias)” (Inquirido 8 – PE). Ainda, a organização desta atividade teve por base importância que os brinquedos desempenham na transmissão de conhecimentos culturais, na medida em que “o recurso às brincadeiras, aos brinquedos e jogos infantis, tradicionalmente utilizados pelo povo açoriano, pode ser considerado como uma estratégia mediadora de aquisição de conhecimentos da cultura” (Condessa & Fialho 2010). Por fim, importa referir que esta foi uma atividade pensada como forma de elucidar as crianças para a importância da partilha, fazendo uso de algo que lhes é tão familiar

como o brincar. Isto porque, segundo as OCEPE (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016 p. 10), o brincar

[T]orna-se um meio privilegiado para promover a relação entre crianças e entre estas e o/a educador/a, facilitando o desenvolvimento de competências sociais e comunicacionais e o domínio progressivo da expressão oral. Proporciona, de igual modo, outras conquistas, tais como, ter iniciativas, fazer descobertas, expressar as suas opiniões, resolver problemas, persistir nas tarefas, colaborar com os outros, desenvolver a criatividade, a curiosidade e o gosto por aprender, que atravessam todas as áreas de desenvolvimento e aprendizagem na educação de infância, constituindo condições essenciais para que a criança aprenda com sucesso, isto é, “aprenda a aprender”.

Uma vez explicitadas as principais motivações desta atividade, importa referir que esta se iniciou com um momento de encenação, na hora do conto, de uma visita de uma personagem de desenhos animados do conhecimento das crianças – a Doutora Brinquedos (**Figura 10**). Esta, como o próprio nome indica, nos desenhos animados representa o papel de uma médica que tem a responsabilidade de cuidar e consertar brinquedos que vão ao seu consultório. Nesta lógica e fazendo uso do fantocheiro que foi contruído pelas estagiárias, a personagem foi estabelecendo, através da estagiária um diálogo no qual disse ter vindo visitar o grupo de crianças para lhes dar a conhecer os brinquedos de antigamente e as incentivar a pedir destes brinquedos para o Natal. Esta personagem, foi assim, apresentando aleatoriamente vários brinquedos tradicionais que eram utilizados pelas crianças antigamente, nomeadamente: tabuleiro de jogo de damas com peças feitas com tampas de garrafas, pião com cordel, autocarro, trator e atrelado em madeira, jarra de barro em miniatura, vacas e cavalo feitos com cafulo de milho (espiga de milho debulhada), cavalo de pau feito com cabo de vassoura, meia, botões e lã (para os pormenores do rosto e do cabelo), boneca de trapos (ou de tecido), vaivém com garrafas de água de plástico e corda de sisal, brinquedo andarilho de madeira e, para surpresa das crianças, uma boneca de feltro, construída de forma artesanal, idêntica à própria Doutora Brinquedos.



Figura 10: Encenação da visita da Doutora Brinquedos à sala para apresentar brinquedos tradicionais açorianos de antigamente.

Este foi um momento, como é de esperar, de enorme ânimo e alvoroço por parte das crianças que foram ouvindo a encenação sem levantar quaisquer questões, para não a interromper. Cada brinquedo novo que surgia pela janela do fantocheiro ia despertando mais e mais o interesse das crianças, quer seja pelo facto de estes serem brinquedos que lhe eram desconhecidos, quer seja pelo elemento surpresa de não saberem qual era o próximo brinquedo a ser apresentado. No final, deste momento, foi feito como que o reconto da história, sendo que a estagiária em conjunto com as crianças foi esclarecendo melhor as dúvidas que fossem surgindo. De seguida, foi então dado um momento para as crianças autonomamente explorarem os brinquedos (**Figura 11**), sendo que este não deixou de ser um momento bastante rico na medida em que permitiu a estagiária observar os comportamentos e atitudes das crianças umas com as outras e a própria exploração dos respetivos brinquedos.



Figura 11: Fotos dos momentos de explicação e de exploração dos brinquedos tradicionais açorianos de antigamente.

Após o momento de exploração, foi solicitado que cada criança escolhesse um brinquedo para proceder à sua apresentação no tapete. Este momento foi objetivando como forma de registar se as crianças já tinham assimilado algumas aprendizagens sobre o que tinha sido falado até então. Ainda relativamente a este momento, importa relembrar que este se tornou um momento fundamental para o desenvolvimento da oralidade, em especial, por parte das crianças que apresentavam mais dificuldades neste aspeto. Tal se deveu ao facto das crianças terem um suporte que serviu como facilitador do seu discurso.

Posteriormente, a estagiária procurou explicar que tal como os pais e avós quando eram pequenos tinham brinquedos feitos de sobras de materiais que aproveitavam, como por exemplo madeira, retalhos de tecido ou cafulo de milho, também, nos dias de hoje poder-se-ia construir brinquedos aproveitando materiais reciclados. Em primeiro lugar, este foi um momento que procurou rebuscar aprendizagens anteriormente exploradas pelas crianças aquando da abordagem da reciclagem. Em segundo lugar teve-se em atenção a importância de se incentivar as crianças para a educação ambiental como forma de preservarem se tornarem cidadãos ativos e conscientes perante o mundo que as rodeia. Esta importância é reforçada pelas OCEPE (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016 p. 85), quando é explicitado que

As crianças vão compreendendo o mundo que as rodeia quando brincam, interagem e exploram os espaços, objetos e materiais. Nestas suas explorações, vão percebendo a interdependência entre as pessoas e entre estas e o ambiente. Assim, vão compreendendo a sua posição e papel no mundo e como as suas ações podem provocar mudanças neste. Uma abordagem, contextualizada e desafiadora ao Conhecimento do Mundo, vai facilitar o desenvolvimento de atitudes que promovem a responsabilidade partilhada e a consciência ambiental e de sustentabilidade. Promovem-se assim valores, atitudes e comportamentos face ao ambiente que conduzem ao exercício de uma cidadania consciente face aos efeitos da atividade humana sobre o património natural, cultural e paisagístico. (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016 p. 85)

Assim, após o momento introdutório e explicativo da importância da reciclagem e da versatilidade de materiais do dia-a-dia, a estagiária explicou às crianças que iriam fazer uma oficina de construção dos seus próprios brinquedos (**Figura 12**) que iriam ser três: um barco, um avião e um carro (também remetendo para a dinâmica dos meios de transporte do mar, da terra e do ar). Aqui, em conjunto com as crianças, a estagiária procedeu à explicação dos materiais que iriam ser utilizados como: rolhas, paus de gelado, rolos de papel higiénico, tampas de garrafa plásticas, molas da roupa em madeira, sobras de cartolina e de goma EVA, elásticos e palitos pequenos redondos, questionando-as sobre que brinquedos poderiam ser construídos com tais materiais. Note-se que esta atividade teve por base a importância que Condessa e Fialho (2010) atribuem a atividades de construção de brinquedos, mencionando que estas atividades “[p]ossibilitam desenvolver na criança a destreza manual, a partir do saber-fazer, assim como a capacidade de criar e imaginar a partir da reutilização e transformação dos recursos disponíveis” (p. 164).

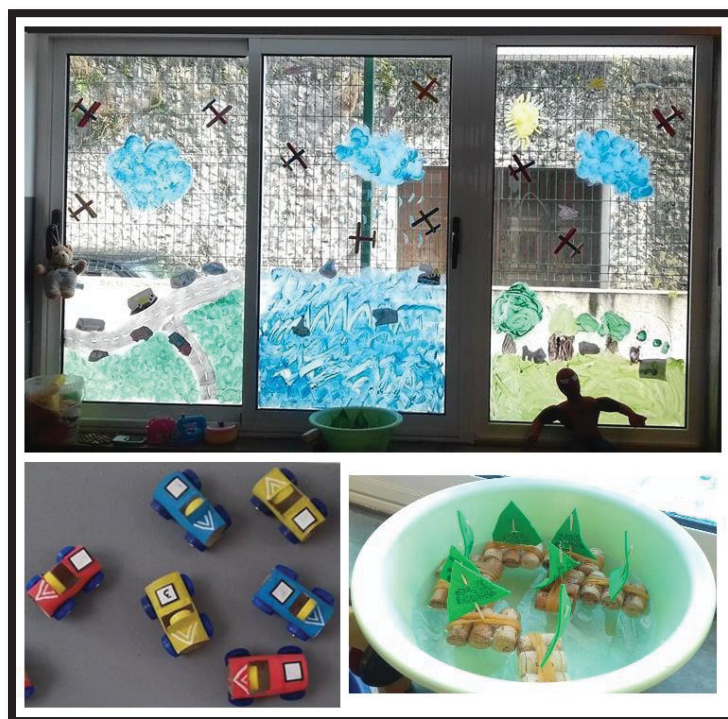


Figura 12: Fotos dos brinquedos (meios de transporte) construídos pelas crianças e expostos nos respetivos meios a que são associados.

Em suma, esta atividade foi fundamental para remeter para a temática do Relatório de Estágio, através da exploração dos brinquedos tradicionais açorianos. Foi, ainda, uma atividade importante para: a consciencialização da relevância da reciclagem e reaproveitamento de materiais do uso diários; o desenvolvimento Social e Pessoal da criança e da sua oralidade; a valorização dos seus trabalhos, por terem construído algo com utilidade; a exploração de expressões e a construção de aprendizagens autónomas por parte das crianças nos momentos lúdicos de exploração dos brinquedos e de simulação de situações do dia-a-dia, através de brincadeiras e dos brinquedos.

5.2. Contextualização do Contexto de Estágio no 1.º CEB

O estágio no 1.º CEB decorreu no âmbito da Unidade Curricular Estágio Pedagógico II que faz parte do 2.º semestre do 2.º ano do plano de estudos do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB, curso este proporcionado pela Universidade dos Açores. Deste modo, este EP decorreu entre 26 de fevereiro de 2018 a 6 de junho de 2018 com um grupo de crianças do 4.º ano do 1.º CEB de uma das escolas-núcleo da Unidade Orgânica de uma Escola Básica e Integrada do concelho de Ponta

Delgada. É importante demarcar que, como forma de manter a confidencialidade, não será mencionado o nome desta instituição nem quaisquer dados que comprometam os intervenientes.

5.2.1. Caracterização do Meio

Em termos socioeconómicos, a freguesia onde se insere a escola em que foi realizado o EP em questão, tinha a agricultura como principal atividade económica. Já no que se refere aos serviços que se encontravam nos arredores da escola, tínhamos a junta de freguesia, a casa de povo, um centro de saúde, um rancho folclórico, um grupo folclórico, a igreja paroquial, os escuteiros, um supermercado Solmar, uma Clínica Veterinária e um local de alojamento turístico e espaço natural que eram serviços que foram sempre tidos em conta durante as intervenções pedagógicas, por exemplo realizando visitas de estudo ao supermercado Solmar, referenciando nas aulas, quando adequado, o rancho folclórico e o grupo folclórico e solicitando de transporte por parte da junta de freguesia e da casa de povo aquando de visitas de estudo mais distantes. Também, aquando da abordagem do conteúdo das atividades económicas, estes lugares foram referenciados como forma dos alunos identificarem a que setor económico pertenciam. Em suma, o meio em que a escola estava inserida e as especificidades deste meio demonstraram-se extremamente importantes para a abordagem da temática do Relatório de Estágio, como fortes exemplos culturais mais próximos das crianças.

5.2.2. Caracterização da Escola

A assembleia de escola, o conselho executivo, o conselho pedagógico e o conselho administrativo são as quatro unidades principais que fazem parte da Escola Básica Integrada a que pertence a escola onde foi realizado este EP. Esta escola, onde se realizou o estágio, era uma escola P3, ou seja possuía diversas características arquitetónicas que proporcionavam um ambiente apelativo do ponto de vista pedagógico. Dentro dessas características, há que referir que esta escola possuía doze salas agrupadas em núcleos de quatro salas, um polivalente, uma cozinha, um refeitório, uma biblioteca, um gabinete administrativo, três gabinetes de apoio e uma sala de professores. Na área exterior ao edifício existiam três espaços distintos destinados ao recreio e um espaço onde estava a

ser construído um pavilhão polidesportivo que seria utilizado pela escola e pela comunidade.

Sendo assim, neste estabelecimento existiam doze salas de aula: oito salas destinadas ao 1.º CEB e quatro salas destinadas ao Pré-Escolar. Existiam três gabinetes de apoio que se encontravam localizados nos espaços entre as salas de aulas. Esta escola tinha, também, um pequeno refetório onde, à hora do lanche e à hora de almoço, todas as crianças lanchavam e almoçavam, o que gerava uma certa desorganização e confusão nestes momentos. Neste refetório existia uma cozinha com um micro-ondas, um frigorífico, uma cafeteira e uma chaleira e uma arrecadação onde eram guardados o leite e a água para as crianças. Ainda, neste edifício existia uma biblioteca, que não estava ainda muito apetrechada de materiais e um polivalente desportivo onde eram realizadas as aulas de Educação Físico-Motora. Este, não era um polivalente de grandes dimensões e, para além disto, neste espaço existiam algumas colunas que acabavam por atrapalhar no decorrer das aulas. Estas colunas estavam protegidas com esponja nos seus cantos, o que proporcionava uma certa segurança. Anexo a este polivalente, existia uma arrecadação com vários materiais que podiam ser utilizados nas aulas de Educação Físico-Motora e duas casas de banho, destinadas a cada género. Por fim, é importante referir que a escola possuía uma ampla sala de professores, com um micro-ondas, onde existia uma casa de banho para o género masculino e uma casa de banho para o género feminino. Também no rés-do-chão e no primeiro piso existiam casas de banho para os alunos e uma casa de banho destinada a pessoas com NEE neste rés-do-chão.

Em termos de segurança, no interior da escola, encontravam-se vários extintores devidamente sinalizados. Para além disto, encontrávamos na entrada da escola, perto da passadeira, uma funcionária da Junta de Freguesia que procurava manter as crianças em segurança e uma assistente operacional junto ao portão de saída da escola que garantia que nenhuma criança saía do edifício sem ser acompanhada por um adulto devidamente responsável. É importante referir que existia um horário para a abertura e para fecho do portão da escola e que, caso alguém pretendesse aceder à mesma, fora deste horário, teria de tocar a campainha existente no seu exterior. Também, no momento de saída das crianças da escola, estas eram acompanhadas por uma assistente operacional aos autocarros, o que permitia que os pais ficassem mais sossegados por saberem que as crianças eram devidamente mantidas em segurança.

Na escola onde foi realizado o EP no 1.º CEB estavam matriculados 173 alunos, sendo que, destes, 59 integravam turmas do Pré-Escolar e 114 integravam turmas do 1.º CEB. Muitas destas crianças chegavam, até a frequentar o CATL (Centro de Atividades de Tempos Livres), após as atividades letivas, nesta escola, que funcionava no refeitório, na biblioteca, no polivalente e nos recreios.

Terminando a caracterização desta escola, é importante realçar o Projeto Educativo de Escola (PEE) da Escola Básica Integrada em que está inserida a escola de estágio e o Projeto Curricular de Escola (PCE) que são documentos delineadores do desenvolvimento da ação educativa. No primeiro projeto, PEE, era apresentado como objetivo principal a criação de um ambiente promotor de vivências que visavam o sucesso educativo das crianças e jovens, de modo a que estes apresentassem um crescimento intelectual, afetivo e social saudável, tendo igualdade de oportunidades de sucesso escolar e adquirindo o gosto por desenvolver aprendizagens ao longo de toda a sua vida. Este PEE destacava, também, a importância do desenvolvimento de valores como o respeito, a tolerância, a justiça, a responsabilidade, a solidariedade e, ainda, competências como *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver junto*. Para além disso, neste PEE encontrava-se expresso três aspetos a realçar: a importância de se estabelecer relações entre todos os membros da comunidade educativa, de modo a se proporcionar um desenvolvimento da cultura e dos saberes em termos de dimensão social; o estímulo do gosto por atividades culturais; a organização de atividades culturais diversificadas como forma de engrandecer e personalizar a escola. Estes são exemplos de aspetos que se reportam para a temática do Relatório de Estágio, uma vez que, apesar de não referenciar a cultura açoriana em concreto, não deixam de mencionar a importância da organização de atividades culturais.

Já o segundo PCE, tinha como áreas foco de intervenção o sucesso dos alunos, as atividades e projetos de enriquecimento curricular, a formação do pessoal docente e não docente, a organização e gestão curricular e a relação escola/comunidade, não se notando quaisquer referências específicas relativas à dinâmica cultural ou à temática do Relatório de Estágio.

5.2.3. Caracterização da Sala e das suas Rotinas

A sala de aula da turma em que foi realizado o EP situava-se no primeiro andar e era uma sala ampla, luminosa e bastante arejada, possuindo várias janelas nas suas laterais. Nesta sala existiam dois quadros de giz, um balcão com um lavatório e por cima deste balcão existiam armários de parede que serviam para arrumos. Perto do quadro de giz principal estava a secretária do professor, virada de frente para as secretárias dos alunos e por de trás da secretária do professor existia uma outra secretária com um computador e colunas. As secretárias dos alunos encontravam-se organizadas de frente para o quadro de giz principal e estavam agrupadas em três filas, umas atrás das outras, sendo que todos os alunos, à exceção de dois, estavam sentados a pares. As principais fragilidades que esta escola apresentava eram o facto de o computador existente na sala não estar em funcionamento e a inexistência de projetor nesta sala de aula (e dificuldade em o requisitar), o que acabava por limitar as intervenções neste sentido, pois não era possível projetar vídeos ou imagens. Por fim, e como uma figura vale mais que mil palavras, segue-se um esquema da planta da sala de aula em questão, com as suas características principais (**Figura 13**).

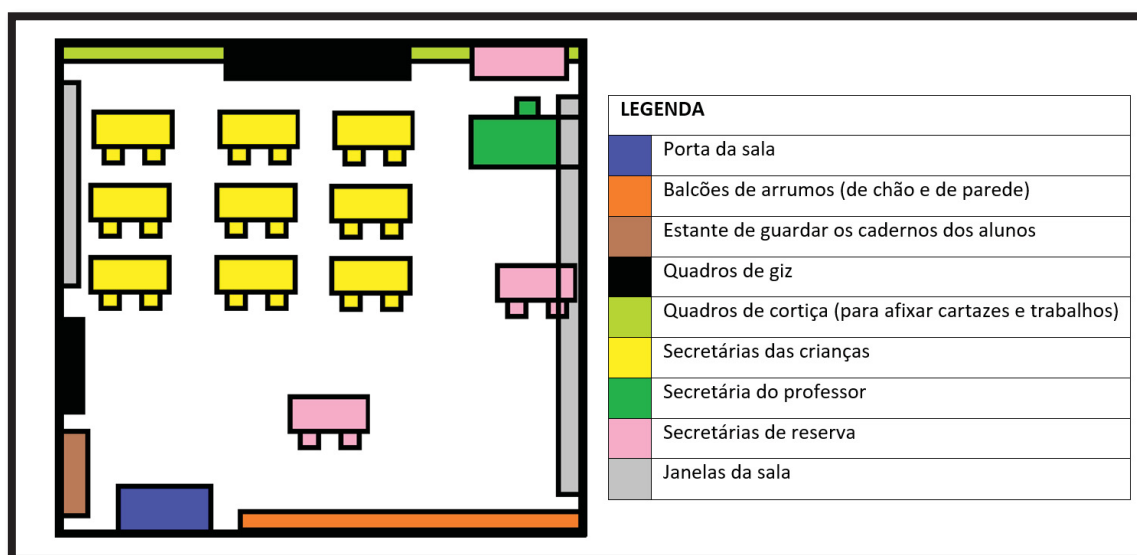


Figura 13: Esquema da planta da sala de aula onde foi realizado o Estágio Pedagógico II no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No que se refere às rotinas desta turma, estes seguiam um horário definido no início do ano letivo, sendo que tinham aulas de Educação Físico-Motora três vezes por semana (à segunda-feira a aula era lecionada pelo professor da turma), aulas de Inglês duas vezes por semana (à terça-feira e à quinta-feira), aulas de Cidadania/Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) uma vez por semana (à quinta-feira) e aulas de Expressão Musical, Expressão Plástica e Expressão Dramática uma vez por semana cada uma (terça-feira, quarta-feira e sexta-feira respetivamente). Todas estas disciplinas eram lecionadas por professores próprios, à exceção de Educação Físico-Motora que era coadjuvada com o professor titular da turma e Expressões que eram, também, lecionadas pelo professor da turma. É importante entender-se que este horário era flexível e o professor ou as estagiárias que estivessem a dar aula tinham liberdade para o modificar, respeitando os horários das aulas em que as disciplinas eram lecionada por professores próprios e respeitando a carga horária que cada disciplina exigia. Por fim, esta era uma turma que tinha as suas rotinas e horários já bem interiorizados, sabendo quando deveria ocorrer, por exemplo, Educação Físico-Motora e Expressões. Para além disto, todos os dias existia um aluno encarregue de fazer a data no quadro e de distribuir pelos colegas os cestos que serviam de balde de lixo e que eram colocados em cima das secretárias dos colegas, como forma de evitar o levantar do lugar frequentemente e era encarregue de distribuir fichas de trabalho assim que lhe fosse solicitado.

5.2.4. Caracterização do Grupo de Alunos

O grupo de alunos em questão era um grupo do 4.º ano do 1.º CEB constituído por 16 alunos. No que se refere às idades destes alunos, importa referir que: dois destes alunos tinham 11 anos de idade; um destes alunos tinha 10 anos de idade e treze destes alunos tinham 9 anos de idade. Este grupo era formado por 7 alunas e 9 alunos. Nesta turma, 4 alunos tinham NEE e 6 alunos beneficiavam de algum apoio educativo.

Assim, de um modo geral, este era um grupo de alunos assíduos e pontuais que eram acompanhados pelo professor titular, na sua maioria, desde o 1.º ano do 1.º CEB (à exceção de dois alunos que começaram a fazer parte desta turma no 3.º ano de escolaridade). Esta era uma turma muito atenta e participativa, que, na sua maioria, conseguia realizar trabalho autónomo em tempo útil, existindo apenas alguns casos pontuais que demonstravam necessitar de ajuda na realização de determinadas tarefas

mais complexas. Também, em termos de comportamento, a maioria dos alunos respeitava as regras, não existindo grandes conflitos entre os mesmos.

De seguida, com base nas observações, quer durante as duas semanas iniciais de observação, quer durante as semanas de intervenções que foram realizadas, segue-se uma breve caracterização de algumas características gerais que puderam ser obtidas acerca do desempenho deste grupo de alunos, relativamente às áreas principais. Note-se que, para efeitos de confidencialidade, os alunos são enumerados pelas letras do alfabeto.

Sendo assim, nesta turma, tínhamos um grupo de alunos (aluna A, aluna B, aluno E, aluno F, aluno G, aluna H, aluno I, aluna N, aluno O e aluno P) que não apresentavam grandes dificuldades em nenhuma das áreas que constituem o currículo do 1.º CEB, demonstrando dominar os conteúdos solicitados e revelando capacidade de os explorar de forma autónoma. Na área do Português, este grupo de alunos não apresentava quaisquer dificuldades, sendo que na oralidade, demonstrava atenção na construção do seu próprio conhecimento, criando um discurso oral fluente e correto. Na escrita e na leitura, este grupo de alunos demonstrava ser capaz de compreender diversos tipos de texto, assimilando a informação que estes transmitem e escrevendo de uma forma correta, tendo em atenção as regras e as temáticas abordadas. Também na Gramática, este grupo de alunos demonstrava compreender e pôr em prática as regras da mesma.

Na área de Matemática, este grupo (A, B, E, F, G, H, I, N, O e P) dominava sem problemas os três domínios principais: *Números e Operações* (eram capazes de identificar e relacionar números naturais e racionais, conseguiam realizar os algoritmos das quatro operações numéricas, aplicando estratégias na resolução de problemas e especificando os resultados), *Geometria e Medida* (identificavam e utilizavam corretamente as noções de geometria e medida, explicitando os resultados obtidos) e *Organização e Tratamento de Dados* (eram capazes de organizar dados, apresentando estratégias de resolução e respetivos resultados).

De igual forma, na área de Estudo do Meio, este grupo (A, B, E, F, G, H, I, N, O e P) não apresentava quaisquer dificuldades, demonstrando dominar vários conhecimentos sobre os conteúdos abordados, conseguindo estabelecer relações entre os diversos conceitos, associando-os a novas situações e demonstrando capacidade em recolher novas informações através de fontes de recolha variadas.

Por fim, na área de Educação Físico-Motora, o mesmo grupo (A, B, E, F, G, H, I, N, O e P) demonstrava ser capaz de respeitar as regras dos jogos, sendo capaz de realizar facilmente competências motoras de forma individual ou em grupo, respeitando e cooperando com os colegas.

Por outro lado, tínhamos um outro grupo de alunos que apresentavam algumas NEE, o que acabava por se refletir no seu desempenho nas demais áreas. Assim sendo, a aluna C beneficiava, pontualmente, de apoio nas áreas de Português e Matemática, apresentando dificuldades que, por vezes, eram resultado da sua falta de atenção. Deste modo, na área de Português, a aluna demonstrava um desempenho satisfatório, sendo que apresentava algumas dificuldades em compreender determinados aspetos do discurso e diferentes tipos de texto, acabando, ainda assim, por conseguir sistematizar a informação que obtinha, organizando-a de acordo com as regras de ortografia. Também na Gramática, a aluna demonstrava conhecer as suas regras e especificidades, apresentando, por vezes algumas dificuldades em alguns conteúdos como por exemplo verbos ou adjetivos.

Em Matemática, esta demonstrava capacidade de identificar e relacionar números naturais e racionais, conseguindo realizar, com facilidade, os algoritmos da adição e da subtração, mas apresentava algumas dificuldades com os algoritmos da multiplicação e da divisão quando estes envolviam tabuadas a partir da tabuada do número quatro. Ainda, esta aluna demonstrava, na maioria das vezes, ser capaz de aplicar estratégias na resolução de problemas, especificando os resultados, reconhecendo e utilizando, corretamente e com algum auxílio, as noções de geometria e medida, explicitando os resultados obtidos, organizando dados e apresentando estratégias de resolução e respetivos resultados.

Na área de Estudo do Meio, a aluna dominava, de forma razoável, os diversos conhecimentos sobre os vários conteúdos abordados, conseguia estabelecer uma relação entre estes mesmos conceitos e associava-os a situações de forma correta, recorrendo a diversas formas de recolha de informação.

O aluno D, de um modo geral, apresentava várias dificuldades na maioria das áreas do 4.º ano, com destaque para as áreas de Português e Matemática. Nestas, este aluno beneficiava de apoio educativo pontualmente. Este era um aluno com várias dificuldades de motricidade fina, o que acabava por se refletir, de uma forma geral, em todas áreas. Também apresentava várias dificuldades em conjugar vários movimentos corporais do dia-a-dia, aspetos que, segundo a informação que foi fornecida pelo professor cooperante,

se vinha vislumbrando ao longo de todos os anos desde o 1.º ano do 1º CEB. Por este facto, o aluno tinha vindo a ser acompanhado desde cedo, demonstrando agora algumas evoluções. Em termos de comportamento, D demonstrava um comportamento pacífico, cumprindo, na maioria das vezes, as regras de sala de aula e procurando respeitar e cooperar da melhor forma possível com os colegas. No primeiro período, este aluno demonstrou ser assíduo e pontual, na maioria das vezes, e teve, maioritariamente, como avaliação “Suficiente”, sendo que estava sujeito a uma avaliação especial com adequações curriculares individuais.

Na área de Português, D apresentava diversas dificuldades, algumas delas resultantes das dificuldades que demonstrava em termos de motricidade fina e movimentos corporais. Assim, nesta área, o aluno, apesar de se ter demonstrado confiante na leitura, conseguindo ler de forma mais fluente, ainda tinha dificuldades na escrita, realizando ainda vários erros ortográficos, por exemplo com a omissão de letras, principalmente em casos de leitura.

Na área de Matemática este apresentava dificuldades na leitura e escrita de números, especialmente de números ordinais. Manifestava dificuldade no pronunciar desses números, bem como dificuldades em identificar o valor posicional dos algarismos. Revelava, também, dificuldades nos algoritmos da adição com transporte e da subtração com empréstimo, esquecendo a dezena que sobrava nestes algoritmos. De igual modo, este aluno também apresentava dificuldades na memorização das tabuadas, o que resultava, conseqüentemente, em dificuldades de resolução do algoritmo da multiplicação. Por fim, ainda nesta área, D demonstrava várias dificuldades na identificação de ângulos e na interpretação e resolução de problemas matemáticos.

Já em Estudo do Meio, o aluno demonstrava mais facilidade do que nas outras áreas, demonstrando dominar a maioria dos conteúdos sem grandes problemas, conseguindo associá-los a outras situações e recolhendo informações de diversas formas e diversificadas fontes.

Por fim, em Educação Físico-Motora, como era de esperar, dadas as suas dificuldades de motricidade, D manifestava alguns problemas em expressar várias competências motoras. Também acabava por demonstrar ter dificuldades em conhecer e respeitar algumas regras de jogo, acabando por apresentar alguns comportamentos mais desadequados e tendo dificuldades em cooperar com os colegas.

As alunas J e M apresentavam deficit cognitivo, sendo que este era mais notório na aluna J do que na aluna M. Estas eram alunas bastante dependentes do professor, não só em trabalhos e atividades individuais, mas também nos momentos de avaliação. Para além disto, devido ao seu deficit cognitivo, estas alunas demonstravam mais dificuldades a nível da compreensão, em tarefas mais complexas que exigiam a interpretação de conteúdos, ou seja, que exigiam uma leitura interpretativa, o que se acabava por refletir nas dificuldades que as alunas demonstravam sentir nas demais áreas, uma vez que a área do Português é intrínseca a todas as áreas do currículo. Por fim, é importante realçar que, sendo estas alunas incluídas no Regime Educativo Especial (REE), deveriam ter beneficiado de apoio pedagógico personalizado, de adequações curriculares e de adequações no processo de avaliação, o que na realidade não acontecia, pois não ocorreu colocação de nenhum professor de Ensino Especial neste estabelecimento de ensino.

Sendo assim, na área do Português, J e M revelavam grandes dificuldades, quer na oralidade quer na escrita, demonstrando dificuldades em construir os seus conhecimentos e os expressar num discurso fluente; quer na leitura, interpretação e redação de diferentes tipos de texto, não reconhecendo a maioria das regras de ortografia e gramática.

Em Matemática, as alunas demonstravam ter várias dificuldades, na medida em que identificavam alguns números naturais e racionais com grandes dificuldades, resolvendo os algoritmos da adição e da subtração também com certas dificuldades e não sendo capaz de resolver, autonomamente, os algoritmos da multiplicação e da divisão. Estes implicavam o conhecimento das tabuadas, conteúdo que estas alunas não tinham consolidado, à exceção, da tabuada do número dois e parte da tabuada do número três. De igual forma, também as noções geométricas e de medida, a organização e tratamento de dados diversos e a formulação dos resultados obtidos nas mais diversas situações, constituíam uma dificuldade para estas alunas, em parte, também, pelas dificuldades que estas demonstravam na área do Português.

Na área de Estudo do Meio, estas alunas, conseguiam, dentro dos seus limites, assimilar os conteúdos lecionados, tentando, por vezes, associá-los a outras situações e tentando, por vezes, realizar pesquisa através de algumas fontes diferentes.

O aluno L era um pouco distraído, conversador e pouco confiante de si e das suas capacidades. Isto tudo acabava por se refletir nas diversas áreas, sendo que deveria ter

beneficiado de apoio pedagógico personalizado, de adequações curriculares e de adequações no processo de avaliação. No entanto, dada a falta de colocação de um professor de ensino especial neste estabelecimento de ensino, o aluno acabou por beneficiar de apoio apenas do professor titular. L apresentava várias dificuldades na área de Português, nomeadamente na leitura e na escrita, refletindo-se na interpretação de texto e na escrita de texto tendo por base as temáticas que eram dadas e as regras de ortografia, cometendo, com frequência, vários erros ortográficos.

Em Matemática, L tinha dificuldade em identificar números naturais e racionais, em resolver os algoritmos da divisão e da multiplicação por falta de memorização das tabuadas e em identificar noções de geometria e medida, bem como, em explicitar os resultados obtidos nas mais diversas situações.

Já em Estudo do Meio, o aluno apresentava ainda algumas dificuldades em dominar os conteúdos abordados, apesar de não serem tantas como nas áreas anteriores. Também demonstrava algumas dificuldades em relacionar esses conteúdos com outras situações e em utilizar diferentes fontes de pesquisa para selecionar informação.

O aluno Q também se demonstrava desinteressado e pouco empenhado, na maioria das vezes, durante as aulas. Este foi submetido a análise por parte da psicóloga dos Serviços de Psicologia e Orientação da Escola Básica e Integrada, sendo-lhe diagnosticada Perturbação de Aprendizagem Específica, nomeadamente dislexia e disortografia, o que, de certo modo, se refletia nas suas dificuldades em todas as áreas, fazendo-o repetir dois anos de escolaridade. Na área do Português, este aluno tinha várias. Particularmente no discurso direto, tendo algumas dificuldades em ler e interpretar vários tipos de texto e, conseqüentemente, em redigir texto tendo por base a temática dada e as regras de ortografia. De igual modo, Q apresentava várias dificuldades nas regras de gramática. Ainda é importante referir que este aluno beneficiava, esporadicamente, de apoio educativo nesta área quando assim o era possível.

Na área da Matemática, Q também apresentava dificuldades em concentrar-se, o que acabava por o prejudicar no seu desempenho. Sendo assim, o aluno demonstrava algumas dificuldades em identificar números naturais e racionais. No algoritmo da divisão e da multiplicação este aluno manifestava várias dificuldades, em grande parte, por não conhecer as tabuadas. Já em termos de noções de geometria e medida e de

tratamento de dados, Q refletia algumas dificuldades em os identificar e em especificar os resultados obtidos em diversas situações.

Na área de Estudo do Meio, este aluno apresentava dificuldades em dominar a maioria dos conteúdos abordados, dificuldades em relacioná-los com outras situações e dificuldades em realizar investigação através de diferentes fontes de pesquisa.

Como forma de concluir a caracterização do grupo de alunos e repostando-nos para a temática do Relatório de Estágio, importa elucidar a área de Cidadania e a dimensão de Cultura. Como foi notória uma homogeneidade relativamente a estes aspetos por parte da turma toda, então a análise dos mesmos foi feita tendo em atenção a totalidade dos alunos. Assim, de um modo geral foi notório que em termos de Cidadania, todos os alunos apresentavam algumas noções básicas bem trabalhadas, como por exemplo noções de respeito, entreatajuda e partilha em termos de relações pessoais e compreendiam que eram cidadãos açorianos, por viverem numa das ilhas do Arquipélago dos Açores. No entanto, nesta área de Cidadania e relativamente à dimensão cultural eram notórias dificuldades no sentido de que: enquanto cidadãos açorianos, estes alunos não tinham totalmente consolidado o seu papel na comunidade. Ou seja, quando questionados sobre que atitudes poderiam ter na sua comunidade e sobre a cultura açoriana, todos os alunos demonstravam ter conhecimento de festividades, tradições e aspetos culturais que faziam parte da cultura açoriana e se manifestavam na sua comunidade. Mas não sabiam identificar de que forma poderiam desempenhar um papel ativo na sua comunidade e não conheciam estes aspetos culturais de forma aprofundada (referiam ter conhecimento de tradições e festividades por participarem nelas, no sentido de irem a festas ou momentos culturais, mas não compreendiam a sua origem histórica e significado). Estas dificuldades são claramente compreendidas na medida em que é pouco o tempo que sobra no currículo para se dedicar ao aprofundamento destes aspetos. E, foi neste sentido de aprofundamento de conhecimentos relativos à dimensão de cidadania presente na cultura açoriana, que grande parte da intervenção pedagógica foi organizada.

5.2.5. Atividades relativas à cultura açoriana e à educação para a cidadania desenvolvidas no contexto do estágio no 1.º CEB

Aquando do Estágio Pedagógico no 1.º CEB, organizaram-se um total de 42 atividades. Estas desenvolveram-se durante as cinco intervenções pedagógicas que aconteciam de quinze em quinze dias. Estas intervenções pedagógicas eram organizadas durante três dias seguidos, com exceção de duas semanas intensivas de intervenção que tiveram, cada uma, duração de oito dias. Ainda relativamente a estas atividades, importa lembrar que, dada a temática do Relatório de Estágio estar subjugada à cultura açoriana e à educação para a Cidadania, teve-se em atenção as competências presentes no CREB. Procurou-se, também, com estas atividades, trabalhar áreas em que os alunos apresentavam mais dificuldades, como é o caso de Matemática e de Línguas. Assim, seguidamente é apresentada a **Tabela 13**, onde se encontra a esquematização da calendarização e das áreas/competências subjacentes a estas atividades.

CALENDARIZAÇÃO		ÁREAS/COMPETÊNCIAS								
Intervenção	Atividade	Cidadania	Línguas	Matemática	Científica e Tecnológica	Cultural e Artística (Plástica)	Cultural e Artística (Dramática)	Cultural e Artística (Música)	Cultural e Artística (Expressão Físico-Motora)	Cultural e Artística
26 a 28 de fevereiro de 2018	1. ^a ★									
	2. ^a									
	3. ^a									
	4. ^a									
	5. ^a									
	6. ^a									
	7. ^a									
	8. ^a									
12 a 16 de março de 2018 e 19 a 21 de março de 2018	9. ^a ★									
	10. ^a									
	11. ^a									
	12. ^a									
	13. ^a									
	14. ^a									
	15. ^a ★									
	16. ^a ★									
	17. ^a									
	18. ^a									
	19. ^a									
20. ^a ★										
	21. ^a									
	22. ^a									

23 a 24 de abril de 2018	23. ^a								
	24. ^a ★								
	25. ^a ★								
	26. ^a ★								
	27. ^a ★								
	28. ^a ★								
8 a 11 de maio de 2018 e 15 a 16 de maio de 2018	29. ^a								
	30. ^a								
	31. ^a ★								
	32. ^a ★								
	33. ^a ★								
	34. ^a ★								
	35. ^a								
	36. ^a ★								
	37. ^a ★								
	38. ^a ★								
4 a 6 de junho de 2018	39. ^a ★								
	40. ^a								
	41. ^a								
	42. ^a								

Tabela 13: Calendarização das atividades realizadas no Estágio Pedagógico II no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

De todas as 42 atividades que foram organizadas durante o Estágio Pedagógico no 1.º CEB, destacam-se 18 atividades (assinaladas com o símbolo ★) que se reportam à temática do Relatório de Estágio. No entanto, devido ao condicionamento de páginas a que este documento está sujeito, são explicitadas somente duas atividades ilustrativas do trabalho que foi desenvolvido. Para além disso, enquanto que relativamente ao estágio no Pré-Escolar, em que foram descritas três atividades, aqui são descritas apenas duas. Tal se sucede, porque a primeira atividade realizada no 1.º CEB que será descrita foi uma atividade que se desenvolveu durante vários dias de estágio, que acabou por ser extremamente rica, na medida em que se trabalharam várias áreas e conteúdos e que acabou por se repercutir a nível escolar, sendo partilhada com toda a comunidade escolar e envolvendo um prolongado trabalho por parte dos alunos na sua organização. É importante salientar que no planeamento destas atividades, a estagiária teve o cuidado considerar seis pressupostos: 1) as características dos alunos; 2) todos documentos norteadores das aprendizagens no 1.º CEB; 3) o tema do Relatório de Estágio; 4) as perceções dos pais/EE inquiridos; 5) a relevância dos recursos e das estratégias utilizadas, com base na revisão de literatura efetuada; 6) a adequada articulação das atividades com

os contextos em que estas foram desenvolvidas (conteúdos, datas comemorativas, ligação coerente entre atividades).

Deste modo a primeira atividade que é descrita foi organizada nos dias 13 de março de 2018 e 8, 9, 10, 11 e 14 de maio de 2018, tendo em atenção que estas eram as datas mais próximas de uma data comemorativa especial para a RAA (o dia da Autonomia dos Açores e o dia do Divino Espírito Santo). Ainda, é importante explicar que esta foi uma atividade que teve por base a construção e exploração de vários materiais, a exposição no contexto escolar, como forma de partilha do trabalho realizado e da cultura açoriana e culminou com a partilha de um lanche típico da festividade tradicional explorada. Esta atividade foi desenvolvida em diferentes momentos por vários dias, porque se teve a preocupação de manter o horário pré-estabelecido para esta turma, realizando-se cada tarefa no tempo dedicado à respetiva área trabalhada.

Relativamente à segunda atividade aqui descrita, esta foi organizada nos dias 23 e 24 de abril de 2018 nos momentos dedicados à área de Português e surgiu articulada a conteúdos previamente abordados na área de Estudo do Meio.

Por fim importa esclarecer que durante as práticas pedagógicas, por sugestão do orientador de estágio, foram adotadas algumas estratégias que fazem parte do Movimento da Escola Moderna (MEM). Segundo Santana (1993, p. 43, citado por Castilho, 2008, p. 80), este é um método de ensino no qual “a cooperação constitui, de facto, um dos pilares”, “(...) não só relativamente ao trabalho desenvolvido com alunos na sala de aula como, em homologia de processos, ao modelo de formação”. Para além disso, tendo por base este método de ensino, “[a] vida do grupo organiza-se numa experiência de democracia directa, não representativa, onde se privilegia a comunicação, a negociação e a cooperação” (Folque 1999, p. 6). De tal modo, para além da implementação dos momentos de trabalho autónomo e da criação de recursos para auxiliarem este trabalho, também a maioria das atividades que foram organizadas passaram, previamente, por debate em conjunto com a turma, dando o poder de escolha aos alunos relativamente a materiais, técnicas e formas de abordar determinados conteúdos. Deste modo os alunos puderam transmitir o seu ponto de vista e desempenhar um papel importante na organização da sua aprendizagem, tendo poder de escolha na mesma.

5.2.5.1. Descrição Reflexiva sobre a Atividade I – Redescobrimo e divulgando a autonomia e a fé açoriana

Esta primeira atividade foi desenvolvida por três etapas, por assim dizer, na medida em que os alunos tiveram momentos de realização de pesquisa, momentos de organização dessa pesquisa em grupo, momentos de construção de materiais, momentos de elaboração e apresentação da exposição e momentos de partilha. Ainda, esta foi uma atividade extremamente rica permitindo trabalhar-se várias áreas do currículo, tal como é explicitado na **Tabela 14**, em que se encontra esquematizado as áreas/competências, os objetivos e as estratégias que fizeram parte da organização desta atividade.

Tema: Redescobrimo e divulgando a autonomia e a fé açoriana	
Áreas/Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Competências (tendo por base o CREB) <ul style="list-style-type: none"> – Matemática; – Línguas; – Cidadania; – Científica e Tecnológica; – Cultural e Artística (Música); – Cultural e Artística (Plástica). • Áreas (tendo por base o currículo nacional): <ul style="list-style-type: none"> – Matemática; – Português; – Estudo do Meio; – Expressão Musical; – Expressão Plástica.
Objetivos	<p>O aluno:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Identifica pavimentações em imagens e em contexto reais do meio a que pertence; 2. Constrói pavimentações triangulares a partir de pavimentações hexagonais (e vice-versa) e pavimentações triangulares a partir de pavimentações retangulares; 3. Monta com facilidade o puzzle do brasão de armas dos Açores; 4. Procura interpretar o significado dos elementos que compõem este brasão; 5. Compreende o sentido de algumas das expressões do hino dos Açores; 6. Reconhece e identifica as rimas do poema; 7. Compreende os diferentes tons e compassos da música; 8. Organiza as letras sem grandes dificuldades, para descobrir a mensagem secreta; 9. Compreende a importância da reciclagem de materiais; 10. Demonstrar sentido estético e limpeza na realização das atividades de plástica; 11. Interpreta os textos informativos e sintetizar as ideias principais; 12. Demonstra organização coerente da informação no cartaz; 13. Compreende e transmite os conhecimentos sobre os aspetos da cultura açoriana que apresentou na elaboração do cartaz. 14. Cooperar com os colegas; 15. É capaz de dividir tarefas; 16. É responsável na realização do que se propôs fazer; 17. Reconhece o significado das tradições exploradas, associando-lhes valores como partilha, por exemplo); 18. Compreende a importância de transmitir esta tradição açoriana à restante comunidade escolar; 19. Refere exemplos de manifestações culturais açorianas que tenha presenciados;

Estratégias (Momentos da Atividade e Recursos)	<ul style="list-style-type: none"> • Momento de introdução de conteúdos matemáticos novos (frisos geométricos), através de uma dinâmica de cartões com imagens reais de frisos presentes em elementos arquitetónicos em São Miguel (como calçada, por exemplo); • Proposta de construção de frisos com o intuito de decorar o quarto em honra do Divino Espírito Santo (note-se que este foi um assunto que já tinha sido proposto anteriormente aos alunos, com o intuito de compreender se a temática lhes agradava); • Apresentação de modelos de frisos, organização dos tópicos principais para toda esta atividade e atividade individual de construção dos frisos; • Momento de montagem de puzzle, pelos alunos, por forma de descobrir a imagem do brasão de armas dos Açores; • Colagem do brasão numa capa (construída com uma folha branca A3 dobrada) e interpretação, em grande grupo, dos significados dos elementos constituintes desse brasão, questionando as crianças previamente sobre as suas conceções; • Momento organizado a pares, de decifrar mensagem, por forma de formar um dos 7 dons do Divino Espírito Santo e, posterior colagem numa fita de papel colorido brilhante; • Momento de construção de três modelos de flores, com materiais reciclados, cartolina e papel crespo, para decorar o quarto em honra do Divino Espírito Santo; • Interpretação de textos informativos e síntese das ideias principais para construção de cartazes para afixar na exposição (trabalho de grupo). • Momento de divisão de tarefas; • Momento de decoração e elaboração do quarto em honra do Divino Espírito Santo; • Apresentação do quarto e explicação da tradição e dos símbolos, pelas crianças, à coordenadora da escola em que foi realizado o estágio pedagógico. • Momento de explicação e partilha do lanche (massa sovada e arroz doce) em hora do Divino Espírito Santo.
---	--

Tabela 14: Áreas/Competências, Objetivos e Estratégias da atividade I organizada no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Esta foi uma atividade que foi organizada tendo em conta o meio onde a escola se situa, tendo em conta as perceções obtidas pelos inquiridos por questionário realizados aos pais/EE e procurando remeter para a temática deste Relatório de Estágio. Ou seja teve-se em atenção que o meio, onde esta escola se insere, ser um meio fortemente demarcado pela tradição açoriana onde anualmente se realizam impérios em honra do Divino Espírito Santo. Considerou-se também o facto de serem vários os pais/EE inquiridos que destacaram como aspeto cultural importante as festividades (como por exemplo o inquirido 4 – 1.º CEB, que referiu ser importante estudar “[a] origem das festas tradicionais”). Alguns pais/EE chegaram inclusive a fazer mesmo referência às festividades organizadas em torno do Divino Espírito Santo referindo, ser importante abordarem-se “[a]s nossas tradições como o culto ao Espírito Santo” (Inquirido 12 – PE). Ainda houveram pais/EE, como por exemplo o Inquirido 12 –

PE que referiu ser importantes trabalhar nas escolas “(...) os valores transmitidos nas festas do Divino Espírito Santo como a partilha, a união, a fé, etc.”.

Assim, tendo por base estes aspetos, propôs-se aos alunos, como forma de permitir que estes tenham poder de opinar e como forma de entender o seu interesse, a realização de um trabalho de pesquisa, construção de materiais e elaboração de uma exposição tendo por base a aproximação do dia da Autonomia dos Açores e do DES. Importa reforçar que todo o conjunto de tarefas que foram realizadas pelos alunos, foram pensadas pela estagiária, sempre em articulação com as várias áreas e os vários conteúdos propostos no currículo que estava a ser trabalhado.

Deste modo, esta atividade iniciou-se com um momento introdutório (**Figura 14**), onde a estagiária em conjunto com os alunos, esquematizou os tópicos principais que deveriam ser abordados quando se fala das festividades em honra do DES. Seguidamente, foi introduzido o conteúdo de Matemática que diz respeito às pavimentações do espaço, sendo que, para tal, os alunos tiveram de identificar exemplos de pavimentações e de frisos presentes em elementos arquitetónicos de São Miguel representados em imagens reais (de calçadas, por exemplo) que os alunos foram recebendo aleatoriamente. Neste momento, a estagiária apresentou, afixando no quadro, alguns modelos de frisos contruídos com triângulos, retângulos e hexágonos, tal não fosse este um dos conteúdos propostos para o 4.º ano do 1.º CEB no *Programa e Metas Curriculares de Matemática do Ensino Básico*. Neste documento está explicitado que o aluno deve “[r]econhecer pavimentações do plano por triângulos, retângulos e hexágonos, identificar as que utilizam apenas polígonos regulares e reconhecer que o plano pode ser pavimentado de outros modos” (Damião *et al.*, 2013, p. 26). Este documento menciona também que o aluno deve “[c]onstruir pavimentações triangulares a partir de pavimentações hexagonais (e vice-versa) e pavimentações triangulares a partir de pavimentações retangulares” (Damião *et al.*, 2013, p. 26).

Com base neste pressuposto e como forma de se construir uma decoração para o quarto em honra do Divino Espírito Santo, os alunos, individualmente tiveram de traçar as figuras geométricas com as respetivas medidas, em papel laminado com as cores que os alunos associaram às cores da bandeira e da coroa do DES (dourado, vermelho e prateado). Posteriormente estas foram recortadas e com as mesmas, os alunos tiveram de montar e colar o seu friso numa folha branca de papel A3 (**Figura 14**). Ainda é importante referir que esta foi uma estratégia um tanto favorável, pois permitiu abordar de forma lúdica e prática este conteúdo de Matemática.



Figura 14: Fotos do momento de esquematização dos tópicos principais da cultura açoriana a serem trabalhados e de construção dos frisos geométricos.

Após a análise das percepções dos pais/EE inquiridos aquando do estudo realizado foi possível notar a menção, por parte de alguns relativamente à importância das crianças e dos alunos conhecerem as bandeiras da região, como por exemplo a resposta do Inquirido 4 – PE (“A gastronomia, as bandeiras, as nossas tradições”, quando questionado sobre que aspetos deveriam ser contemplados nas escolas. Tendo tal opinião em consideração e como forma de dar a conhecer as especificidades do meio local, foi proposto pela estagiária aos alunos a montagem de um puzzle que, depois de devidamente montado, constituía o Brasão de Armas dos Açores (**Figura 15**). Após a montagem deste, na qual a maioria dos alunos não apresentou grandes dificuldades, este foi colado numa folha branca A3, dobrada ao meio, como forma de construir uma capa onde se iria registar a sua interpretação. Então, procedeu-se, em grupo, à interpretação deste brasão, recolhendo, previamente as conceções dos alunos sobre os elementos que o constituem. Este foi um momento extremamente rico, pois, apesar de a maioria dos alunos não ter conhecimento deste brasão, grande parte conseguiu associar à realidade açoriana (que conheciam) alguns dos elementos representados. Por exemplo, houve alunos que associaram os toiros presentes no brasão à tradição açoriana das touradas, ou alunos que associaram a pomba branca à pomba símbolo

do DES; ou ainda, que associaram a ave, que se encontra no centro do brasão, ao açor, ave que representa os Açores. A esta exploração e registo, seguiu-se a exploração da letra do hino dos Açores, rebuscando-se, deste modo parte da história da Autonomia dos Açores.



Figura 15: Fotos do momento de montagem do puzzle do brasão, respetiva exploração e exploração do hino dos Açores.

Uma vez explorada a história subjacente ao dia da Autonomia dos Açores e conscientes de que “o jogo promove o desenvolvimento cognitivo, capacidade verbal, produção divergente, habilidades manipulativas, resolução de problemas, processos mentais, capacidade de processar informação” (Rubin, Fein & Vandenberg, 1983, citados por Neto, 2001, p. 195), a estagiária distribuiu a cada par de alunos um envelope com uma mensagem mistério, simulando-se o tradicional jogo da força em que cada par teria de descobrir uma palavra ou mensagem. No final, cada par formulou um dos 7 dons do DES que posteriormente colou em fitas de papel laminado dourado, para utilizar na decoração do quarto em honra do DES (**Figura 16**). Apesar de estar envolta aqui a vertente religiosa, note-se que esta atividade foi pensada como forma de estimular por parte dos alunos valores associados a esta tradição açoriana, como por exemplo o respeito e a partilha.



Figura 16: Fotos do momento de descoberta e exploração dos Dons do Divino Espírito Santo.

Nas aulas de expressão plástica, a estagiária propôs aos alunos construção de flores de papel, como forma de relembrar a importância do reaproveitamento de materiais, utilizando-se materiais simples (folhas de papel rosa, verde e vermelho, guardanapos de papel brancos, paus de espetada e cola batom) e apelando para as tradições antigas em que alguns dos quartos em honra do DES eram decorados com flores de papel. Assim, os alunos em conjunto tiveram de selecionar de entre três modelos de flores, a que pretendiam construir. Seguidamente, através de moldes, recorrendo ao recorte, dobragens e colagens, os alunos foram contruindo as flores que iriam ornamentar o quarto em honra do DES (**Figura 17**). Esta foi uma atividade que teve muito sucesso, pois os a maioria dos alunos acabou por querer construir mais do que um modelo de flor, sendo notório o entusiasmo destes pelo facto de ter noção de que o seu trabalho iria ser valorizado e exposto perto de toda a comunidade escolar. Para além disso, esta atividade de exploração plástica com componente mais prática foi uma das estratégias implementadas tendo em conta uma especificidade que foi observada nesta turma, na qual foi notória a fragilidade aquando da realização de tarefas manuais devido ao pouco tempo dedicado às mesmas.



Figura 17: Fotos do momento de construção das flores para decoração do quarto em honra do Divino Espírito Santo.

O momento que se seguiu a este, consistiu num momento dedicado a trabalho de grupo, no qual os alunos, em grupos de quatro elementos, tiveram de elaborar cartazes com base na interpretação de textos informativos, sintetizando as ideias principais (**Figura 18**). Esta foi uma estratégia baseada em dois pressupostos: em primeiro lugar procurou-se organizar mais momentos de trabalho de grupo ao longo do EP, pois pouco era o tempo dedicado por esta turma ao trabalho de grupo, refletindo-se em frequentes desentendimentos por parte dos membros da turma; e, em segundo lugar, teve-se por base a consciencialização da importância deste tipo de trabalho, tal como Pato (1995, p. 9) corrobora, “o trabalho de grupo coloca cada aluno em relação dinâmica com outros saberes, outras técnicas, outros modos de agir e de reagir”. Este foi, ainda, um momento que consistiu no culminar de todo o trabalho elaborado até então e que permitiu os alunos consolidarem todos os conhecimentos relacionados com a tradição cultural das festividades do DES.



Figura 18: Fotos do Momento de construção dos cartazes sobre as tradições açorianas exploradas.

De tal forma, nos cartazes construídos (**Figura 19**), os alunos registaram aspetos como o Divino Espírito Santo (“O que é?”, “Símbolos”, “Quando surgiu o culto?”, “Tradições”, “Os 7 dons” e “Sentimentos”) e como a Autonomia dos Açores (“O que é o dia da Autonomia dos Açores?”, “Porque é que o dia da autonomia é comemorado no dia do Espírito Santo?” e “Brasão”).

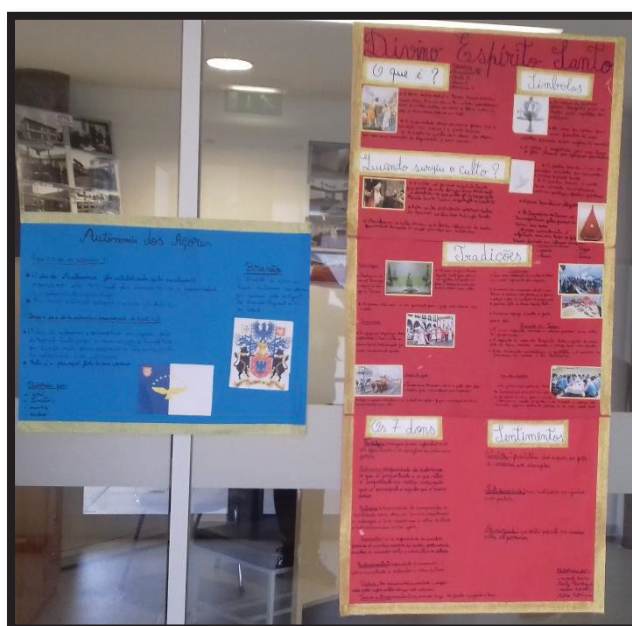


Figura 19: Cartazes finalizados e expostos no hall de entrada.

A este momento, seguiram-se instantes extremamente importantes no fomento do trabalho de equipa, da cooperação, do respeito e da partilha entre os alunos. Tal foi possível observar aquando da chegada a um consenso na divisão de tarefas por parte dos alunos aquando do transporte dos materiais para o hall de entrada para organização da exposição e aquando da própria organização da mesma e da montagem do quarto em honra do DES (**Figura 20**). Assim, de um modo geral, todos os alunos se organizaram afixando os cartazes, decorando a parede com os frisos por eles construídos, decorando o chão do quarto com verduras e montando o altar onde iriam colocar a coroa e a bandeira do Divino Espírito Santo construídas artesanalmente pela estagiária (note-se que por falta de tempo, estes materiais tiveram de ser previamente contruídos pela estagiária que, também, em casa, confeccionou o arroz doce) (**Figura 21**).



Figura 20: Fotos da elaboração da exposição e do quarto em honra do Divino Espírito Santo.



Figura 21: Fotos de materiais previamente construídos e arroz doce previamente confeccionado pela estagiária.

Após a exposição e o quarto em honra do Divino Espírito Santo (**Figura 21**) estarem prontos, os alunos organizaram e distribuíram um lanche em honra do Divino Espírito Santo a 3 turmas da respetiva escola, nas quais se encontravam a estagiar outras colegas da estagiária.



Figura 22: Foto do quarto em honra do Divino Espírito Santo finalizado.

Mas ainda antes da distribuição deste lanche, o convite às respetivas turmas foi feito oralmente pelas crianças (e as respetivas estagiárias e professoras cooperantes foram previamente informadas do dia que se iria realizar o lanche). O lanche foi organizada, porque assim o tempo o permitiu, no espaço exterior do recreio da escola, sendo que a turma cantou para as turmas convidadas o hino dos Açores e um dos alunos explicou o motivo de se ter elaborado tal lanche, referindo a importância da partilha que aprendemos

com as festividades açorianas e das quais é exemplo as festas em louvor do DES. Este aluno, ainda, convidou a que todos os alunos passassem a palavra da importância da tradição açoriana e que estavam convidados a visitar a exposição realizada no hall de entrada.



Figura 23: Fotos do momento de partilha do lanche (massa sovada e arroz doce) em honra do Divino Espírito Santo.

Em suma, esta foi uma atividade que acabou por se repercutir a nível global no contexto da escola em que o estágio foi realizado e, tal foi o seu impacto e inovação, que a pedido da coordenadora da escola, a exposição foi mantida até ao final do estágio pedagógico. Para além disso, com esta atividade foi possível promover uma variada interdisciplinaridade entre as demais áreas e conteúdos curriculares, partindo de um dos temas orientadores do CREB, a Açorianidade, e explorando competências e conteúdos nas demais áreas como Matemática, Português, Expressão Musical e Expressão Plástica. Ainda, com esta atividade, os alunos puderam desenvolver competências subjacentes à área de Cidadania, nomeadamente explorando o passado cultural açoriano, ou seja o passado e a tradição do meio em que estão inseridos. Em termos pessoais e de relacionamento, foi notória a evolução por parte destes alunos na execução das tarefas, na medida em que estes foram capazes de cooperar com cada vez menos conflitos, respeitando os seus colegas e demonstrado capacidade de aceitar a divisão de tarefas, como foi possível observar). Por fim, importa referir que também o facto de estes alunos

poderem transmitir os seus conhecimentos e poderem partilhar todo o trabalho que elaboraram aquando da exploração das tradições açorianas, permitiu, não só, estes se sentirem valorizados e empenhados na realização do seu trabalho, mas também, divulgar por parte de outros alunos, auxiliares e por parte dos próprios pais/EE as aprendizagens e os valores que apreenderem através do estudo das tradições da cultura açoriana.

5.2.5.2. Descrição Reflexiva sobre a Atividade II – À Descoberta do Património Natural de São Miguel

A segunda atividade que seguidamente é descrita, consistiu na construção de guiões sobre alguns exemplos de Património Natural da ilha de São Miguel e surgiu com o intuito de se estabelecer uma ligação entre conteúdos anteriormente abordados pelos alunos, como forma de os consolidar e transmitir aos alunos exemplos próximos do meio a de que estes alunos fazem parte. Esta foi uma atividade onde se viram trabalhadas, uma vez mais, diversas áreas, nomeadamente Português, Cidadania e Estudo do Meio, tal como é apresentado na **Tabela 15**, que segue abaixo.

Tema: Redescobrimo e divulgando a autonomia e a fé açoriana	
Áreas/Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Competências (tendo por base o CREB) <ul style="list-style-type: none"> – Línguas; – Cidadania; – Científica e Tecnológica; • Áreas (tendo por base o currículo nacional): <ul style="list-style-type: none"> – Matemática; – Português; – Estudo do Meio;
Objetivos	<p>O aluno:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Relembra alguns dos tipos de relevo estudados, identificando algumas características; 2. Identifica, nas imagens, alguns dos locais que constituem Património Natural de São Miguel; 3. É capaz de interpretar e selecionar a informação que mais relevante do texto informativo; 4. Demonstra compreender a importância económica e turística do Património Natural de São Miguel, dando exemplos de atividades que ai se realizem; 5. Demonstra compreender a importância da preservação do Património Natural. 6. Cooperar com os colegas e debate as suas ideias; 7. É capaz de dividir tarefas durante o trabalho de grupo; 8. Expressa oralmente as suas ideias com clareza.

Estratégias (Momentos da Atividade e Recursos)	<ul style="list-style-type: none"> • Momento introdutório em que foram lembrados os tipos de relevos existentes em Portugal e nos Açores, abordados na área de Estudo do Meio; • Apresentação de imagens reais de exemplos de Património Natural de São Miguel e questionamento dos alunos sobre o conhecimento que estes têm ou não destes lugares; • Posterior explicação das dúvidas dos alunos, localizando os respetivos lugares no mapa e identificando os tipos de relevo apresentados. • Momento de, em grupos, os alunos selecionarem uma das imagens representativas do Património Natural de São Miguel. • Proposta de atividade de investigação, com base em textos informativos, sobre as características principais desse património. • Elaboração, em grupos, com base na pesquisa, de um guião intitulado “À Descoberta do Património Natural de São Miguel”. • Apresentação, em grupo para a restante turma, do guião elaborado relativamente ao Património Natural que exploraram (apresentando sobre este Património Natural o nome, a localização, as suas características, a sua história, importância e utilidade, formas de o preservar e algumas imagens do mesmo).
---	--

Tabela 15: Áreas/Competências, Objetivos e Estratégias da atividade II organizada no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Em primeiro lugar, importa referir que na base desta atividade esteve presente a intenção de lembrar conteúdos previamente abordados pelos alunos, como forma de consolidação e, ao mesmo tempo, procurar fazer alusão à temática do Relatório de Estágio. Conscientes de que a Cidadania apela para a importância de se educar os alunos para compreenderem o meio em que vivem, a fim de adotarem “formas de cidadania críticas, responsáveis e activas, onde se pode incluir a gestão sustentável dos recursos naturais”, pretendeu-se, ainda, com esta atividade fomentar, não só o conhecimento dos alunos sobre alguns locais naturais de São Miguel e potencialidades económicas dos mesmos, mas também, contribuir para que os alunos desenvolvam valores de Cidadania direcionados para a preservação do Património Natural próximo. Ainda na base da seleção desta temática esteve a importância que alguns pais/EE dão ao facto dos alunos terem conhecimento das potencialidades que a natureza açoriana possui, tal como o Inquirido 17 – PE, ao ser questionado sobre que aspetos da cultura açoriana devem ser trabalhados na escola, refere “(...) é importante dar a conhecer a importância do que vem do mar e da terra e da influência que isto tem na nossa economia. Terra vulcânica, fazer cozido usando este benefício”.

Assim, esta atividade iniciou-se com um momento introdutório em que a estagiária afixou no quadro algumas imagens reais em tamanho A4 de exemplos de relevo de Portugal e de São Miguel (**Figura 24**), questionando os alunos sobre que tipos de relevos se tratavam. Após isto, foram sendo apresentadas um outro conjunto

de seis imagens (**Figura 25**) de alguns exemplos de Património Natural de São Miguel, continuando na mesma lógica e questionando os alunos sobre o conhecimento que possuíam desses mesmos locais. Aqui foi claramente notório que a maioria dos alunos reconheceu grande parte das imagens, associando a estas experiências e recordações, ouvindo-se, por exemplo, alguns alunos mencionarem “Já estive ai, andei num barco que se pedala” ou “Fazem ai cozidos, já fui uma vez com meus pais e fizemos e comemos cozido dai”.



Figura 24: Momento de relembrar de conhecimentos sobre tipos de relevo partindo de imagens reais exemplificativas.



Figura 25: Imagens que foram exploradas pelos alunos como exemplos de Património Natural de São Miguel.

Partindo destas últimas seis imagens, foi proposto aos alunos que, em grupos, escolhessem uma das imagens e, através da interpretação de um texto informativo sobre

os respetivos locais, elaborassem um guião. No entanto, antes destes procederem ao preenchimento do guião, a estagiária, com o intuito de tentar fazer com que os alunos compreendem-se que aspetos são importantes mencionar quando se apresenta determinado local a alguém que não o conhece, questionou os alunos exatamente sobre isso. Ou seja, questionaram-se os alunos sobre que aspetos eles consideravam relevantes referir quando apresentavam os locais de São Miguel a um turista, por exemplo. Também, facilmente, a maioria dos alunos referiu que seria importante, a quem não conhecer esses lugares, apresenta-los referido o nome pelo qual são conhecidos, o que aí se faz ou que utilidade têm, o porquê de receberem determinados nomes e a sua localização. Foi notório que, de um modo geral, praticamente nenhum aluno referiu ser importante preservar esses mesmos locais. Assim, tendo por base as conceções prévias dos alunos, foi-se introduzindo o guião, do qual segue um exemplo (**Figura 26**) parcialmente preenchido por um grupo, como forma de se ter uma ideia do que se tratou.

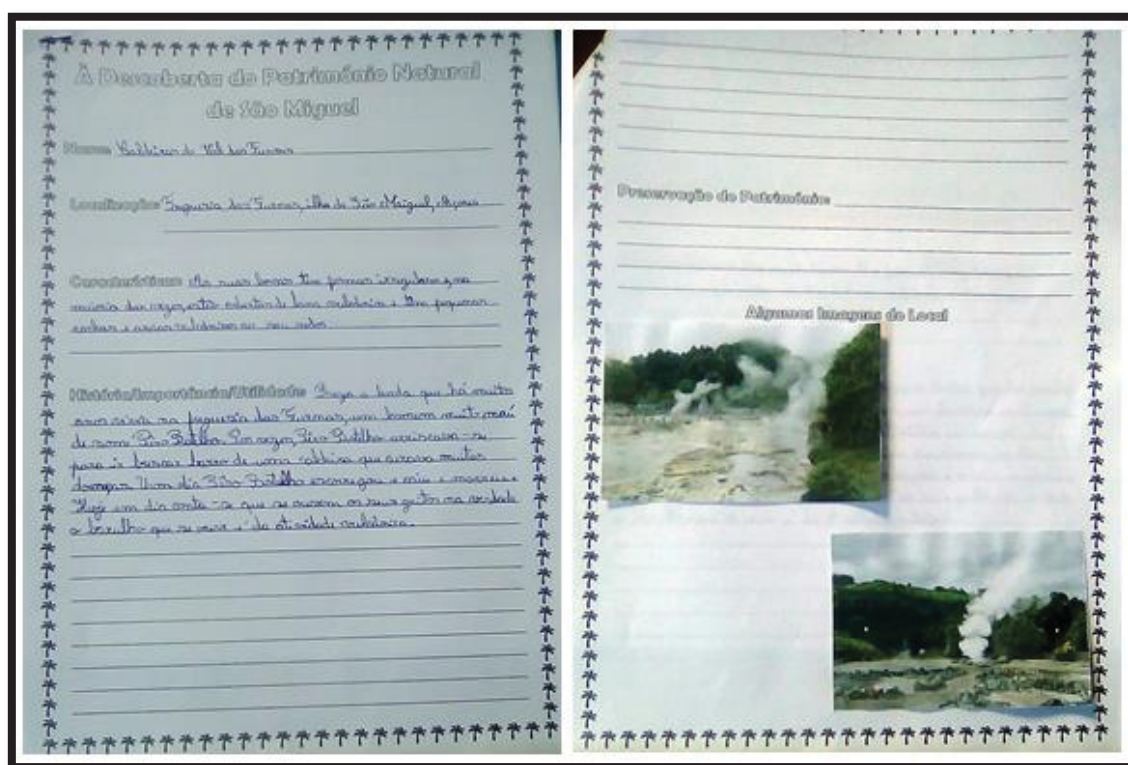


Figura 26: Exemplo de guião "À Descoberta do Património Natural de São Miguel".

Por fim, após finalizados os respetivos guiões (que foram previamente escritos numa folha de rascunho e posteriormente passados para o guião original), cada grupo organizou a sua apresentação, dividindo o que cada elemento iria apresentar e apresentou o Património Natural sobre o qual elaborou o seu trabalho.

Aqui importa referir que, para além do que já foi mencionado, os alunos tiveram a possibilidade de conviver com um tipo de texto diferente daquele a que estavam acostumados, as lendas. Segundo Madureira (2012, citado por Machado, 2014, p. 12), “as lendas transmitem imagens e representações de um povo e de uma nação, associando a um espaço imaginário e fantasioso em relação com a realidade, ajudando assim na construção de uma identidade nacional através do meio transmissão”. Assim, esta foi uma estratégia selecionada com o objetivo de estimular o imaginário dos alunos e a sua curiosidade em procurar conhecer mais sobre a identidade do povo açoriano que, de certo modo, é transmitida através destes textos. Foi clara a riqueza das aprendizagens que foram proporcionadas através desta atividade, quer sejam sobre o Património Natural de São Miguel, que faz parte da cultura açoriana, quer seja pela aquisição de conhecimentos sobre a importância deste património, ou até mesmo pelo desenvolvimento de atitudes de cooperação e trabalho de equipa que se manifestaram aquando do trabalho de grupo. No final desta atividade, ficou ainda claro que os alunos obtiveram conhecimentos relativamente a atitudes a ter enquanto cidadãos ativos para contribuir para a preservação deste património, atitudes estas que anteriormente os alunos não detinham, pois nem o próprio significado de “preservação” dominavam. Com tudo isto, foi possível estabelecer articulação entre diversos conteúdos de Português (como interpretação de texto, escrita e discurso oral), de Cidadania e da cultura açoriana, sendo possível ainda, ter rebuscado conteúdos como os tipos de relevo e as atividades económicas anteriormente abordadas pelos alunos.

Considerações Finais

Uma vez chegada à reta final deste documento, importa refletir sobre os principais desígnios e materializações deste Relatório de Estágio, sobre todo o processo de estágio pedagógico e sobre as aprendizagens desenvolvidas.

Atualmente, no contexto escolar, quer seja na educação Pré-Escolar, quer seja no 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) é notória a grande preocupação por parte dos educadores e professores em procurar abranger ao máximo todos os conteúdos propostos pelos documentos norteadores das aprendizagens nestes níveis de ensino. É clara a preocupação em atingir as metas propostas e em cumprir todos os objetivos. É, de igual forma, notória a inquietação em formar crianças e alunos que dominem, o mais completo possível, esses conteúdos e essas aprendizagens. Contudo, por entre tantas preocupações, muitas vezes, não é dedicado o devido tempo à exploração da cultura própria de determinado local e da cidadania. De igual forma, esta situação tem sido vislumbrada até há bem pouco tempo, refletindo algumas evoluções com a criação do Referencial Curricular para a Educação Básica nos Açores ou Currículo Regional da Educação Básica (CREB), que visa uma maior valorização da cultura e da realidade açorianas. Para além disso é evidente que educação e cidadania admitem uma relação intrínseca comprovada no currículo. No caso do Pré-Escolar, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016) vislumbram uma educação para a cidadania assentada no desenvolvimento de atitudes valores e espírito crítico que poderão surgir a partir de temas transversais. Já no 1.º CEB, pela análise dos programas, é notória a importância atribuída à integração curricular através da cidadania como área transversal a todas as áreas do currículo. Assim, é da responsabilidade do educador e do professor proceder a uma gestão ponderada do currículo, procurando promover aprendizagens significativas e contextualizadas por parte das crianças e alunos, tendo em consideração a realidade destas crianças e destes alunos, bem como a sua cultura e relação com a comunidade como forma de estimular o desenvolvimento dos mesmos enquanto futuros cidadãos ativos, críticos e intervenientes na sua sociedade e na sua cultura.

Conscientes desta realidade, este Relatório de Estágio teve o intuito de enfatizar e procurar valorizar a cultura açoriana e a educação para a Cidadania no contexto escolar, procurando, através do trabalho dos conteúdos propostos nos programas, fazer referência e valorizar as características do meio local e da cultura açoriana. Para além disso, este

Relatório visou o esclarecimento da relação que pode ser estabelecida entre cultura açoriana, educação e cidadania. Esta conexão é manifestada através da possibilidade de se educar para a cidadania partindo da cultura açoriana, uma vez que esta última desempenha um papel extremamente importante na transmissão de noções de cidadania.

É certo que, dada a contingência relativamente ao número de páginas deste Relatório, nem todo o trabalho realizado pôde ser aqui espelhado. Deste modo foram apenas salientadas algumas das atividades que permitiram o desenvolvimento da Formação Pessoal e Social das crianças no Pré-Escolar e da Cidadania dos alunos no 1.º CEB, apelando sempre ao conhecimento da cultura açoriana.

Como forma de analisar e compreender a importância que a cultura açoriana desempenha na vida das crianças e dos alunos dos níveis de ensino onde foram realizados os estágios pedagógicos (EP), procurou-se recolher perceções perto dos pais/encarregados de educação (EE) destas crianças e destes alunos das escolas onde se realizaram os respetivos estágios. Este estudo foi realizado através de inquéritos por questionário que permitiram perceber que todos os pais/EE inquiridos convivem e tentam fazer com que os seus filhos/educandos lidem com manifestações culturais açorianas, considerando de extrema importância para a formação dos seus filhos/educandos a presença da cultura açoriana e o estudo do património cultural açoriano nas escolas. Este estudo realizado permitiu, ainda, perceber que aspetos culturais os pais/EE inquiridos consideram mais importantes de serem trabalhados nas escolas e que valores e atitudes, estes pais/EE consideram estar associados à cultura açoriana. Em suma, este foi um estudo que permitiu orientar as ações pedagógicas, visando a integração curricular e a transversalidade, com intuito de transmitir valores presentes na cultura açoriana como por exemplo partilha, respeito, solidariedade importantes no desenvolvimento das crianças e dos alunos.

Através das ponderações sobre as nossas práticas pedagógicas foi possível compreender a perfeita articulação estabelecida entre o cumprimento dos conteúdos propostos nos programas e a cultura açoriana e conteúdos próprios de cidadania e a articulação entre conteúdos de variadas áreas/domínios. Esta articulação foi conseguida através da preponderância de características próprias da conceção de interdisciplinaridade, tais como: dimensão da integração de experiências, integração do

conhecimento (Pombo 1994), integração social (Beane, 2003), integração das áreas curriculares, integração dos alunos (Alonso, 2001).

Ainda com base nas reflexões e observações sobre as práticas pedagógicas foi possível concluir que, tanto no Pré-Escolar, como no 1.º CEB, os objetivos que nos propusemos desenvolver foram concretizados de forma bastante positiva. Inicialmente, no Pré-Escolar deparámo-nos com crianças que tinham conhecimento sobre determinadas manifestações da cultura açoriana, mas que não compreendiam o verdadeiro sentido e significado destas. Para além disso, estas eram crianças que em termos relacionais, por vezes, apresentavam alguns conflitos em termos de partilha para com os colegas. Tal foi colmatado ao longo do EP, estimulando ricos momentos de aprendizagem sobre a cultura açoriana, sobre a importância da partilha e sobre o respeito pelos que fazem parte da sociedade e, no caso destas crianças, do grupo e da comunidade escolar a que pertenciam. Os resultados evidenciaram-se inclusive em simples momentos da rotina destas crianças, através de um maior respeito em momentos de trabalho autónomo, por exemplo, em que era notória a aceitação das crianças em partilhar determinados materiais, não existindo já grandes conflitos como anteriormente.

Também no 1.º CEB foi clara a adequada concretização dos objetivos propostos. Neste nível de ensino, os alunos também tinham o costume de participar em algumas manifestações de carácter cultural açoriano, mas nunca tinham assimilado e explorado o verdadeiro significado e importância das mesmas. Ao longo das intervenções pedagógicas foi clara a evolução neste sentido, pois os alunos começaram, por si mesmos, a demonstrar maior interesse em procurar compreender como alguns dos costumes, tradições e festividades tinham surgido, que valores se poderiam aprender com estes e, por si mesmos, começaram a divulgar as suas aprendizagens, com alunos de outras turmas, nos momentos de recreio ou de acolhimento (em que os alunos realizavam partilhas de diversas naturezas). Por fim, em termos de aceitação e compreensão das especificidades e dificuldades de cada elemento da turma, estes alunos demonstraram grandes evoluções, facilitadas pelos ricos momentos de trabalho de grupo, de pesquisa e de colaboração que foram possibilitados através da articulação dos conteúdos propostos pelos programas com a cultura açoriana e a educação para a cidadania.

Como forma de manifestar ainda algumas considerações finais relativamente a todo o trabalho desenvolvido que culminou neste Relatório de Estágio, consideramos

importante mencionar a perspectiva de alguns autores que, de certo modo, vão ao encontro daquilo que pudemos apreender por experiência própria. Em primeiro lugar é importante referir que foi possível concluir que a tarefa da escola é dar “seiva e vitalidade ao potencial cultural da comunidade em que se situa” (Severino, citado por Marcelino 2007, p. 12), devendo partir da realidade local como forma de expandir os conhecimentos dos alunos. Neste sentido, é fundamental “fazer a escola entrar na circulação do espírito cultural da comunidade, partindo e participando d[as] suas experiências” como forma de facilitar “o desabrochar do potencial pedagógico” do património cultural (Severino, citado por Marcelino 2007, p. 12). Esta importância do estudo do património cultural e da cultura como forma de educar as crianças para a cidadania é clara, sendo também reforçada por Mendes (2009). Este autor defende a importância da utilização do património cultural como recurso didático (que foi possível confirmarmos nas práticas pedagógicas), uma vez que este património “constitui um importante meio de consolidação e concretização no processo ensino-aprendizagem, tornando-o menos livresco e mais vivo”. Mendes (2009), citando Choay (2011), chega inclusive a reforçar esta perspectiva (evidenciada aquando de todo o trabalho elaborado) e que assenta na verdadeira importância do estudo da cultura para o desenvolvimento das crianças e dos alunos a nível pessoal e social. Segundo Choay (2011, citado por Mendes 2009, p. 192), o “património tem um lugar insubstituível na educação” e, ao ser coerentemente abordado, constitui “um elemento-chave para a formação integral da pessoa, para o seu desenvolvimento emocional e [propiciar a] interação e coesão social” (Choay 2011, citado por Mendes 2009, p. 192).

No fim desta longa caminhada, importa apontar que a principal dificuldade sentida assentou essencialmente na gestão do tempo, em especial no 1.º CEB, que por vezes se notou um pouco delimitando pela preocupação em abranger todos os conteúdos propostos pelo currículo, especialmente com aproximação de épocas de avaliação. Com tudo isso, ainda assim, admitimos que todas as estratégias organizadas durante os Estágios Pedagógicos, poderão ser utilizadas por nós em contextos futuros, no que respeita à Educação para a Cidadania, pois acreditamos que esta educação para a cidadania através da cultura (neste caso açoriana), é fundamental para a formação pessoal e social das crianças e dos alunos enquanto futuros cidadãos capazes de fazer parte e intervir autonomamente e conscientemente na sociedade e em diversificados contextos, ao longo da vida. Deste modo este Relatório e todo o trabalho inerente ao mesmo, foi extremamente importante para o crescimento da estagiária em termos pessoais, enquanto cidadão e enquanto futura profissional da educação.

Referências Bibliográficas

- Afonso, M. (2005). *Construir e Viver a Cidadania em Contexto Escolar*. Lisboa: Plátano Editora.
- Ahmad, F. B. C. (2006). Educação para valores: Uma alternativa para a convivência humana. *Revista do Ministério Público do Rio Grande do Sul*, 58, 1-63.
- Albergaria, I. (2014). Pensar a Cultura d(n)os Açores. *CulturaAçores – Revista de Cultura*, 4, pp. 77-79.
- Almeida, J. (1994). *Introdução à sociologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Almeida, O. T. (2009). Açorianidade – prolongando antigas reflexões. In G. Castro, B. P. Miúdo, M. C. Carvalho (coords). *Reflexão sobre Mundividências da Açorianidade* (pp. 45 – 58). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Alonso, L. et al. (Coord.). (2011). *Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores*. Secretaria Regional da Educação e Formação: Direção Regional da Educação e Formação.
- Amado, J. (2009). Contextos Histórico Cultural de uma Arte Infantil: os Brinquedos Tradicionais Populares. In Condessa (org.). (2009). *(Re) Aprender a Brincar: Da Especificidade à Diversidade* (pp.53 – 69). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Amado, J. (1992). *Função Educativa dos Brinquedos Tradicionais Populares*. Coimbra: Clube dos Brinquedos Populares. Loureiro – Cernache.
- Amaral, C. (2009). Açorianidade, Identidade e Autonomia. In G. Castro, B. Miúdo & C. Carvalho (coords). *Reflexão sobre Mundividências da Açorianidade* (pp. 67-79). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Amaral, C. E. P. (1998). *Açorianidade e construção comunitária: a Região Autónoma dos Açores e o seu contexto: europeu e transatlântico*. Anais do Simpósio Comemorativo do Cinquentenário do Primeiro Congresso de História Catarinense e dos 250 Anos da Presença Açoriana em Santa Catarina. Brasil: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.
- Barbosa, M. (2001). *Educação do cidadão. Reconceptualização e redefinição*. Braga: Edições APPACDM Braga.
- Barbosa, M. (2006). *Educação e cidadania. Renovação da pedagogia*. Amarante: Gráfica do Norte.

- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Batista, A. (1993). Identidade e espírito do lugar in *João de Melo e a Literatura Açoriana*. Lisboa: Dom Quixote.
- Batista, J. M. D. (2012). *Contributos para uma noção de açorianidade literária*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Beane, J. (2003). Integração Curricular: a essência de uma escola democrática. *Currículo sem Fronteiras*, 3, pp. 91-110.
- Bento, P. (2000). Do lugar da educação para a cidadania no currículo. *Revista Portuguesa de Educação*, 14(1), 131-153.
- Bettencourt, J. (2013). *Conceções, comportamentos e atitudes sobre Educação Ambiental, de crianças do Pré-Escolar e do 1º Ciclo*. Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (2003). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Borba, M. A. F. (2013). *Uma Abordagem à Cultura Açoriana em Contexto de Educação Pré-Escolar e 1º CEB*. Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores.
- Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R. & Magalhães, V. F. (2015). *Programas e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Carvalho, C., Sousa, F., Pintassilgo, J. (Org.) (2005). *A Educação para a Cidadania, como dimensão transversal do currículo escolar*. Porto: Porto Editora.
- Castilho, A. (2008). *Avaliação em Educação Pré-Escolar: dos fundamentos às práticas*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Condessa, M. I., Fortuna, M. M., Castanho, M. G., Fialho, A., & Medeiros, M. R. (2009). A criança e a cultura regional açoriana: contributos de um olhar sobre o brincar. *Arquipélago – Ciências da Educação* (10), 281 – 305.
- Condessa, M. I. (2008) *REAPRENDER A BRINCAR: da especificidade à diversidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

- Condessa, I. & Fialho, A. (2010). *(Re) Aprender a brincar*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Cordeiro, C. A. C. (1998). *Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores durante a I República*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Correia, M. (2009). *A observação participante enquanto técnica de investigação*. *Pensar Enfermagem* 3 (2). Santarém: Instituto Politécnico de Santarém.
- Dias, J. R. (1997). *Os Valores no Processo Educativo e Cultural*. In M. F. Patrício, A Escola e os Valores. Porto: Porto Editora.
- Dias, M. (1999). *Métodos e Técnicas de Estudo e Elaboração de Trabalhos Científicos*. Coimbra: Minerva.
- Esteves, L., M. (1998). *Da Teoria à Prática: Educação Ambiental com as Crianças Pequenas ou O Fio da História*. Porto: Porto Editora.
- Félix, D. S. S., *A Cultura Infantil Açoriana: Um Olhar de Educadores de Infância e Professores do 1.º CEB*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Fialho, A. & Condessa, I. (2013). *(Re) Aprender a brincar: memórias de infância dos seniores das ilhas Terceira e Graciosa*. In T. Medeiros, C. Ribeiro, B. Miúdo & A. Fialho (coord.). *Envelhecer e Conviver*. Ponta Delgada: Letras lavadas edições.
- Figueiredo, C. & Silva, A. S. (1999). Educação para a cidadania no ensino básico e secundário português (1974-1999). *Inovação*, 12(1), 27-46.
- Folque, M. A. (1999). *A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar*, *Escola Moderna*, 5 (5), 5-12.
- Fonseca, J. et al. (2010). *Referencial de Cidadania- Área de Formação Pessoal e Social Área Curricular Não Disciplinar de Cidadania*. Direção Regional da Educação e Formação
- Fonseca, J. (2011). *A CIDADANIA COMO PROJECTO EDUCACIONAL: Uma Abordagem Reflexiva e Reconstitutiva*. Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O Inquérito: Teoria e Prática* (4.ª ed.). Oeiras: Celta Editora.

- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (5ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Goergen, P. (2005). Educação e valores no mundo contemporâneo. *Educação & Sociedade*, 26 (92), 983-1011.
- Henrique, M. C. et al. (1999). *Educação para a cidadania*. Lisboa: Plátano.
- Janis, I. L. (1949). O problema da validação da análise de conteúdo. In H. Lasswell & A. Kaplan. *A linguagem da política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Kishimoto, T. M. (1993). *Jogos infantis: O jogo, a criança e a educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Laraia, R. B. (2001). *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Leal, J. (1997). *Açorianidade: Literatura, Política, Etnografia*. *Etnográfica*, I (2), 191-211.
- Leite, C. (2003). Formação de professores para a cidadania. In J. Ferreira & C. Estevão (Orgs.). *A construção de uma escola cidadã. Público e privado em educação* (pp. 199-208). Braga: Externato Infante D. Henrique.
- Maçaroco, B. B. (2014). *A Educação Pré-Escolar e o 1.º CEB: Dinâmicas de Cidadania em Contextos de Práticas Curriculares e Didáticas*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Machado, A. F. F. (2014). *O potencial didático das narrativas (lendas, mitos e literatura infantil mito-simbólica) para o desenvolvimento do conhecimento e da compreensão histórica nos alunos do 1º e 2º ciclo*. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação.
- Martins, G. O. (2001). *Portugal: memória, património e cidadania*. Lisboa: Centro Nacional de Cultura.
- Marchand, H. (2001). *A educação dos valores nas escolas – ou “devem as escolas ensinar valores?”, “que valores deve a escola desenvolver nos seus alunos?”, “de que modo fazê-lo?”*. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: DGIDC.
- Matta, R. (1987). *Relativizando: uma introdução à antropologia social* (2.^a ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Medeiros, E. (2006). Currículo In. A. D. Carvalho. *Dicionário de Filosofia da Educação* (pp. 67-71). Porto: Porto Editora.
- Medeiros, E. O. (2009). *Educação, cultura(s) e cidadania*. Porto: Edições Afrontamento.
- Meneses, A. F. (2001). As histórias nacional, regional e local nos programas e manuais escolares dos ensino básico e secundário. *Arquipélago – História, 2ª serie, V*, 703-720.
- Merillas, O. F. (2003). *La educacion patrimonial: teoria y práctica en el aula, el museo e internet*. Gijón: Ediciones Trea, S. L.
- Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.
- Ministério da Educação. (2013). *Programa e Metas Curriculares de Matemática: Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Moniz, A. (2013). *Valorizando o património Cultural Regional Açoriano na Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB*. Tese de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Moreira, C. (2007). *Teorias e Práticas de Investigação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Monteiro, M. (1995). Intercâmbios e Visitas de Estudo. In Carvalho, A. D. *Novas Metodologias em Educação* (pp. 171-197). Porto: Porto Editora.
- Nacaguma, S. (2009). *A açorianidade de Vitorino Nemésio e o retorno a Physis*. Anais do SETA, 3, 870-880.

- Neto, C. (2001). Aprendizagem, desenvolvimento e jogo de actividade física. In Guedes, G. (Ed.). *Aprendizagem Motora: problemas e contextos* (pp. 193-220). Lisboa: Edições FMH
- Nogueira, C. & Silva, I. (2001). *Cidadania. Construção de novas práticas em contexto educativo*. Porto: Edições Asa.
- Pato, M. (1995). *Trabalho de Grupo no Ensino Básico – guia prático para professores*. Lisboa: Texto Editora.
- Patrício, M. F. (2006). Escola Cultural. In. A. D. Carvalho. *Dicionário de Filosofia da Educação* (pp. 144-146). Porto: Porto Editora.
- Pimentel, A. A. P. (2015). *Identidade, Globalização e Açorianidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Pinto, F. (2004) *Cidadania sistema educativo e cidade educadora*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Pires, A. M. B. M. (2009). Os Açores: Geografia ou História – eis a questão. In G. Castro, B. P. Miúdo, M. C. Carvalho (coords). *Reflexão sobre Mundivindências da Açorianidade* (pp. 37 – 44). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Pombo, O., Guimarães, H. M., & Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade: Reflexão e experiência* (2.^a ed.). Lisboa: Texto Editora.
- Praia, M. (1999). *Educação para a cidadania – teoria e práticas*. Porto: Asa.
- Quivy & Campenhoudt. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Grávida.
- Reboul, O. (1971). *A Filosofia da Educação* (A. Rocha & A. Morão Trad.). Lisboa: Edições 70. (Obra publicada em 2000).
- Reimão, C. (1996). *A Cultura enquanto suporte de identidade, de tradição e de memória*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Editora Colibri. Disponível em <http://run.unl.pt/handle/10362/6927>. Acedido a 24 de agosto de 2018.

- Reis, N. (n.d.). *A Escola E O Jogo. Uma Viagem Pelo Património Lúdico Açoriano*. Ponta Delgada: PUBLIÇOR.
- Ribeiro, A. C. (1998). *Desenvolvimento Curricular. Coleção educação hoje (7.ª ed.)*. Lisboa: Texto Editora.
- Ribeiro, L. S. (1982). *Obras I (Etnografia)*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- Ribeiro, L. S. (1983). *Obras II (História)*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- Roldão M. C. (1999). *Cidadania e currículo*. Inovação, 12(1), 9-26.
- Roldão, M. C. (1999). *Gestão Curricular: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Rousseau, J. J. (1754). *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (L. S. Machado, Trad.). São Paulo: Nova Cultural. (Obra publicada em 1991).
- Santos, C. R. (2001). Novas fronteiras e novos pactos para o património cultural. *São Paulo em perspectiva*, 15 (2), 43 – 48.
- Sequeira, M. D. (2000). *Formar leitores - O contributo da biblioteca escolar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Silva, H. (1985). *Açorianidade na Prosa de Nemésio*. Vila da Maia: Gráfica Maiadouro.
- Silva, I. L., Marques, L. , Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Titiev, M. (2002). *Introdução à Antropologia Cultural (9.ª Edição)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Torres, R. M. (1998). *As canções tradicionais portuguesas no ensino da música. Contribuição da metodologia de Zoltán Kodály*. Lisboa: Caminho.
- Tosta, S. (2011). *Antropologia e educação: Interfaces em construção e as culturas na escola*. Revista Inter-Legere, 9, 234-250.

UNESCO. <http://www.unesco.org>, 2000.

Williams, R. (1969). *Cultura e sociedade: 1780-1959*. São Paulo, Nacional.

Anexos

Anexo 1: Formulário de Consentimento Informado e modelo dos Inquéritos por questionário implementados.



**CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA
PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO (de acordo com a
Declaração de Helsínquia e a Convenção de Oviedo)**

**Investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º
Ciclo do Ensino Básico**

Autora: Sofia Amaral

O atual trabalho de investigação, intitulado *A Cultura Açoriana e a Educação para a Cidadania na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*, insere-se num estudo que decorre no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, orientado pela Professora Doutora Josélia Mafalda Ribeiro da Fonseca e tem como principal objetivo entender em que medida a cultura açoriana está presente nos programas de ensino, nos conteúdos e rotinas do Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico e de que forma esta pode contribuir para a educação para a cidadania nestes anos de ensino.

Neste estudo, serão realizadas intervenções pedagógicas com dois grupos de crianças, sendo um grupo do Pré-Escolar e outro grupo do 1º Ciclo do Ensino Básico. Sendo assim, as informações recolhidas provirão das observações realizadas durante estas intervenções, bem como da realização de uma entrevista aos professores/educadores da comunidade letiva e à entrega de questionários aos pais/educadores das crianças. Este estudo não implica quaisquer despesas ou riscos para os participantes e para a sua realização foi solicitado Parecer à Comissão de Ética da Universidade dos Açores.

Toda a informação que seja obtida será confidencial, tendo em atenção o respeito e as necessidades dos colaboradores. Também, toda a informação que possa comprometer os colaboradores deste estudo, bem como as escolas, será suprimida no Relatório de Estágio, não se fazendo uso de imagens que possam levar à identificação dos colaboradores.

A sua participação neste estudo é voluntária e a qualquer momento que queira desistir de participar no mesmo, tem total liberdade para o fazer, podendo até recusar-se a participar, sem sofrer quaisquer consequências.

Aconselho a ler a informação solicitada anteriormente e, caso encontre alguma incoerência ou considere que algo deve ser esclarecido, solicite mais informações. Caso concorde em participar neste estudo, por favor, assine este documento.

Desde já o meu agradecimento pela sua colaboração!

Assinatura de quem pede o consentimento:

Profissão: _____

Contato telefónico: _____

Endereço eletrónico: _____

Declaro que li e compreendi este documento e as informações que me foram disponibilizadas por quem organizou este estudo e assinou no campo a cima. Foi-me assegurada a livre participação neste estudo, podendo desistir sem quaisquer consequências. Assim, aceito participar neste estudo, voluntariamente, acreditando que os dados que forneço serão utilizados apenas nesta investigação e será mantida a confidencialidade e o anonimato em qualquer informação.

Nome: _____

Assinatura: _____ **Data:** _____

Nº. DE BI/CC: _____ **DATA OU VALIDADE:** _____

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO POR 2 PÁGINAS E FEITO EM DUPLICADO – UMA VIA PARA O INVESTIGADOR E OUTRA PARA O COLABORADOR NO ESTUDO



QUESTIONÁRIO – A Presença da Cultura Açoriana no Quotidiano dos Pais/Educadores e das Crianças/Alunos

Este questionário, surge no âmbito de um estudo intitulado *A Cultura Açoriana e a Educação para a Cidadania na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*, que está a ser desenvolvido aquando dos estágios pedagógicos no Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico, realizados no contexto do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade dos Açores. Este questionário visa procurar entender em que medida a cultura açoriana se faz presente no quotidiano das crianças/alunos através das respostas dadas pelos seus pais/educadores, bem como que costumes e tradições são valorizadas e que valores lhe são associados.

Resta-me agradecer, desde já a sua disponibilidade em participar deste estudo, pois o seu contributo é extremamente importante!

Sofia Amaral

Feminino

Masculino

2) Idade: _____

3) Qual a sua situação profissional?

a) Funcionário da função pública

b) Trabalhador do setor privado

c) Desempregado

d) Outra: _____

4) É natural dos Açores? (Nasceu nos Açores)

Sim

Não

– Se respondeu “sim” siga para a **questão 5)**, se respondeu “não”, passe para a **questão 6)**.

5) Em que ilha nasceu?

6) Se não nasceu em nenhuma das ilhas dos Açores, onde nasceu?

7) Onde passou a sua infância?

Numa das ilhas dos Açores Qual? _____

Em outro local que não sejam os Açores Qual? _____

8) Há quantos tempo reside nos Açores? (Responda a esta questão apenas se não tiver nascido nos Açores)

a) Há menos de 1 ano

b) Há 1 ano

c) Há 2 anos

d) Há 3 anos

e) Há 4 anos

f) Há 5 anos

g) Há mais de 5 anos Quantos anos? _____

9) O que entende por cultura?

10) Que tradições/ festividades tipicamente açorianas valoriza ou costuma participar/frequentar? (marque apenas as opções que costuma participar/frequentar)

- a) Carnaval
- b) Festivais de folclore
- c) Touradas
- d) Sopas do Divino Espírito Santo
- e) Impérios do Espírito Santo
- f) Festividades do Senhor Santo Cristo
- g) Festas dos Santos Populares (São João, São Pedro, Santo António)
- h) Carvalhadas de São Pedro (Ribeira Grande)
- i) Marchas populares
- j) Pão-por-Deus
- k) Outras: _____

11) O seu filho ou algum dos membros do agregado familiar pertence a algum grupo tradicional?

Sim Quem? _____

Não

a) Se respondeu sim, na questão anterior, a que grupo se refere?

- i) Grupo de cantares
- ii) Grupo de folclore
- iii) Grupo de marchas populares
- iv) Outro Qual? _____

12) Que gastronomia açoriana faz parte da sua alimentação (produtos ou pratos que confeciona ou costuma comer)?

- Malassadas
- Massa sovada
- Queijadas de inhame das Furnas
- Bolo Levedo
- Queijadas de Vila Franca do Campo
- Fofas da Povoação – São Miguel
- Fofas do Faial
- Cavacas de Santa Maria
- Lapas com Molho Afonso
- Arroz de Lapas
- Sopas do Espírito Santo
- Chicharros Assados ou fritos com molho verde
- Bolo da sertã
- Inhame cozido
- Milho cozido (maçaroca)
- Cozido das Furnas
- Torresmos de molho de fígado
- Alcatra
- Lacticínios Terra Nostra
- Lacticínios Nova Açores
- Licor de leite
- Licor de Maracujá
- Licor de Tangerina

- Ananás dos Açores
- Araçá dos Açores
- Figos dos Açores
- Maracujá dos Açores
- Outros Quais? _____

13) Considera importante a presença da cultura açoriana na sua vida e na vida dos seus filho(s)/educando(s)?

Sim

Não

Porquê? _____

14) Considera importante a presença da cultura açoriana nos programas de ensino nas escolas? Porquê?

Sim

Não

Porquê? _____

15) Que aspetos culturais considera que devem ser trabalhados nas escolas?

16) De que forma considera que pode ter uma participação ativa na cultura açoriana?

17) Que valores considera estarem associados à cultura açoriana, ou que esta possa desenvolver?

Anexo 2: Respostas às questões abertas dos inquiridos por questionário.

Categorização das Respostas dos Inquiridos por Questionário

Categoria 1: Conceito de Cultura

Questão: *O que entende por cultura?*

Respostas dos pais/EE do Pré-Escolar (PE)

- **Inquirido 1 – PE:** “O que entendo cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano.”
- **Inquirido 3 – PE:** “Somos nós.”
- **Inquirido 4 – PE:** “Cultura são os costumes, as tradições, a arte de cada cidade, de cada aldeia e de cada país.”
- **Inquirido 6 – PE:** “A cultura é a história de um povo que o caracteriza de forma singular no que diz respeito a usos e costumes e até mesmo tradições mantidas.”
- **Inquirido 7 – PE:** “Cultura são os nossos hábitos e tradições cada ilha tem a sua.”
- **Inquirido 8 – PE:** “A cultura é tudo aquilo que caracteriza determinado povo, os seus valores, costumes, tradições, etc.”
- **Inquirido 9 – PE:** “Cultura é as nossas tradições da nossa terra.”
- **Inquirido 10 – PE:** “São hábitos e costumes de uma determinada região e que a caracterizam por isso.”
- **Inquirido 11 – PE:** “Tudo o que faz parte dos “costumes” de uma sociedade e que deve ser passado de geração em geração.”
- **Inquirido 12 – PE:** “A cultura é a junção de vários factores como a arte, as crenças, a lei, a moral e costumes, etc. de um povo”.
- **Inquirido 15 – PE:** “São todas as tradições e hábitos de um povo.”
- **Inquirido 16 – PE:** “Cultura é a aprendizagem ao longo da vida com os estudos, vivências e culturas locais.”
- **Inquirido 17 – PE:** “Cultura é a essência que define um povo, um local, com os seus costumes e tradições que devem ser mantidos e preservados na sua essência.”

Respostas dos pais/EE do 1.º CEB

- **Inquirido 3 – 1.º CEB:** “Cultura é o que obtemos ao longo dos anos. Tradições, vestuário, costumes, etc.”
- **Inquirido 4 – 1.º CEB:** “Um conjunto de crenças, conhecimentos e costumes de um local.”
- **Inquirido 5 – 1.º CEB:** “É o conhecimento, a arte e as crenças e a moral e os costumes de uma sociedade.”
- **Inquirido 6 – 1.º CEB:** “Entendo por cultura o conhecimento, não necessariamente aprofundado, à cerca de tudo um pouco sobre tudo o que está à nossa volta e o nosso mundo.”
- **Inquirido 7 – 1.º CEB:** “Cultura é a nossa origem tudo aquilo que nós preservamos que é açoriano e deve ser divulgado.”
- **Inquirido 8 – 1.º CEB:** “A nossa cultura as nossas tradições os nossos costumes.”
- **Inquirido 9 – 1.º CEB:** “Cada país tem a sua cultura, que é influenciada por vários fatores. No caso da cultura portuguesa, o fado é património musical mais famoso, que reflete uma característica do povo português.”
- **Inquirido 10 – 1.º CEB:** “É todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, culturas os costumes e todos os hábitos adquiridos pelo ser humano no seio familiar e também na sociedade.”
- **Inquirido 13 – 1.º CEB:** “Cultura é tudo aquilo que inclui conhecimentos, artes, costumes e tradições.”
- **Inquirido 15 – 1.º CEB:** “Eu entendo por cultura, são produtos da nossa terra, Artes.”
- **Inquirido 16 – 1.º CEB:** “A cultura é o conhecimento da forma de estar dum povo.”

Categoria 2: Importância da cultura açoriana

Questão: 13. Considera importante a presença da cultura açoriana na sua vida e na vida dos seus filho(s)/educando(s)?

Respostas dos pais/EE do Pré-Escolar (PE)

- **Inquirido 1 – PE:** “A presença da cultura é sempre bom estar em nossas vidas.”
- **Inquirido 3 – PE:** “Para saberem mais sobre os nossos antepassados.”
- **Inquirido 4 – PE:** “Para saberem a sua origem.”
- **Inquirido 6 – PE:** Pois é o que identifica-nos como povo, tornando-se extremamente importante saber as nossas raízes.”
- **Inquirido 7 – PE:** “Porque faz parte do nosso dia-a-dia.”
- **Inquirido 8 – PE:** “É importante que ela conheça o que deu origem aos tempos modernos e as vivências de outrora (do tempo dos avós).”
- **Inquirido 9 – PE:** “Para ficarem a conhecer um pouco da nossa cultura.”
- **Inquirido 10 – PE:** “Porque são tradições da terra onde nascemos e que nos marcam como cidadãos.”
- **Inquirido 11 – PE:** “É uma herança que deve ser passada às gerações futuras.”
- **Inquirido 12 – PE:** “Porque há vivências e costumes que marcam a minha infância e que eu acho importante que minha filha também as vivencie.”
- **Inquirido 13 – PE:** “Porque é importante os nossos produtos.”
- **Inquirido 14 – PE:** “Para permanecer “viva” as tradições dos nossos antepassados, de modo a que saibam como eram as coisas nos nossos antepassados.”
- **Inquirido 15 – PE:** “Como Açoriano que é deve inserir-se na cultura do seu povo.”
- **Inquirido 16 – PE:** “Porque através da cultura açoriana, transmitimos valores e tradições importantes para o desenvolvimento das crianças.”
- **Inquirido 17 – PE:** “Porque define o local onde está inserido, só conhecendo poderá respeitar.”

Respostas dos pais/EE do 1.º CEB

- **Inquirido 1 – 1.º CEB:** “Porque acho que é bom para os meus filhos.”
- **Inquirido 2 – 1.º CEB:** “A geração mais nova tem que continuar com a nossa cultura.”
- **Inquirido 3 – 1.º CEB:** “Porque são coisas saudáveis que devemos transmitir.”
- **Inquirido 4 – 1.º CEB:** “Porque é importante saber as nossas tradições.”

- **Inquirido 5 – 1.º CEB:** “Para dar continuidade aos costumes e tradições Açoreanas.”
- **Inquirido 6 – 1.º CEB:** “Ajudará a formar a sua personalidade.”
- **Inquirido 7 – 1.º CEB:** “Porque devemos não esquecer as nossas tradições e preserva-las.”
- **Inquirido 8 – 1.º CEB:** “Que é importante passar as nossas culturas para manter as nossas tradições.”
- **Inquirido 9 – 1.º CEB:** “A vida é um facto que temos que viver e a cultura é uma experiencia boa para nossos filhos.”
- **Inquirido 10 – 1.º CEB:** “Porque ficamos a conhecer as nossas raízes e torna a nossa vida social muito mais abrangente.”
- **Inquirido 12 – 1.º CEB:** “Porque fui educada desta maneira.”
- **Inquirido 15 – 1.º CEB:** “Aprendem coisas da nossa terra.”
- **Inquirido 16 – 1.º CEB:** “Porque é a parte integrante das nossas vivências.”
- **Inquirido 17 – 1.º CEB:** “Para dar continuidade às tradições.”

Questão: 14. Considera importante a presença da cultura açoriana nos programas de ensino nas escolas? Porquê?

Respostas dos pais/EE do Pré-Escolar (PE)

- **Inquirido 1 – PE:** “Porque é importante haver cultura nos programas de ensino nas escolas.”
- **Inquirido 2 – PE:** “Porque é importante estudarem as suas culturas.”
- **Inquirido 3 – PE:** “Porque ficam apreender mais a nossa cultura.”
- **Inquirido 4 – PE:** “Porque da maneira que eles aprendem na escola a cultura dos outros países e também de outras cidades do nosso país também podem saber de onde vieram e a sua cultura.”
- **Inquirido 6 – PE:** “Sinceramente considero que este tema foi durante muito tempo “esquecido”, tendo verificado que recentemente tem vindo a ter mais importância no ensino. É necessário desenvolve-lo de modo a que os açorianos

saibam mais da sua história do que os turistas, que é o que acontece muito atualmente.”

- **Inquirido 7 – PE:** “Porque é uma maneira de passar de pais para filhos os nossos hábitos, festividades. Viver a nossa cultura.”
- **Inquirido 8 – PE:** “A mesma resposta dada na questão 13.”
- **Inquirido 9 – PE:** “Para conhecerem mais as coisas.”
- **Inquirido 10 – PE:** “Para dar a conhecer desde pequenos as nossas tradições e costumes.”
- **Inquirido 11 – PE:** “Porque faz parte dos nossos costumes.”
- **Inquirido 12 – PE:** “Porque é na escola que se transmite muitos dos valores, crenças, etc. de um povo ou região.”
- **Inquirido 13 – PE:** “Porque é importante aprender.”
- **Inquirido 14 – PE:** “Para que não esqueçamos as nossas tradições, fazendo uso de métodos e técnicas tradicionais no dia-a-dia escolar em uso nos nossos dias.”
- **Inquirido 15 – PE:** “Resposta na 13.”
- **Inquirido 16 – PE:** “Para que não se perca muitas tradições com valores como o respeito.”
- **Inquirido 17 – PE:** “Ver resposta anterior. Apesar do programa não ter essa atenção.”

Respostas dos pais/EE do 1.º CEB

- **Inquirido 1 – 1.º CEB:** “Porque a tradição deveria continuar.”
- **Inquirido 2 – 1.º CEB:** “Para dar a conhecer a nossa cultura é de pequenos que as crianças vão tomando o gosto.”
- **Inquirido 4 – 1.º CEB:** “Porque os nossos filhos tem de aprender a tradição do seu local.”
- **Inquirido 5 – 1.º CEB:** “É a forma de passar a nossa tradição aos mais novos.”
- **Inquirido 6 – 1.º CEB:** “Têm uma noção maior daquilo que é a sua cultura.”
- **Inquirido 7 – 1.º CEB:** “Sim porque a cultura deve ser divulgada de geração em geração.”
- **Inquirido 8 – 1.º CEB:** “Porque é importante saber as nossas raízes.”

- **Inquirido 9 – 1.º CEB:** “Porque é um ensino para todas as crianças são experiencias boas que cada criança aprende.”
- **Inquirido 10 – 1.º CEB:** “Porque temos uma cultura bastante vasta, com costumes bastante interessantes e curiosos.”
- **Inquirido 12 – 1.º CEB:** “Porque é a nossa cultura.”
- **Inquirido 15 – 1.º CEB:** “Ajuda-os a aprender mais coisas sobre a cultura Açoreana.”
- **Inquirido 16 – 1.º CEB:** “Porque deve-se partir do que é próximo para o mais distante.”
- **Inquirido 17 – 1.º CEB:** “Porque é uma mais valia para o futuro deles e manter a educação e respeitar todas as tradições.”

Categoria 3: Aspetos culturais açorianos valorizados

Questão: 10. Que tradições/festividades tipicamente açorianas valoriza ou costuma participar/frequentar?

Respostas dos pais/EE do Pré-Escolar (PE)

- a) Carnaval: 9
- b) Festivais de folclore: 3
- c) Touradas: 1
- d) Sopas do Divino Espírito Santo: 10
- e) Impérios do Divino Espírito Santo: 16
- f) Festividades do Senhor Santo Cristo: 15
- g) Festas dos Santos Populares (São João, São Pedro, Santo António): 11
- h) Carvalhadas de São Pedro (Ribeira Grande): 2
- i) Marchas populares: 6
- j) Pão-por-Deus: 4
- k) Outras: – Festas das nossas freguesias: 1

Respostas dos pais/EE do 1.º CEB

- a) Carnaval: 6

- b) Festivais de folclore: 3
- c) Touradas: 1
- d) Sopas do Divino Espírito Santo: 13
- e) Impérios do Divino Espírito Santo: 10
- f) Festividades do Senhor Santo Cristo: 12
- g) Festas dos Santos Populares (São João, São Pedro, Santo António): 6
- h) Carvalhadas de São Pedro (Ribeira Grande): 2
- i) Marchas populares: 3
- j) Pão-por-Deus: 8
- k) Outras: – Nenhumas: 1

Questão: 12. *Que gastronomia açoriana faz parte da sua alimentação (produtos ou pratos que confeciona ou costuma comer)?*

Respostas dos pais/EE do Pré-Escolar (PE)

- | | |
|--|------------------------------------|
| – Malassadas: 15 | – Milho cozido (maçaroca): 15 |
| – Massa sovada: 16 | – Cozido das Furnas: 14 |
| – Queijadas de inhame das Furnas: 2 | – Torresmos de molho de fígado: 13 |
| – Bolo Levedo: 17 | – Alcatra: 3 |
| – Queijadas de Vila Franca do Campo: 10 | – Lacticínios Terra Nostra: 12 |
| – Fofas da Povoação – São Miguel: 9 | – Lacticínios Nova Açores: 10 |
| – Fofas do Faial: 0 | – Licor de leite: 5 |
| – Cavacas de Santa Maria: 1 | – Licor de maracujá: 6 |
| – Lapas com Molho Afonso: 5 | – Licor de tangerina: 5 |
| – Arroz de Lapas: 4 | – Ananás dos Açores: 15 |
| – Sopas do Espírito Santo: 14 | – Araçá dos Açores: 12 |
| – Chicharros assados ou fritos com molho verde: 14 | |

- Bolo da sertã: 7
- Inhame cozido: 12
- Outros: 3 (1 referiu “capuchos (físalis)”, 1 referiu “arroz doce, vinho doce, queijo de cabra na folha” e 1 referiu “arroz doce, queijo São Jorge e anis”).
- Figos dos Açores: 9
- Maracujá dos Açores: 11

Respostas dos pais/EE do 1.º CEB

- Malassadas: 15
- Massa sovada: 14
- Queijadas de inhame das Furnas: 2
- Bolo Levedo: 16
- Queijadas de Vila Franca do Campo: 9
- Fofas da Povoação – São Miguel: 5
- Fofas do Faial: 0
- Cavacas de Santa Maria: 1
- Lapas com Molho Afonso: 6
- Arroz de Lapas: 8
- Sopas do Espírito Santo: 14
- Chicharros assados ou fritos com molho verde: 10
- Bolo da sertã: 2
- Inhame cozido: 13
- Outros: Laranja: 1
- Milho cozido (maçaroca): 10
- Cozido das Furnas: 14
- Torresmos de molho de fígado: 10
- Alcatra: 4
- Lacticínios Terra Nostra: 2
- Lacticínios Nova Açores: 12
- Licor de leite: 4
- Licor de maracujá: 8
- Licor de tangerina: 6
- Ananás dos Açores: 13
- Araçá dos Açores: 8
- Figos dos Açores: 6
- Maracujá dos Açores: 8

Questão: 15. *Que aspetos culturais considera que devem ser trabalhados nas escolas?*

Respostas dos pais/EE do Pré-Escolar (PE)

- **Inquirido 3 – PE:** “Todos.”
- **Inquirido 4 – PE:** “A gastronomia, as bandeiras, as nossas tradições.”
- **Inquirido 6 – PE:** “Jovens, crianças, adultos devem ter noção de como as nossas ilhas foram povoadas, que dificuldades foram sentidas, que cultivo era feito, que indumentária era vestida e porquê, etc. Fico chocada quando vejo jovens e adultos que não sabem sequer qual é a música mais típica de São Miguel, por exemplo. Também era curioso ser integrado na área escolar atividades relacionadas com artesanato e gastronomia, infelizmente já existem poucas pessoas a saber bordar, fazer boneca de milho, fazer chapéu de palha, fazer cesto de vimes... Tenho a certeza que as crianças iam ter muita facilidade em aprender, se são capazes de fazer pulseiras de elásticos, jogar em ipad outras coisas menos importantes.”
- **Inquirido 7 – PE:** “Todos os que forem permitidos e incentivar as crianças que serão os homens e as mulheres do amanhã.”
- **Inquirido 8 – PE:** “O tipo de brincadeira de outrora (sem tecnologias), a maneira como se conservava os alimentos (salga), as matanças dos porcos (sustento das famílias), as técnicas utilizadas na agricultura, o ensino antes do 25 de abril e o que mudou atualmente, o respeito pelos idosos, pelos professores etc.”
- **Inquirido 9 – PE:** “O religioso, e o cultural.”
- **Inquirido 11 – PE:** “Todos com exceção daqueles que embora sejam para diversão, reflectam sofrimento aos animais, como é o caso, das touradas.”
- **Inquirido 12 – PE:** “As nossas tradições como o culto ao Espírito Santo, as Festas do Santo Cristo dos Milagres, os santos populares etc.”
- **Inquirido 13 – PE:** “De tudo um pouco.”
- **Inquirido 14 – PE:** “Alguns tipos de alimentação (por exemplo a utilização de certas ervas para fazer chás e utilizar na culinária), as músicas tradicionais, tipo o folclore, o artesanato.”
- **Inquirido 15 – PE:** “Todos.”
- **Inquirido 16 – PE:** “Pode-se trabalhar na dança (folclore), a religião com o culto ao Divino Espírito Santo etc.”
- **Inquirido 17 – PE:** “Os possíveis dentro das limitações dos programas, e no caso da pré ainda mais. Mas é importante dar a conhecer a importância do que vem do

mar e da terra e da influência que isto tem na nossa economia. Terra vulcânica, fazer cozido usando este benefício. Grupo de cantares/folclores. Etc.”

Respostas dos pais/EE do 1.º CEB

- **Inquirido 2 – 1.º CEB:** “Desde a festas, gastronomia, o que os bisavôs e avós faziam para ter uma ideia da vida difícil que era a vida nos 20, 30, 40 até ao 25 de Abril.”
- **Inquirido 3 – 1.º CEB:** “Transmitir às crianças outros tipos de culturas para além das nossas, de modo a dar novos conhecimentos.”
- **Inquirido 4 – 1.º CEB:** “A origem das festas tradicionais.”
- **Inquirido 5 – 1.º CEB:** “Os costumes e as comidas.”
- **Inquirido 6 – 1.º CEB:** “História e tradição dos Açores.”
- **Inquirido 7 – 1.º CEB:** “Acho que a gastronomia. Incentivar os miúdos para o folclore e etc.”
- **Inquirido 8 – 1.º CEB:** “Religião, culturais e os tradicionais.”
- **Inquirido 9 – 1.º CEB:** “Os aspectos são saber mais sobre a vida cultural aprender coisas novas.”
- **Inquirido 10 – 1.º CEB:** “Sobretudo a cultura de tolerância, de aceitação e estimulação das diferenças das raças, visto que nos dias de hoje existem cada vez mais crianças de outras etnias a frequentar os nossos estabelecimentos de ensino.”
- **Inquirido 12 – 1.º CEB:** “Um pouco de tudo.”
- **Inquirido 15 – 1.º CEB:** “Pintura.”
- **Inquirido 16 – 1.º CEB:** “Folclores. Lenga-legas. Lendas.”
- **Inquirido 17 – 1.º CEB:** “Para mim todos os aspectos culturais são importantes na educação dos nossos filhos, não importa quais mas sim todos eles.”

Categoria 4: Participação ativa na cultura açoriana

Questão: 11. O seu filho ou algum dos membros do agregado familiar pertence a algum grupo tradicional?

Respostas dos pais/EE do Pré-Escolar (PE)

– Sim: 1

– Não: 16

– Quem: “A própria.”

a) *Se respondeu sim, na questão anterior, a que grupo pertence?*

i) Grupo de cantares: 0

ii) Grupo de folclore: 1

iii) Grupo de marchas populares: 0

iv) Outro: 0

Respostas dos pais/EE do 1.º CEB

– Sim: 0

– Não: 16

a) *Se respondeu sim, na questão anterior, a que grupo pertence? (Dadas as respostas obtidas na questão anterior, esta questão não teve de ser respondida).*

Questão: 16. *De que forma considera que pode ter uma participação ativa na cultura açoriana?*

Respostas dos pais/EE do Pré-Escolar (PE)

- **Inquirido 3 – PE:** “Participando neles.”
- **Inquirido 4 – PE:** “Mais aprendizagem a nível dos Arquipélagos e não só de Portugal Continental.”
- **Inquirido 6 – PE:** “Atualmente pertenço a um grupo folclórico que à partida já é uma grande contribuição uma vez que na ilha já existem poucos, também contribuo através do ensino de danças típicas a crianças num grupo infantil que existe na freguesia.”
- **Inquirido 7 – PE:** “Mostrar às nossas crianças a união dos açorianos.”
- **Inquirido 8 – PE:** “A escola deverá proporcionar atividades que envolvam os idosos da freguesia, estes partilharão os seus saberes/valores/sentimentos, demonstrando como se vivia noutros tempos e as dificuldades enfrentadas diariamente.”

- **Inquirido 9 – PE:** “Passando o conhecimento para outras pessoas.”
- **Inquirido 10 – PE:** “Participando nas atividades culturais nomeadamente na elaboração de comidas tradicionais ou eventos.”
- **Inquirido 11 – PE:** “Levando o meu educando a ir ver ou participar em festividades que façam parte da cultura açoriana.”
- **Inquirido 12 – PE:** “Assistindo e participando.”
- **Inquirido 13 – PE:** “Forma adequada.”
- **Inquirido 14 – PE:** “Ajudando a divulgar e a mostrar os produtos realizados nos Açores, aproveitando as redes sociais, divulgando e participando fotografias nos nossos sítios , a cultura e principalmente evoluir o turismo para que este tenha uma ajuda fundamental na divulgação da nossa cultura.”
- **Inquirido 15 – PE:** “Participante e assistindo.”
- **Inquirido 16 – PE:** “Visita a terras e encontros de cultura e comércio açoriano. Inserção em grupos ou associações locais.”
- **Inquirido 17 – PE:** “Primeiro conhecendo e depois dar continuidade a estas tradições, participando e ensinando aos seus descendentes.”

Respostas dos pais/EE do 1.º CEB

- **Inquirido 4 – 1.º CEB:** “Participando em grupos tradicionais de danças e cantares.”
- **Inquirido 5 – 1.º CEB:** “Mostrar como fazer as tradições antigas acompanhadas dos costumes.”
- **Inquirido 7 – 1.º CEB:** “Participando nos eventos que se realiza a nível da freguesia.”
- **Inquirido 8 – 1.º CEB:** “Participando nelas.”
- **Inquirido 9 – 1.º CEB:** “A participação vem de cada pessoa que acha o melhor da aprendizagem.”
- **Inquirido 10 – 1.º CEB:** “Num futuro, os nossos filhos se tornarão maus ricos este aspeto e tornarão a vida de muitas crianças mais felizes, visto que continua a existir ainda, demasiada discriminação.”
- **Inquirido 15 – 1.º CEB:** “Nas festas do Espírito Santo.”
- **Inquirido 16 – 1.º CEB:** “Integrando associações com vista cultural.”

Categoria 5: Valores associados à cultura açoriana

Questão: 17. Que valores considera estarem associadas à cultura açoriana, ou que esta possa desenvolver?

Respostas dos pais/EE do Pré-Escolar (PE)

- **Inquirido 3 – PE:** “Gastronomia.”
- **Inquirido 6 – PE:** “A história, gastronomia, artesanato, folclore e muitas outras atividade já neste Inquirido mencionadas podem ser desenvolvidas como sugerido no próprio ensino escolar que, na minha opinião, foi onde faltou muito nos últimos 20 ou 30 anos, com base na minha experiência própria que, se não tivesse começado no folclore aos 13 anos não saberia quase nada sobre as nossas tradições. Uma outra atividade, que também vem ao encontro da questão nº. 15 e que também devia ser desenvolvido nas escolas, é o cultivo, muito benéfico para o desenvolvimento da cultura se for enriquecedora neste âmbito através de demonstração de técnicas utilizadas na nossa região e ao mesmo tempo é um conhecimento muito útil para o futuro.”
- **Inquirido 7 – PE:** “O respeito, a educação e a formação das nossas crianças.”
- **Inquirido 8 – PE:** “Tradições culturais → transmitidas pelos mais velhos através da partilha de ideias, de atividades de expressão plástica (flores de papel, de meias, quadros, registos do Sr. Santo Cristo, bandeiras do Espírito Santo, bonecas de folha de milho, de lã...) confeção de pratos tradicionais aquando das referidas temáticas (ex.: massa sovada e arroz doce → pelo Espírito Santo).”
- **Inquirido 9 – PE:** “Simpatia, humildade, caridade.”
- **Inquirido 10 – PE:** “Valores religiosos.”
- **Inquirido 11 – PE:** “Festas religiosas, folclores, culinária...”
- **Inquirido 12 – PE:** “Por exemplo os valores transmitidos nas festas do Divino Espírito Santo como a partilha, a união, a fé, etc. são muito importantes para incumbir valores muito importantes nas crianças.”

- **Inquirido 14 – PE:** “Os valores tradicionais, pois assim não fazemos “morrer” e “esquecer” os nossos antepassados e aquilo porque eles “lutaram” para que todos conhecessem o que de bonito nós temos nos Açores.”
- **Inquirido 15 – PE:** “Acho que tudo deverá ser auto suficiente.”
- **Inquirido 16 – PE:** “Para mim o maior valor é o respeito e este está a ser perdido nas nossas crianças.”
- **Inquirido 17 – PE:** “Povo humilde e trabalhador. Povo que gosta de receber e ensinar o que lhes orgulha.”

Respostas dos pais/EE do 1.º CEB

Inquirido 4 – 1.º CEB: “A partilha, e a solidariedade.”

Inquirido 5 – 1.º CEB: “Os valores históricos das nossas origens.”

Inquirido 7 – 1.º CEB: “O Espírito Santo, a gastronomia e o folclore.”

Inquirido 8 – 1.º CEB: “A gastronomia com uma boa alimentação a cultura religiosa para manter uma parte de educação.”

Inquirido 9 – 1.º CEB: “As comidas açorianas, musicas uma das coisas que se vê mais nos Açores.”

Inquirido 10 – 1.º CEB: “A Religião. É um dos valores mais associados à nossa cultura.”

Inquirido 15 – 1.º CEB: “Agricultura, pesca.”

Inquirido 16 – 1.º CEB: “Identidade de um povo.”

Anexo 3: Ficha com imagens do ciclo do leite para ordenar (atividade II – Pré-Escolar).

O CICLO DO LEITE



Anexo 4: Hino dos Açores explorado pelos alunos (atividade I – 1.º Ciclo do Ensino Básico).

Hino dos Açores	
Deram frutos a fé e a firmeza no esplendor de um cântico novo: os Açores são a nossa certeza de traçar a glória de um povo.	Largos voos, com ardor, firmamos para que mais floresçam os ramos da vitória merecida.
Para a frente! Em comunhão, pela nossa autonomia Liberdade, Justiça e razão estão acesas no alto clarão da bandeira que nos guia.	Para a frente! Lutar, batalhar pelo passado imortal. No futuro, a luz semear, de um povo triunfal.
Para a frente! Lutar, batalhar pelo passado imortal. No futuro a luz semear, de um povo triunfal.	<hr/> <p>Letra de <i>Natália Correia</i> (19 de maio de 1979) Música de <i>Joaquim Lima</i> (música original, 1890) e <i>Teófilo Frazão</i> (adaptação, 1979)</p>
De um destino com brio alcançado colheremos mais frutos e flores; porque é esses o sentido sagrado das estrelas que coroam os Açores.	
Para a frente, Açorianos! Pela paz à terra unida.	

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Rua da Mãe de Deus

9500-321 Ponta Delgada

Açores, Portugal